



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE CAMPUS FORTALEZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

GEÓRGIA SAMPAIO ZARANZA

**NARRATIVAS DE VIDA POR ENTRE MEMÓRIAS DE QUINTAIS: DAS
REINAÇÕES-CRIAÇÕES DE MENINA À PROFESSORA DE SI**

FORTALEZA

2025

GEÓRGIA SAMPAIO ZARANZA

**NARRATIVAS DE VIDA POR ENTRE MEMÓRIAS DE QUINTAIS: DAS
REINAÇÕES-CRIAÇÕES DE MENINA À PROFESSORA DE SI.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *Campus* Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Artes. Área de concentração: Ensino-Aprendizagem em Artes.

Orientador (a): Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Z36n Zarana, Geórgia Sampaio.
Narrativas de vida por entre memórias de quintas: : das reinações-criações de menina à professora de si /
Geórgia Sampaio Zarana. - 2025.
124 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Aperfeiçoamento de Professores para a Educação
Inclusiva, Campus Fortaleza, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Luciano Germano Goldberg.

1. Narrativa (auto)biográfica. 2. Processos criativos. 3. Quintais. 4. A/r/tobiografia. I. Título.
CDD 371.9

GEÓRGIA SAMPAIO ZARANZA

**NARRATIVAS DE VIDA POR ENTRE MEMÓRIAS DE QUINTAIS: DAS
REINAÇÕES-CRIAÇÕES DE MENINA À PROFESSORA DE SI.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *Campus* Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Artes. Área de concentração: Ensino-Aprendizagem em Artes.

Orientador (a): Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEDICATÓRIA

Figura 1 – As cores e suas complementações... as histórias de vida-quintais das professoras



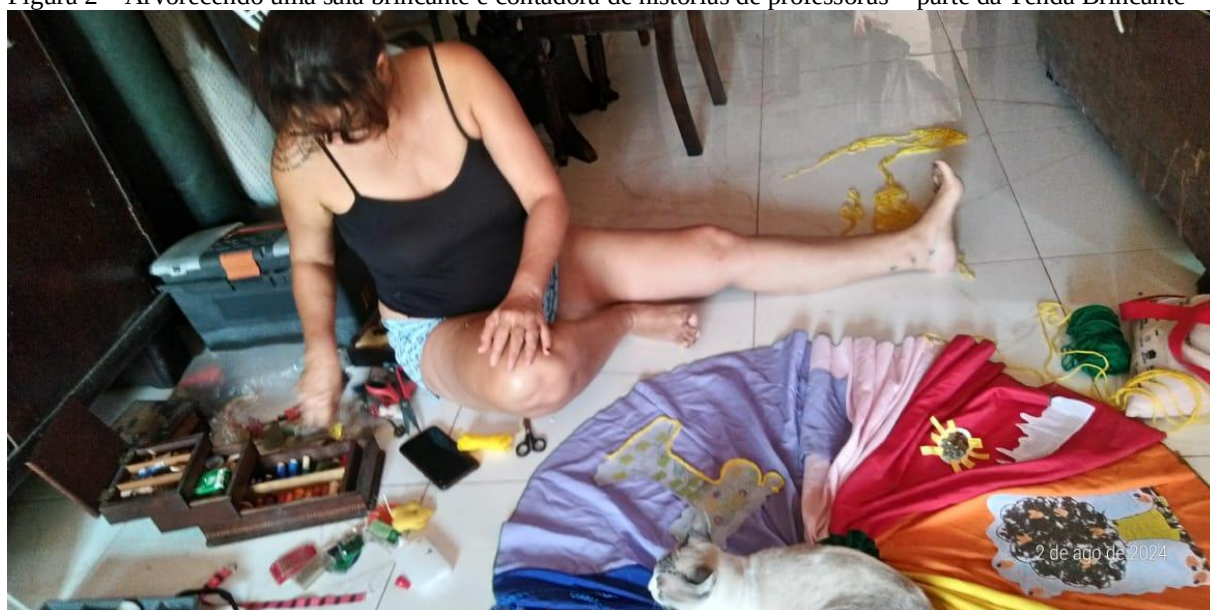
Fonte: acervo pessoal.

Na poesia *Portão* (Zaranza, 2021), do livro *Poesiarte com as infâncias: poesias para bebês e crianças I*, procuro trazer a imagem que possuo sobre o olhar daquela menina curiosa ao sair pelo portão de casa e ir caminhando pelas ruas; às vezes, para a igreja de São Benedito, na rua Clarindo de Queiroz, bem próximo à casa onde cresci; às vezes, para a casa da avó paterna, Cândida (a vovó Candinha), para comprar camarão sossego com minha mãe, na casa do pescador magro e seus muitos filhos dividindo espaço com caranguejos vivos e outros bichos naquela rua; observando os movimentos/conversas por trás das portas e janelas das casas pelas quais passava, espichando o pescoço, saindo da rua Tristão Gonçalves até a rua Agapito dos Santos. Descartados pelas coxias das ruas, as cores dos papéis de bombons, suas composições, sem nem saber que poderiam ser chamados plasticidade/ampliação do acervo visual do olhar infantil, de uma criança estranha.

Lembro dos dias em que sapato virava barco para chegar à escola, pois atravessava a rua Duque de Caxias feito rio grande. Das descobertas minúsculas nas pequeníssimas coisinhas que via, nos buracos tão amigos de quem tem tamanho menor, ao escavar, no quintal, em busca dos tesouros, no *tomatear* das sementes *estourantes*. Na lógica improvável do jeito de fazer/brincar das crianças. Dos gigantes-anões-mineradores e suas pedras preciosas e a ajuda que meu filho teve destes seres fantásticos dos contos nórdicos e, posteriormente, do *Senhor dos Anéis* (quando conhecia as histórias dos personagens com meu filho). Então...

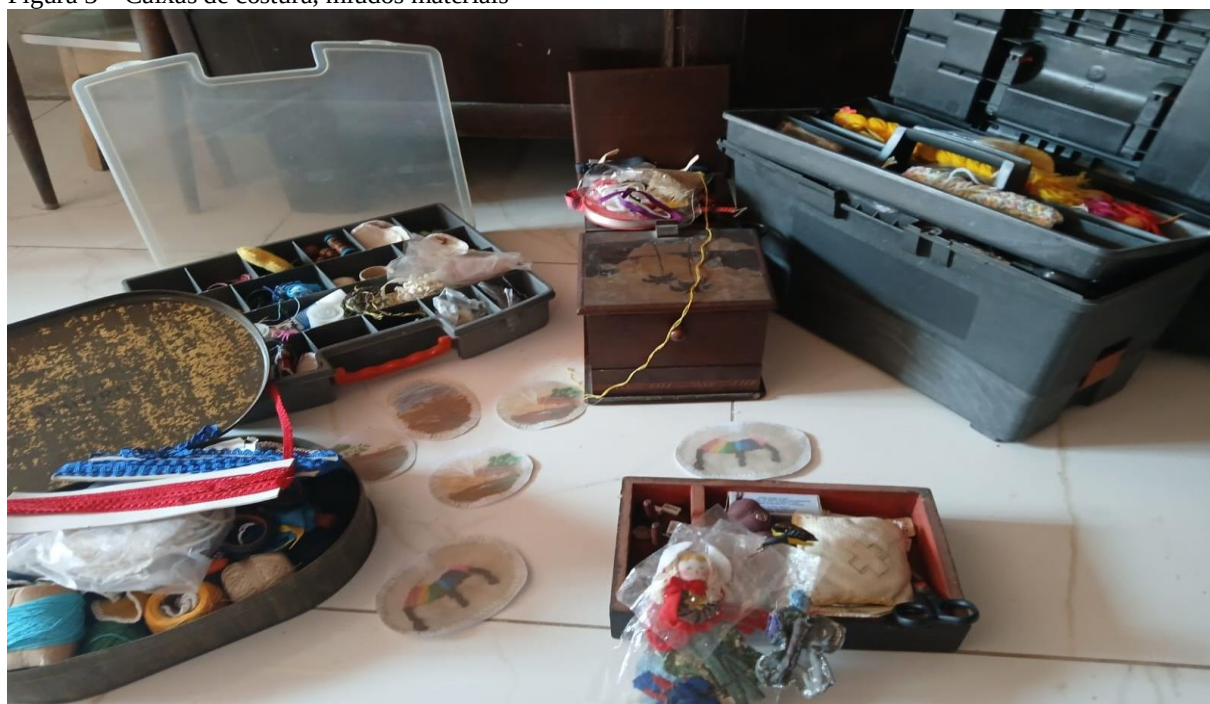
Dedico este trabalho tão visceral às percepções que só se permitem aqueles que vivem as experiências do ser e estar com/como crianças de corpo inteiro, sem a pretensão de educar ou agir conscientemente, com propósitos firmados, mas realizando cotidianos e seus infinitos processos vívidos. Dedico a todos e todas que me possibilitaram trazer tudo isso em mim. Dedico aos multiespaços/quintais que ecoam em tudo que realizo como professora-aprendente até os dias atuais e, com certeza, os vindouros.

Figura 2 – Arvorecendo uma saia brincante e contadora de histórias de professoras – parte da Tenda Brincante



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3 – Caixas de costura, miúdos materiais



Fonte: acervo pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos 5 cinco (mil) elementos da natureza.

A todas as deusas que perseveraram em minha vida, nas amigas, professoras, orientadora, banca, em seus nomes belos e suas forças diferenciadas. Presentes.

Aos meus ancestrais todos.

Ao meu filho professor-amor-amigo.

À minha querida orientadora azul e todas as demais cores que emanam dela: Luciane Germano Goldberg.

Agradeço.

Ao PPGArtes, na figura da coordenadora Lourdes Macena, exemplo de amor ao ser o que se é.

Ao Observatório de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, pela confiança.

À artista Cris, que tanto me instiga a aprender mais e que faz parecer que a conheço há muitos anos.

Às queridas professoras e queridos professores inesquecíveis e, particularmente, essa especial banca: Ângela B. Linhares e Jeannette Filomeno Pouchain Ramos.

Ao carinho, atenção e correções da professora e parceira de plantio, Hebe Macedo.

Agradeço.

Agradeço às contradições e contribuições à continuidade da vida a me melhorar.

Ao quase inútil.

Aos passarinhos que me acordam junto com o Sol.

Agradeço.

Às cores e às ausências delas.

À morte e vida de cada fim/começo/fim.

Ao calor, ao frio, ao xixi na cama, ao bico até menina maior, ao vivido na rua Tristão Gonçalves, 1153, na casa de portas altas e quintal comprido... de pimenta longa, limoeiro e goiabeira de miolo branco do quintal vizinho. Ao terreno baldio e todos os mistérios que pude revelar escavando buracos/portais.

Às aulas de ciências, à clorofila, ao Chico Ciências – segundo Ariano Suassuna –, à risoflora bela e ainda resistente e que pede socorro. Ao apoio da minha mãe nas leituras das matérias de manhã cedinho, quando era uma menina quase leitora e precisava de ajuda.

Aos pauzinhos, pedrinhas, areias, flores, folhas, por baixo do azul clarinho do céu, na

estética infantil de criar, com os restos delicadezas.

Agradeço.

Às coisas esquecidas, meio tortas, mas existentes, e/ou escoradas nas paredes.

À lavanderia/sala de experimentos. Ao quase nada. Ao nada.

Às coisas belas. Às coisas boas. Ao Amor perseverante.

Às rezadeiras, curandeiras, cozinheiras, doceiras, rendeiras...

ÀS FADAS DE JASMIN.

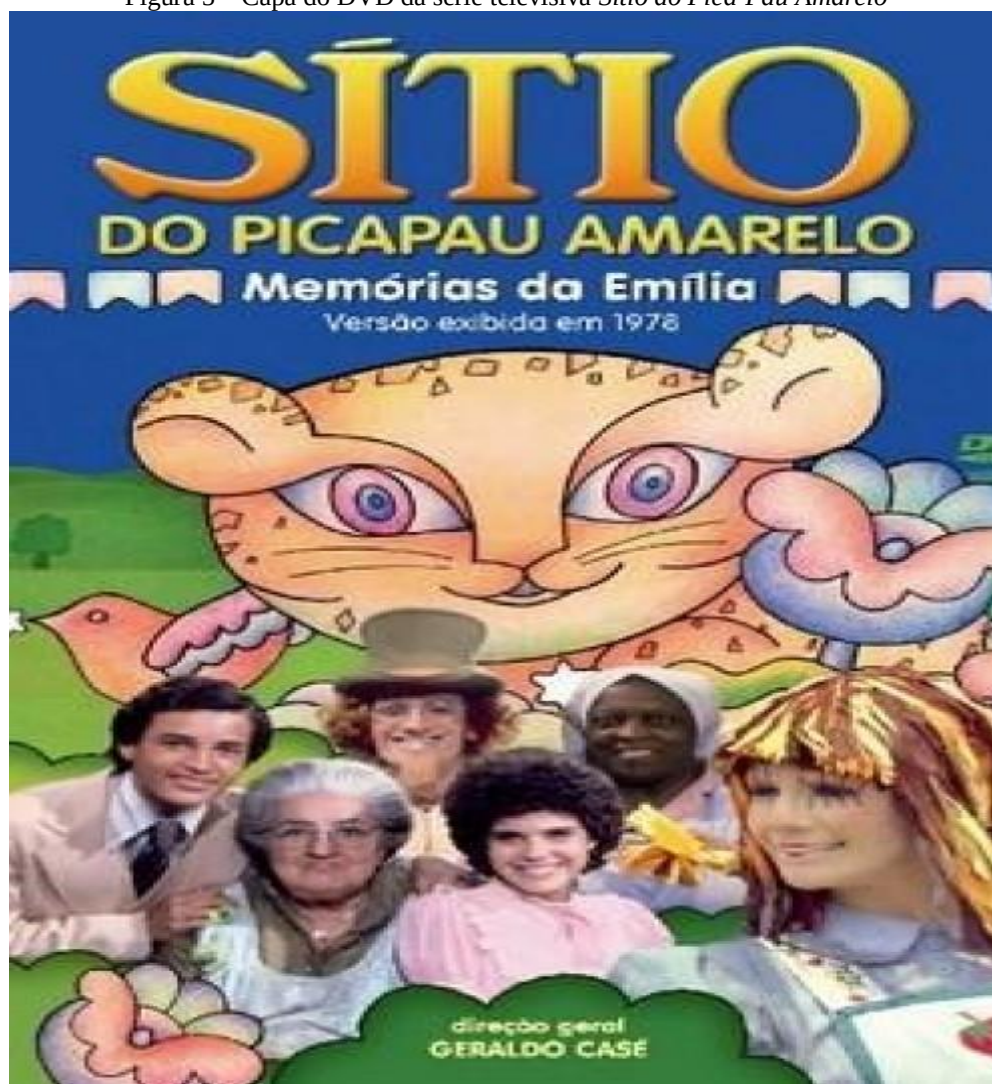
Elas existem!

Figura 4 – As bonecas de Dona Biá (Campos Sales). Uma Fada de Jasmim: outra narrativa



Fonte: acervo pessoal.

Figura 5 – Capa do DVD da série televisiva *Sítio do Pica-Pau Amarelo*



Fonte: Google Imagens.

“UMA VEZ

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão – a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê. A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala. Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessada estava achando aquilo” (Lobato, 1985, p. 4).

RESUMO

A presente pesquisa traz a metáfora dos quintais como elementos reflexivos/ativos/(trans)formativos da docência na educação e, especialmente, na educação infantil, por onde percebi claramente sua importância enquanto professora polivalente sem o temor de ser onírica. Foi por meio dos quintais, sendo professora das infâncias, estando com elas ao longo dos diversos trajetos, que me construí, me ofereci/desafiei-me. Possuem o frescor que transforma saberes, sabores, criações corriqueiras e artes em processos basilares para a vida, o trabalho, o fazer pedagógico se tornarem prazerosos, afetuosos e revolucionários cotidianamente. Eles residem no jeito menina de perceber os materiais que nos circundam, nos amplos processos de elaboração e reelaboração dos chamados conteúdos indispensáveis e suas não separações do estar vivo, ou melhor, como contribuinte da/na docência, inevitavelmente sensível e revolucionária, com as crianças de todas as idades, de importância vital, sempre em cores diversas. Trata-se de uma pesquisa (auto)biográfica (Josso, 2001; Delory-Momberger, 2012; Ferrarotti, 1991; Pineau, 2006; Pimentel, 2006) que, em diálogo com a A/R/Tobiografia (Irwin, 2004), propõe a produção de narrativas (auto)biográficas da professora da educação infantil atravessada pelos quintais, das reações-criações eternas da menina viva na professora brincante em mim, brincante como uma artista das coisas que podem ser científicas sem esforço e buscando refletir sobre como estes processos criativos e formativos se tecem por meio dos aprendizados dos quintais vividos e trazidos/re-trazidos/reconfigurados na memória e nas construções-reconstruções eternas/internas/extras do ser. Memórias-histórias como saberes vividos e que permanecem nos dias atuais no ser/estar professora da Educação infantil presente (nos dois sentidos) dos despertares das experiências vividas e que, por meio das narrativas (auto)biográficas, podem ser entrelaçadas com as demais narrativas e percebidas como *arte vita* florescentes (fluorescentes em seus apelos constantes) nestes processos de criar-aprender-ensinar-recrutar. Utiliza como dispositivo para a produção das narrativas (auto)biográficas individuais/coletivas o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), de Olinda (2018), unido à A/R/Tografia (Irwin, 2004), em diálogo com Bezerra (2022), o que gera o Círculo Reflexivo A/R/Tobiográfico (CRA), que propõe a produção de artefatos artísticos como enlaces narrativos da experiência de ser artista/professora/pesquisadora de si, compondo o círculo cromático da Tenda Brincante em um quintal. Por fim, constrói relicários (objetos de memórias) feitos com a junção dos artefatos artísticos criados, registrados, (re)sentidos e refletidos nesse processo de pesquisa menina-professora, procedendo à uma exposição dessas produções. Teoricamente, dialoga com Linhares (1999), Vygotsky (1998), Ostrower (2001), organicamente conduzida às

complementares ranhaduras no que nos é aparente. Como resultados, essa pesquisa traz outras formas de compreensão da importância do processo autobiográfico e A/R/Tobiográfico para a auto-hétero-eco-formação (Pineau, 2006) docente, identificando a energia vital dos quintais, nas brincadeiras de fazer e refazer, na perseverança de manter o pulsar das criações cotidianas e espontâneas e/ou reelaboradas ao longo do estar vivo(a), para também nas salas de aula, em pequenos gestos/realizações, nos lugares aparentemente não potentes de aprendizados, à educação que se quer artística, poética, potente, cheia de belezas e essencialmente inclusiva.

Palavras-chave: Narrativa (auto)biográfica. Processos criativos. Quintais. A/r/tobiografia.

ABSTRACT

This research brings the metaphor of “backyards” as reflective/active (trans)formative elements of teaching in Education, here especially, in Early Childhood Education, where I clearly realized its importance as a multipurpose teacher without the fear of being dreamlike. It is through the “backyards that being a teacher of/with children and with them along the various paths that I offered/challenged myself with; They have the freshness that transforms knowledge, flavors, everyday creations and arts into basic processes for life/work/pedagogical activities to become pleasurable, affectionate and revolutionary on a daily basis. They reside in the children's way of perceiving the materials that surround us, in the broad processes of elaboration and re-elaboration of the so-called indispensable contents and their non-separation from being alive, or rather, as a contributor to/in the inevitably sensitive and revolutionary teaching with children of all ages of its vital importance, always in different colors. This is an (Auto)Biographical Research (Delory-Momberger, 2007; Ferrarotti, 1991; Pineau; 2006; Pimentel, 2006) which, in dialogue with A/R/Tografia (Irwin, 2004) proposes the production of (auto)biographical narratives of the Early Childhood Education teacher crossed by the “backyards”, of the eternal reigns-creations of the living girl in the playing teacher in me, playing as an artist of things that can be scientific without effort and seeking to reflect on how these creative and formative processes are woven through the learning of lived and brought-rebrought-reconfigured backyards in memory and in the inter-extra eternal constructions-reconstructions of being. Memories - Stories as lived knowledge that remains today in being/being an Early Childhood Education teacher present (in both senses) of the awakenings of lived experiences, and which through (auto)biographical narratives can be intertwined with other narratives and perceived as “flourishing” ARTE VITA (fluorescent in its constant appeals) in these processes of creating-learning-teaching-recreating. It uses as a device for the production of individual/collective (auto)biographical narratives the Biographical Reflective Circle (CRB) of Olinda (2018) together with A/R/Tografia (Irwin, 2004), in dialogue with Bezerra (2022), which generates the A/R/Tobigraphic Reflective Circle (CRA), which proposes the production of artistic artifacts as narrative links of the experience of being an Artist/Teacher/Researcher of oneself, composing the color circle of this “Playing Tent” in a backyard. Finally, it intends to build reliquaries (objects of memories), made with the combination of artistic artifacts created, recorded, (re)felt and reflected in this girl-teacher research process, proceeding with an exhibition of these productions. Theoretically, it dialogues with authors such as Linhares (2003), Vygotsky (1998), Ostrower (2001), organically

conducting the complementary grooves in the that is apparent to us. This research is expected to show other ways of understanding the importance of the autobiographical process A/R/Tobigrafico for teaching self-hetero-eco-formation (Pineau, 1988), identifying the vital energy of backyards, in the games of doing and redoing, in the perseverance of maintaining the pulse of daily and spontaneous creations and/or re-elaborated throughout life, also in classrooms, in small gestures/accomplishments, in places apparently not powerful for learning, in Education that wants to be artistic, poetic, powerful, full of beauty and essentially inclusive.

Keywords: (auto)biographical narrative. Creative processes. Yards. A/r/tobiography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – As cores e suas complementações... as histórias de vida-quintais das professoras ..	4
Figura 2 – Arvorecendo uma saia brincante e contadora de histórias de professoras – parte da Tenda Brincante.....	5
Figura 3 – Caixas de costura, miúdos materiais	5
Figura 4 – As bonecas de Dona Biá (Campos Sales). Uma Fada de Jasmim: outra narrativa ...	7
Figura 5 – Capa do DVD da série televisiva Sítio do Pica-Pau Amarelo	8
Figura 6 – Geórgia com 1 ano em seu vestido azul marinho bordado.....	16
Figura 7 – Zaranza e Sampaio se unem (Espanha e Portugal, Aracati e Cascavel)	17
Figura 8 – Montando tecido amarelo, com direito a retalhos dos vestidos de minha avó Sulamita.	18
Figura 9 – Casa 36, onde o Ariel cresceu, onde o <i>Atelier Empório do Reino</i> nasceu, onde o sonho da Tenda Brincante me foi ofertado. Tudo Quintal!.....	19
Figura 10 – Altar do Amor. Coleção <i>Empório do Reino</i> . Atelier caseiro desde de 2001: uma necessidade de sobreviver aos dias. Na imagem, pintura em óleo sobre papel (1964), um presente da minha mãe para meu pai e deles para meu filho, Ariel, ao nascer.	20
Figura 11 – Adereço de bonecos(as): personagens de histórias vividas	23
Figura 12 – Pé de Neide, Pé de Janice, Pé de Paloma – Árvore do CRB/CRA	29
Figura 13 – Materiais não estruturados: sucatas ? Nos restos de tudo, crio e ofereço criação como adulto que guarda a criança curiosa	33
Figura 14 – Por entre materiais, cortantes, pintantes e colantes.....	35
Figura 15 – MariaMãe e eu: grande inspiração	36
Figura 16 – CRB/CRA no Círculo Cromático da Tenda Brincante com professoras convidadas	37
Figura 17 – Mandala de lembranças de si	39
Figura 18 – Colégio Imaculada Conceição: compõe o conjunto arquitetônico da Praça Figueira de Melo, no Centro de Fortaleza.....	50
Figura 19 – Nas brincadeiras de quintal, muito se realiza internamente e eternamente.	54
Figura 20 – Na magia das criações: vestido amarelo da coleção <i>Mosaico de Nós</i> , lançamento no Café Lima Verde.....	55
Figura 21 – Cartão-postal (1999).....	56
Figura 22 – Saias de fita e cipós. Companhia de dança Vidança. Figurinos espetáculos: Mangue Memórias da Pele.....	58

Figura 23 – Dentro da Tenda Brincante: o grupo Edisca participa de uma contação de histórias (VII Bienal Internacional do Livro do Livro, 2007).....	61
Figura 24 – Árvores-Artefatos aplicadas à saía-brincante, compondo o gomo verde do Círculo Cromático na Tenda Brincante	62
Figura 25 – Um convite para partilhar	66
Figura 26 – A segunda das árvores. Quatro CRB ao longo do processo, feito a lápis, me autoavalio, avalio tudo.	69
Figura 27 – Laboratório de cores: exposição de um quintal	70
Figura 28 – Oficina de criação e construção de personagens, bonecos de rolinhos de retalho	71
Figura 29 – Encontros e preparação da sala-quintal na Casa José de Alencar.....	73
Figura 30 – Visita dos(as) estudantes AEE ao Meu Quintal (setembro de 2024).....	75
Figura 31 – Defesa da dissertação, um quintal e artes reunidas-religadas.....	77

LISTA DE SIGLAS

ASIHVIF. Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação

AEE Atividades Educacionais Especializados

CJA Casa José de Alencar

CRA. Círculo Reflexivo A/R/Tobiográfico

CRB. Círculo Reflexivo Biográfico

DIAFHNA. Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas

EMFMD. Escola Municipal Francisco Maurício Mattos Dourado Escola Municipal Francisco Maurício Mattos Dourado

EMTI JC Escola Municipal de Tempo Integral José Carvalho

FACED. Faculdade de Educação

FUNCI. Fundação da Criança e da Família

SME. Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

TCLE. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFC. Universidade Federal do Ceará

XCIPA. X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

SUMÁRIO

1 ARVORECER DA SEMENTE: UM PINGO DE OURO, UM VIDRO DE CLOROFILA, UM PRATELEIRA DE CORES: POR ENTRE EXPERIÊNCIAS DE SER.....	16
1.1 A pesquisa (Auto)Biográfica e a A/R/Tobiografia: uma história, um desenho e encontro de saberes-sabores-cores	25
2 BORDANDO SEMENTES DO SABER NA PESQUISA: UM EXPERIENCIAR QUINTALZANTE	31
3 A MENINA-CRIADORA-PROFESSORA DE SI: O QUE REVERBERA.....	42
3.1 Quintal-brinquedo.....	42
3.1.1 A cabana limoeiro	46
3.1.2 O laboratório de cores	49
3.1.3 Professora-menina: MARIA	50
4 PORTAL DA MENINA-MULHER-ARTISTA-PROFESSORA.....	53
4.1 Prainha do Canto Verde: arte de viver	56
4.2 Empório do Reino: vestir-se de brincar	57
4.3 Em uma espiral de cores herança do quintal-criança: uma Tenda Brincante.....	60
4.3.1 A Tenda Brincante e seu Círculo Cromático como produto da pesquisa de mestrado – Encontros e então: Relicários de artefatos/ histórias de ser.....	63
4.3.2 Meninas-professoras-brincantes de quintais: arvorecendo	65
5 RELICÁRIOS DE QUINTAL: CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE A – ACORDO BIOGRÁFICO	81
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	86
ANEXO 1 - PROJETO DE EXTENSÃO	88

Figura 6 – Geórgia com 1 ano em seu vestido azul marinho bordado



Fonte: acervo pessoal.

1 ARVORECER DA SEMENTE: UM PINGO DE OURO, UM VIDRO DE CLOROFILA, UM PRATELEIRA DE CORES: POR ENTRE EXPERIÊNCIAS DE SER

Pingo de ouro, era assim que meu avô materno me chamava. Acho tão significativo e, ao mesmo tempo, tão amoroso, feito uma flor dos solos dos sertões; poderiam me chamar de *Vem-Vem* (passarinho miúdo dos campos), *Olívia Palito* (personagem do desenho *Popeye*) ou *Kichutes Andantes* (pois os *pisantes* eram mais robustos de quem os calçava).

O meu nome é Geórgia, surgido de uma das atrizes preferidas de teatro e telenovelas do meu pai (trago uma lembrança da Geórgia Gomide). O Sampaio tem origens em Portugal, mas com traslado para Cascavel, Ceará. Zaranza é de origem basca, espanhola, mas migrando para para Aracati, também parte do leste dos litorais cearenses, nessas misturas primordiais do nosso povo brasileiro.

Feito as artes... tecidos crus... bordados... fitas de cetim. Entre esses apetrechos, influências originárias, sinto-me uma velha menina brincante, mulher em mutação, artesã por entre cascas e nos basculhos¹, por entre quintais desafiadores e potentes de invenções, em mim até hoje. Esses quintais propiciam criações cotidianas intensas. Posso dizer que sou uma artista de existir, mãe do menino-homem que é um caso de poesia (Ariel), pão de mel, vinte e poucos anos. Como quando ele me ensinou a fazer pães integrais e outras delícias, doces ou salgadas,

¹Termo popular cearense, que significa ‘*estes restos das coisas todas*’, isto é, resíduos sólidos, recicláveis ou não.

para comermos juntos nos cafés da manhã, na mesinha da garagem-varanda da casa onde ele cresceu, em domingos cheios de sol. Sim, aqui proponho um texto acadêmico em que a primeira pessoa do discurso possa ser utilizada como saber e provocadora de outras possibilidades. Importante dizer que a minha forma de expressão é um exercício de escrita poética, acadêmica e singular. Talvez uma forma de costurar os retalhos de múltiplas ideias como em um tecido. Escrevo a partir das memórias, das experiências/vivências, dos estudos afins, da magia da sinergia, das possibilidades que se fundem.

Figura 7 – Zaranza e Sampaio se unem (Espanha e Portugal, Aracati e Cascavel)



Fonte: acervo pessoal.

Sou professora de crianças e de professoras de crianças, concursada, no ano de 2001, pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME), com mais de trinta anos de trabalho como educadora e como gente que busca superação, desde pequenina, nas essências de si, pois tive muitos desafios pessoais não cuidados: tive dificuldades na aquisição da leitura, na coordenação tempo interno/tempo externo, no estar com os outros, na troca das letras e na elaboração da escrita. Era/sou diferente, como todos somos. Então, criar esquemas para superar/apreender foi indispensável, e neles ressurgem as memórias criativas na liberdade imaginativa em ação (como faz de conta) como lúdico dito/feito/refletido/refeito pelos quintais que proponho espalhar.

Muitas histórias compõem essa história de ser, as quais são especiais e as trago comigo

para construirmos reflexões sobre as narrativas que guardam sistemas vitais preciosos e que podem misturar-se e ampliar-se em encontros muitos, com outras gentes e suas singulares narrativas plurais, em ressurgimentos brincantes ou criadores.

Realizo um trabalho híbrido, misturado, um trabalho de uma arte-educadora, arte-terapeuta, professora de crianças, de pré-adolescentes, de adolescentes, de adultos, de professores e professoras, de cuidadores e cuidadoras de crianças. Uma trajetória de coleta/reflexão/ação de histórias de vida, pois sempre senti, em meu coração, que as histórias de vida, por entre dores e alegrias, acertos e nem tanto, levam-nos a encontros com saberes profundos, que não podemos esquecê-los, pois estão entranhados nos nossos genes e compõem histórias, muitas e misturadas, entre os ontens e os hojes do que somos essencialmente.

São marcas, sinais pineais², que mostram elaborações e reelaborações, tanto de ancestrais, como de experiências empíricas atuais; marcas das formas de ser e de fazer e lugar onde nos ressaltamos constantemente, atualizamos novos caminhos. Quem sabe, são marcas que podem apontar caminhos futuros sonhados.

Essas construções/questões surgiram dentro de mim, ecoantes e, quando estive como formadora de professoras da educação infantil, passaram a inquietar-me mais e mais. Percebia as histórias de vida das professoras intrinsecamente ligadas ao cotidiano de suas ações positivas (e não tão positivas) e, assim, também ao longo da minha história de artista, construí várias trajetórias de arte-educação e história de vida.

Figura 8 – Montando tecido amarelo, com direito a retalhos dos vestidos de minha avó Sulamita.



Fonte: acervo pessoal.

² Glândula cerebral, como um cristal, capaz de reunir, fazendo uma fusão, o passado e o vivenciado.

Bordo essas narrativas (minhas e de tantos) procurando revelar um estado espiralado de acontecidos, refletidos nos formatos e nas cores, os quais os percebo dizendo que sou uma professora que acredita em histórias-tempos, que permitam às crianças criarem seus espaços de brincar-viver com os materiais disponíveis em seu entorno especialmente, pois sou exemplo disso (dos quartos às salas, dos corredores mínimos transformados). Os quintais, feitos, às vezes, nos monturos, naqueles montes de tudo, restos de restos, depositados em buracos no fundo dos terreiros, como havia nas casas de antigamente, uma festa para pintos e crianças arteiras.

Quão criadores são ainda em nós os quintais reverberantes de significados? Quão necessários às professoras que, assim como eu, percebem-se criadoras nas elaborações de quintais? Quantas seremos nós? Quantas nos moldamos a não ser? Quantas rejeitam esse lugar em dores e por quê? Essas questões podem não trazer questionários difundidos pelas redes sociais, nem tabelas explicativas e/ou gráficos contundentes, pois não temos essa intenção; porém, permitem-nos reflexões/ações, daquelas em que se viabilizam os portais de tempo-espaço, da visualização de obras em fazeres pedagógicos e/ou cotidianos que se concebem entranhadamente, sem precisar de fins e começos rigidamente fixados, o que iremos conversar mais adiante nesta dissertação.

Figura 9 – Casa 36, onde o Ariel cresceu, onde o *Atelier Empório do Reino* nasceu, onde o sonho da Tenda Brincante me foi ofertado. Tudo Quintal!



Fonte: acervo pessoal.

Ações pedagógicas cotidianas, em nuances de ações, são como elaborações e fruição de produções artísticas, como menciona Pimentel (2006) sobre a cognição imaginativa. A autora elucida a dependência da articulação entre a percepção, a emoção, a sensibilidade, a investigação, a reflexão e a imaginação. Esta é, para ela, o elemento que assume papel fundante na construção cognitiva do fazer artístico e que, correlacionado com o fazer pedagógico, desenvolve sentidos metafóricos, tensiona imaginação e imagem. Assim, considero importante elencá-los neste trajeto de entendimentos e penso: como construir trajetos de elaboração de conhecimentos interligados ao experienciar com o corpo inteiro?

E quanta inquietação percebida (mesmo que, muitas vezes, não revelada, como professora nas salas da educação infantil, como professora que visitava outra professora em sua sala, como observadora de si no outro) nas explicitações silenciosas, ou nem tanto, das criações realizadas nos quintais que compõem a vida cotidiana, das criações mais simples às mais elaboradas, nas evidências da potência artística existente nessas criações corriqueiras que enriquecem as histórias de vida e o fazer pedagógico usual, principalmente quando são histórias construídas com as crianças, como quem serve um chá ou um café, para bonecas, nas brincadeiras de casinha, ou para uma visita em casa.

Figura 10 – Altar do Amor. Coleção *Empório do Reino*. Atelier caseiro desde de 2001: uma necessidade de sobreviver aos dias. Na imagem, pintura em óleo sobre papel (1964), um presente da minha mãe para meu pai e deles para meu filho, Ariel, ao nascer.



Fonte: Cris Soares – Março de 2024

Recém-formada e recém-mãe, tornei-me professora concursada, com 100 horas-aula, da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Fui lotada em um anexo escolar³ na comunidade do Dendê, no bairro Edson Queiroz, ligado à Escola Municipal Francisco Maurício Mattos Dourado (EMFMD). De imediato, percebi que estava em um local sem poder criar coisas belas, livres das construções amarradas às grades curriculares ou aos padrões oficiais e, mesmo assim, ligada a eles. Estava trabalhando em espaços sem pátios, espaços cheios de carteiras antigas de madeira pesadíssimas, sem banheiros adequados para as crianças ou para os(as) professores(as), sem pia para lavar as mãos. Enfim, notei que estava sem a Arte. Sem a graduação na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), de 1991 a 1999, com o aprendizado de duas greves gerais; sem o movimento estudantil e sem a parceria com o Instituto Terramar⁴, de 1997 a 2017, aproximadamente, como currículo extra, não teria conseguido exercer minhas funções e, talvez, teria desistido, como fizeram tantos e tantas colegas.

Tanto lecionando para crianças como contribuindo com projetos e programas institucionais, aprendendo/ensinando, é necessário compreender de forma profunda as estruturas institucionais, adentrando-as não apenas para percebê-las, mas para realizar em nós mesmo tensões nas aparências, nas reconstruções de muitos tempos internalizadas. Ansiando um porvir, que mostremos o mais profundo/fecundo dos saberes misturados, de modo mais consciente, e busquemos os diálogos aprendentes e ensinantes, assembleias para construir conteúdos em práticas também fora das salas de aula e por elas, com o componente concreto da arte como elementarmente ciência. Renasçam formações/profissões-professoras(es). São tantos nessa peleja amorosa de viver/fazer/ser.

Fischer (1966), em seu estudo sobre a necessidade da arte, pronuncia-se sobre as nuances do viver cotidiano e sua potência criadora, mas admite suas possíveis amarras. Para ele, “a alienação do homem de seu ambiente e de si mesmo tornou-se tão avassaladora sob o capitalismo, a personalidade humana (superados os limites que lhe eram impostos pelo sistema medieval de classes) percebeu de maneira tão violentamente clara o furto da liberdade” (Fischer 1966, p.118), que as pessoas “foram levadas a rejeitar inevitavelmente nas suas obras de criação o sistema capitalista vitorioso” (Fischer, 1966, p.118).

Reconheço as amarras escritas e tão largamente debatidas e ainda atuais. Sempre as vi

3 Os anexos escolares eram, em geral, casas alugadas ou cedidas das associações de moradores dos bairros periféricos, mais próximos dos locais de moradia, em algumas comunidades, sem estruturas básicas necessárias para o funcionamento de creches e/ou escolas.

4 Ocupa-se com a afirmação dos territórios, culturas e modos de vida, apoio às iniciativas de fortalecimento de sistemas e tecnologias tradicionais de uso e ocupação dos territórios e ecossistemas marinhos-costeiros; de expressões artísticas e festivais e a iniciativas produtivas comunitárias baseadas na autogestão do território.

e, contudo, reconheço que as provoquei em reproduções às avessas. As práticas são enlaces desses caminhos internos, estudos e crenças, desejantes e/ou conservadores em nós, e narram cotidianos. Assim, como professora, negocio lugares e tempos, hoje, cada vez mais consciente do sistema que habita em mim, das contradições pujantes, em valiosas oportunidades, mas para garantir que alguns pilares preservem substâncias essenciais dessas alquimias naturais-artificiais.

Levo contos de fada e desenhos livres, pinturas com multimateriais aos olhares tão desinteressados das comunidades periféricas (como outrora fizera no Dendê-Edson Queiroz, no Jardim das Oliveiras, no Papicu, no Itamarati, no Vicente Pinzón, no José de Alencar, em tantas instalações institucionais em bairros suburbanos bastante vulneráveis onde estive e atuei), seguindo por canções tradicionais e populares e infantis, brincadeiras-brinquedos. Chego a artes do desvendamento de quem sou: artista, mãe, amante, educadora também de mim.

Assumo aprendizados-narrativas dos caminhos, que podem ser considerados, hoje, mais valorosos, como as negociações convergentes devem ser pautadas pela significância, pois as grandezas só podem sê-las se compostas de milhares de miudezas. Capturo os estudos das infâncias como mentais-corporais, na carência de degustá-los, como fazem os bebês (e precisamos aprender com eles sobre como construir saber e não os perder sem propósito), e continuamente os busco nas formações, institucionais ou não. Reergo a fragmentada ponte entre aquela realidade ofertada nas formações e aquela atestada dentro das salas de aula, na compreensão de dar aula (como dar e receber conhecimentos variados, opostos, novos). Como o poeta-filósofo das coisas miúdas ou das essências dos nada, mergulhadas nos ambientes tamanhos e insistentes,

[C]arrego meus primórdios num andor. Minha voz tem um vício de fontes. Eu queria avançar para o começo. Chegar ao criancamento das palavras. Lá onde elas ainda urinam na perna. Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos. Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem (Barros, 2010, p. 339).

Assim, o poeta voa e nos conta:

Pegar no estame do som. Ser a voz de um lagarto escurecido. Abrir um descontínuo para o arcano. Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras. Sou formado em desencontros. A sensatez me absurda. Os delírios verbais me terapeutam. Posso dar alegria ao esgoto (palavra aceita tudo) (Barros, 2010, p. 339).

Insisto minuscilmente, curiosa de criar, nas pequenas grandes coisas, sopros maravilhosos em meus próprios pulmões, para continuar existente, gratificante desse processo dissertativo onde recupero, sem tinta vermelha, os saberes-quintais, expondo pormenoridades, sem esquecer que posso falhar os tons sobre tons infinitos. Um caminhar docente a mais, uma

ousadia singular em realizar criações como criança e para criança, por vezes, de corpo inteiro.

Figura 11 – Adereço de bonecos(as): personagens de histórias vividas



Fonte: acervo pessoal.

Chego, assim, à firmeza das lapidações do meio, bendito como obrigatório desvio para sonhar mais e ter a Arte nas veias ancestrais do inconsciente. Essas lapidações foram tantas, algumas tão violentas, potencializando deslocamentos de experiências profissionais, de re-existência e de paralisações intensas, em dores, doenças, tristezas e cansaços. Nadei/nado no rio das emoções, vulnerável feito o fundo dos rios/ambientes úberes,

[...] onde o conhecimento é uma construção, e para existir é preciso intencionalidade inerente à ação corpórea. Manifestações artísticas assumem intenção relacionada à estruturação de uma operação em contexto de atividades sensorio-motoras, pois criamos inseparavelmente do corpo que é parte do criador. A cognição pode ser entendida, então, como uma construção culturalmente corporalizada por meio da experiência. Nesse sentido, implica que corpo e mente sejam considerados unidade inseparável (Pimentel, 2006, p. 97-104).

Assim, tateei as etapas que considero significativas do meu fazer docente, por essa via artística e das reflexões advindas desses momentos históricos, vitais em suas espirais em leituras sociais, políticas, econômicas, emocionais, espirituais, chegando, assim, à presente pesquisa. Ampliaram-se em mim desafios desde os ambientes com potente aprendizado permanente (especialmente os quintais) e, por esse fio, percorro a tão desejada metodologia do auto dizer-se por meio dos métodos (auto)biográficos, em que pretendo refletir sobre as narrativas de vida

através de memórias de quintais e as reinações da(s) menina(s) que me levam a ser professora(s) de mim, mergulhando na minha história de vida, enquanto artista-professora-pesquisadora e encontrando laços e descompassos com as narrativas de vida compartilhadas por quatro professoras de educação infantil convidadas a também mergulharem em seus quintais e refletirem sobre as reinações de meninas a professoras de si.

Por isso, é indispensável destacar o indivíduo como ser social singular, ao mesmo tempo plural e universal, como processo de gênese e possibilidades de inovações no criar e no ser social, como afirma Delory-Momberger (2012), por meio das experiências e significações de existência, que contribuem produzindo e reproduzindo realidades sociais em linguagens, em sentido amplo, atualizando as operações de biografização e/ou pesquisa (auto)biográfica, aqui no Brasil. Nesse biografar-se, através dos processos reflexivos engendrados, acontece um processo autoformativo significativo, que fala de cada professora (eu e as demais), ao mesmo tempo em que representa o universo de muitas professoras da educação infantil em seus quintais, na busca de si e de práticas pedagógicas criativas e revolucionárias nos seus cotidianos.

A partir disso, questiono: quais reflexões posso fazer sobre cada narrativa, os encontros e desencontros dos processos criativos que permanecem e se reelaboram? O que constrói os aprendizados dos quintais que permanecem nos dias atuais, em novas produções/reproduções como professoras da educação infantil?

Diante dessa questão norteadora, o objetivo geral da pesquisa apresentada nesta dissertação é refletir sobre processos criativos e formativos que se tecem por meio dos aprendizados dos quintais vividos e que permanecem nos dias atuais no ser/estar professora-brincante-artista-pesquisadora através de narrativas (auto)biográficas. São estes os objetivos específicos:

- a) refletir, através das narrativas autobiográficas-A/R/Tobiográficas, sobre como os quintais permanecem nos processos de criação-reflexão-ação enquanto menina-professora-brincante-artista-pesquisadora;
- b) investigar em que medida os quintais das professoras convidadas podem ser registrados como elemento fundante no processo de autoformação por meio das experiências criadoras em si;
- c) citar as contribuições das reflexões das narrativas (auto)biográficas das professoras como apoio à dimensão dos quintais como lugar de criação;
- d) construir um relicário (objeto de memórias) feito com a junção dos artefatos artísticos criados, registrados e confeccionados pela pesquisadora para compor a Tenda Brincante.

Considero, na pesquisa, que essas reflexões criativas e seus processos também formativos, junto a professoras da educação infantil são um verdadeiro espaço de construção de si que é quintalzante⁵, isto é, que nunca desfez seu laço com as brincadeiras e criações realizadas nos quintais das suas infâncias. Compreendo, aqui, os quintais de uma forma mais ampla, metafórica, pois a compreensão de criação do brincar nos faz de forma instantânea estar nas criações de ontem, criações de brincar livre e, ao mesmo tempo, nas de hoje, por meio dos acervos experienciais arquivados nos juízos e entre gentes grandes e pequenas. Essas criações podem manifestar-se de infinitas formas em nosso cotidiano.

Por isso, não apenas proponho o que vem comigo como reflexão criadora sobre os quintais vividos, mas atualizo-o nesse olhar pesquisador em uma intervenção: a experiência na rede municipal de educação da cidade de Fortaleza, por meio da metodologia do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) de Olinda (2018) e a A/R/tografia (Irwin, 2004), derivando novas criações artísticas no entremear dos encontros em um Círculo Reflexivo A/R/Tobiográfico (CRA) (Bezerra, 2022), que detalho na próxima seção.

Esta dissertação estrutura-se em cinco partes (pois tudo se tece, compõe, decompõe e recompõe): neste capítulo, intitulado *Arvorecer da semente: um pingo de ouro, um vidro de clorofila, uma prateleira de cores: por entre experiências de ser*, apresento as reflexões, as justificativas para a realização da pesquisa, os objetivos e a metodologia; no capítulo 2, intitulado *Bordando sementes do ser na pesquisa: um experimentar quintalzante*, discorro sobre as experiências de quintal da pesquisadora como processo autoformador; no capítulo 3, intitulado *A menina-criadora-professora de si: o que reverbera*, explico como as criações de menina reverberam nas criações da professora que sou; no capítulo 4, intitulado *Portal da menina-mulher-artista-professora*, apresento narrativas das obras de arte geradas pelo quintal; no capítulo 5, intitulado *Relicários de quintal: considerações finais*, apresento as considerações finais do estudo.

1.1 A pesquisa (Auto)Biográfica e a A/R/Tobiografia: uma história, um desenho e encontro de saberes-sabores-cores

Para pensar processos de criação, utilizando auto-observação, refletir-se, perceber-se como construtores de sua história envolvendo a arte como meio de ação e atuação, esta pesquisa

⁵ O quintal, para mim, era como o remédio de minha mãe, reumática: sem ele, não conseguiria continuar a me mexer. Era e ainda é ele o grande provocador de vitalidade em muitos de nós, mesmo quando não nos percebemos. *Quintalzante* é a qualidade de reverberar criações em quase nada como obra/tudo, um bocado de força interna.

utiliza métodos (Auto)Biográficos, em diálogo com o fazer da A/R/Tografia. Sabemos que a compreensão dessas ações contextualizadas e de seus determinantes históricos é que possibilita a transformação das instituições. Nesse processo, o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas (Pimenta, 2006, p.179). Dessa forma, também se põem:

[...] as próprias teorias em questionamento, uma vez que são explicações sempre provisórias da realidade. A prática educativa é traço cultural compartilhado que tem relação com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições. Portanto, pesquisar a prática impõe-se como caminho para a transformação delas (Pimenta, 2006, p. 179).

No processo de pesquisar o estado da arte referente às questões que envolvem métodos (auto)biográficos, busquei os referenciais teóricos e o histórico de pesquisas biográficas como um deflagrador de processos de esclarecimento do trajeto metodológico. Os referenciais dos métodos biográficos que utilizo acolhem os autores que se referem a essa metodologia na pesquisa, tais como Ferrarotti (1991), Delory-Momberger (2012), Pineau (2006), Josso (2001), Vygotsky (1998).

A perspectiva biográfica, segundo Ferrarotti (1991), permite ampliarmos ainda mais nosso olhar acerca de uma relação singular-plural, que justifica o estudo de um coletivo, de um contexto social a partir de um sujeito/indivíduo, definindo a autonomia do método biográfico como contribuição significativa às ciências sociais. Assim como as estruturas de um nascimento de um ser coexistem com a própria sociedade estruturada e estruturante, nessa ambiguidade sociológica essencial é que as narrativas biográficas apresentam suas importâncias imensas, fundantes de férteis hermenêuticas. Afirma Ferrarotti (1991, p. 48):

o ato como síntese ativa de um sistema social, a história como social totalizada por uma práxis: essas duas proposições implicam um percurso hermenêutico visando ao universal por meio do singular, procurando o objetivo a partir do subjetivo, descobrindo o geral pelo particular.

E acrescenta:

O método biográfico anula a validade universal da proposição de Aristóteles: ‘Só há ciência do geral’. Não. Pode haver ciência do particular e do subjetivo. E, por outras vias – vias muitas vezes aparentemente paradoxais, essa ciência resulta num conhecimento geral (Ferrarotti, 1991, p. 48).

Assim, acionar as narrativas e, portanto, as memórias, as histórias de vida, reunidas, é também desvendar a criação em minúcias que nos fazem (re)existir, entre mortes e vidas, com fazeres aparentemente não ligados e que precisam de reflexão constante. São passos questionadores e, ao mesmo tempo, realizadores. Suas perguntas geram novas questões e,

assim, o sujeito criador se torna recriador de si.

A abordagem (auto)biográfica permite a profundidade equitativa, isto é, justa, equivalente, imparcial e igual. Permite possibilidades acadêmicas construídas para equivaler àquelas produções que dão conformação às relações individuais singulares e plurais. A pesquisa (auto)biográfica emerge das multi-interseções existentes nas edificações históricas, culturais, políticas, econômicas e familiares. Adotar essa abordagem e desvendar sua luz própria no realizar democrático de possibilidades é acreditar mais e mais em propiciar ações equitativas em qualquer ambiente institucional como necessárias ao que se conecta absurdamente com o fazer não violento das construções.

Oportunidades de reflexão podem e devem ser dadas a todos; e a oportuna e justa metodologia fundamentada na peculiaridade do diferente e da diferença compõe elos ligados a fatos e gentes. Nesse aspecto, Ferrarotti (1991) nos orienta. Ele ensina uma real possibilidade de tornar viável as narrativas únicas, incógnitas, imperfeitas e absolutamente sinérgicas a tantas outras. Potencializadora do novo, fragilizadora de certezas.

A pesquisa (auto)biográfica, enquanto prática de produção de narrativas de vida, de acordo com a carta de princípios da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF, 2016, p. 177), “tem então uma tripla função: a de pesquisa (produção de conhecimentos), a de formação e a de intervenção (configuração de si numa perspectiva de ação social)”. Portanto, “trata-se de um procedimento que coloca, no centro, o sujeito narrador, enquanto aquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si para si e pela mediação do outro” (ASIHVIF, 2016, p. 177). Ela “permite ao sujeito apreender seus objetivos existenciais no seio da coletividade” (ASIHVIF, 2016, p. 177). “Enquanto método de pesquisa qualitativa, a narrativa de vida constitui um procedimento inovador em relação aos modelos de pesquisa mais clássicos” (ASIHVIF, 2016, p. 177); enquanto prática de intervenção, “a narrativa de vida permite ao sujeito, com base numa explicitação de seu percurso de vida, dispor dos meios necessários à tomada de consciência reflexiva e crítica, visando situar-se como ator social num projeto de ação mais lúcida e mais pertinente” (ASIHVIF, 2016, p. 177-178).

Na autobiografia, o sujeito narra os fatos vividos, sem essencialmente refletir sobre eles. A “construção de uma história de vida é sempre proposta por uma(um) pesquisadora(or) ou uma(um) pesquisadora(or)-formadora(or), a um sujeito, que por sua vez, aceita o convite, colocando-se como pesquisadora de si” (Olinda, 2018, p. 236).

Sobre o processo de elaboração das histórias de vida, Olinda (2018) afirma que, primeiramente, a(o) narradora(or) forma uma primeira interpretação a respeito do que está

sendo narrado, “exercitando a dimensão de criação de si (autopoiesis) e de performatividade (potencial transformador da ação)” (Olinda, 2018, p. 236-237); em seguida, o pesquisador tem a tarefa de organizar outras fontes autobiográficas do entrevistado e dialogar a narrativa realizada com os aportes teóricos para, a partir disso, fazer uma reinterpretação da interpretação já feita pelo próprio narrador. Ou seja, as histórias de vida, nesse contexto, não existem antes das narrativas. Assim, “há a exigência de um trabalho de análise e elaboração conceitual que resultará na compreensão da relação do todo do discurso narrativo com as partes que o compõem e das partes entre si” (Olinda, 2018, p. 237).

O CRB é um dispositivo metodológico idealizado pela professora Ercília Olinda (2018), uma metodologia de pesquisa (auto)biográfica em educação, que favorece uma abordagem inter/transdisciplinar do objeto de estudo, permitindo os relatos das experiências e suas interpretações. Das narrativas, emergem memórias-referência (Josso, 2001) que portam elementos, personagens e episódios vividos, os quais tornam possível a compreensão sobre o que hoje sabemos, pensamos e realizamos. Em uma situação coletiva, estabelece-se um vínculo comunicativo entre narradores e ouvintes, correspondendo ao que se chama *palavra dada*.

A A/R/Tografia é uma metodologia que referenda o fazer artístico e a arte como processo e pesquisa; isto é, como uma pesquisa educacional baseada em arte. Tradução de *A/r/tography*, criado na língua inglesa (Irwin, 2004), o termo considera, tanto na sua face material como na sua face conceptual, as noções de artista (*artist*), pesquisador (*research*) e professor (*teacher*).

Conheci a A/R/Tografia durante a disciplina *História do ensino da arte no Brasil: (auto)biografia e experiências formativas em arte*, do curso de mestrado em arte do IFCE, ministrada pelas professoras Luciane Goldberg e Larissa Bezerra. A produção artístico-científica de doutorado de Bezerra (2022) perpassa corajosamente os passos do fazer A/R/Tográfico, como ela bem o apresenta, dentre os caminhos percorridos, chegando perto de cada autor e dos sentidos elaborados dos conceitos. Também próximos se tornaram do que eu havia sonhado um dia.

Ao conhecer a A/R/Tobiografia, por meio das obras dos arte-educadores da pesquisa de Bezerra (2022), impulsiono-me a seguir os ritos de reflexão, apoiada nas narrativas (auto)biográficas e nas obras criadas pelas narrativas e pelos artefatos escritos, fotografados, desenhados e/ou confeccionados. Seus principais referenciais teóricos vêm da fenomenologia, do estruturalismo e do pós-estruturalismo, ela “busca o sentido denso e intenso das coisas e estuda formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes cujos formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem possibilitar” (Dias, 2013, p. 24). A

metodologia que melhor pode se aplicar nesta pesquisa é o CRA, a junção do CRB com a A/R/Tografia apresentada por Bezerra (2022); A/R/Tobiográficos - Artist/Researcher/Teacher – como artista/pesquisador(a)/professor(a) como destaca em sua Tese e amplia a visão do ser que produz artisticamente e o diz por meio de ações pensantes, individualmente ou em grupo.

Trago-a, portanto, como elemento de apoio à reflexão (dei-me o direito de ousar mais uma vez). Por meio tanto do CRB como da A/R/Tobiografia, ao encontrar circularmente as meninas-criadoras-brincantes professoras de quintais múltiplos, em que, dada a etapa final do CRB, entrelaçamos a A/R/Tobiografia, compusemos a Saia Brincante (uma parte da criação da Tenda Brincante) contadora dessas histórias biográficas e difusora das cores de gente que somos, as cores que disponibilizamos aos processos dos quais participamos e que são reflexos das narrativas vivenciadas em quintais também. A Saia Brincante e contadora dessas biografias quintalzeiras será a futura aplicação itinerante da Tenda Brincante em sua espiral de cor, pois poderá ir facilmente aos lugares para compartilhar suas espirais de delicadezas e conflitos em qualquer lugar.

Convém mencionar os desenhos das árvores e/ou *pés de*. Pés das singularidades narradas pelas queridas meninas-criadoras-brincantes-professoras e seus quintais criadores, em interligação de aprendizados dentro e fora de si, como elemento partícipe de construções criadoras contínuas enquanto ser meninas-criadoras-professoras-brincantes convidadas. São árvores, *pés de* sentimentos/ações apresentadas como caminho biográfico (e A/R/Tobiográfico, realizadas enquanto meninas-criadoras-brincantes-professoras) as convidadas quintalzantes desta pesquisa e suas sutilezas, suas sentimentalidades em ecos de quintais.

Figura 12 – Pé de Neide, Pé de Janice, Pé de Paloma – Árvore do CRB/CRA



Fonte: acervo pessoal.

Como palavra dada, poderemos apontar questões do autoformar-se e do biografar-se, pensar-se, escolher-se em partes do vivido e do que se apresenta, em construir com as mãos, em tecidos crus, e retalhos de tudo, feito alguns episódios vividos. Nos artefatos criados, as lembranças-narrativas reverberam nas educadoras infantis, pesquisadoras-professoras de si sobre os círculos cromáticos da Tenda Brincante, nesse entrelaçado de narrativas, nossas histórias, nossos quintais refletidos. Como autoencontro de intenções (de mim para mim) e interseções (de mim para nós) de professoras quintalzantes, busca-se revelar em pesquisa uma reflexão-ação que indicará elementos presentes nos contextos formadores de nós em mim.

O que essa metodologia permite? Perceber que meninas-mulheres-professoras-árvores têm quintais em si, suas íntimas e grandiosas buscas em deixá-los vivos em suas escolhas, cada uma a seu modo, e não apenas porque produzem frutos cotidianos, mas essencialmente porque deixam suas sementes germinarem. Vem comigo para o banho de quintal!

2 BORDANDO SEMENTES DO SABER NA PESQUISA: UM EXPERIENCIAR QUINTALZANTE

Para iniciar este bordado-saber, separamos a base/material cru, um tecido poroso, de preferência (que, por si só, não é apenas uma base lisa, branca; é fiado, em traçado, para ser uma superfície, se quisermos), gravando nele o desenho em que figura a imagem da lembrança e da presença (nosso objeto, outros tecidos/retalhos variados a serem aplicados, linhas grossas ou fininhas, coisas e coisinhas) relíquias ou quinquilharias combinadas às narrativas alicerçadas no que sou. Os formatos se fazem e se refazem, ocupando esse novo espaço tão gracioso.

No seguir dos pontos, as linhas podem ser regulares-lineares ou irregulares-curvilíneas, de acordo com a fidelidade e essência no ato de implementar um relevo específico aos fatos refletidos aqui. É necessário, contudo, estabelecer as multielaborações provocadas a partir da escolha de falar das coisas de mim: as cores são primordiais para arremates de finais/recomeços. Verdade, são muitas perguntas que cabem na mistura dos materiais advindos das emoções e construções vividas e trazidas para um processo de pesquisa, como não ser assim? Porém, trago o encontro de estudos que evidenciam que o saber de si é grande e relevante; e, como uma costura, elaboro o modo *como* apresentar a narrativa, com o que forrar e proteger o que carrego nessa cesta de costura (a fundamentação e o seu foco).

Manuseio memórias-fatos que vão da singularidade dos temas/fazeres artístico-pedagógicos (se pudermos chamá-los assim) vividos e sua pluralidade histórica à simplicidade complexa de revisitar as entranhas desses fazeres pedagógicos-artísticos construídos em uma vida de ser quem se é (professora) e trazer as vivências com vitais aprendizagens, como nos tempos da Fundação da Criança e da Família (FUNCI), em que construímos um projeto intitulado *Temperando Vidas*, oferecido às mães do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Esse projeto visava proporcionar a mulheres uma formação sobre gênero, consumo e qualidade de vida, tendo como base elementar o *aproveitamento integral de alimento*, com 40 horas de formação e direito a certificado. Naquele momento, era indispensável o trabalho articulado, pois muitas daquelas mães, nos idos de 2006, passaram a oferecer comidinhas nas pracinhas próximas às suas residências ou mesmo em frente a essas, complementando, desse modo, a renda familiar e provocando um novo jeito de caminhar.

Destaco como recorte da pesquisa o aprendizado na vida e também o aprendizado trazido das/nas criações, pois acredito que foi por meio delas que perseverarei como professora (como já dito anteriormente, e deverei redizer por demasiados ângulos e/ou pormenorizá-los).

Propomos, assim, destacar os aprendizados dos quintais, que, por inúmeros motivos, reeditam-se na vida cotidiana e no estar com as crianças de todas as idades, uma espécie de necessidade para restaurar os dias atuais, talvez, mas, essencialmente, *aprender e ensinar*.

Percebo influências de diversos ambientes educacionais, reais e imaginários, que compõem o curso de minhas reflexões, mas o que proponho solicita às professoras em geral um afastamento dos vídeos, dicas e músicas mais visualizadas das redes sociais e de entretenimento, ou mesmo não utilizá-los ao pé da letra, pois procuro criar, nas mínimas ações, um estabelecimento vibracional de acústicas, literaturas e fazeres com o corpo todo, possibilitando que os tradutores de histórias já vividas, ou mesmo as propostas e planejamentos pedagógicos corriqueiros, sejam escavacados, sejam portais.

Busco evidenciar, com Sarmiento (2004), que a construção das infâncias não é anônima ou caricata, mas traz robustos farnéis imagéticos em que a criança deve ser considerada a protagonista de sua própria história, em um baile na “leveza da renovação” (Sarmiento, 2004, p. 2). Como são vistas? Como agentes ativos ou como seres passivos perante a sociedade e a vida adulta? Quais expressões culturais próprias da infância existem? Quais marcas podem ser identificadas no espaço social, resultantes da presença ou da resposta à necessidade das crianças? (Sarmiento, 2004). Manifesta a renovação com leveza ou o contrário.

É necessário que nos afastemos do óbvio e, ao mesmo tempo, que nos enlacemos com cada turma de crianças ou colegas professoras em seus fazeres criativos ou não, no ócio dos olhares e das palavras, também construtoras. Busco perceber o que construí em mim, em crianças e professoras com as quais convivo, e que convivem dentro de mim, permitindo-se olhar olhando-se, desafiando-se e, em consequência, provocar diversas intencionalidades, especialmente as construções elementares às crianças pequenas, bem pequenas e aos bebês, às crianças que crescem ainda crianças-adolescentes-adultos.

Esses saberes resistem ao longo de nossas vidas, e não os julgarei como certos ou errados, mas como possibilidades, que trazem suas heranças imaginativas, em uma fusão de tempos diferentes e iguais. Em suma, estar entre esses modos de observar requer uma lógica não linear, e o campo da criação e suas narrativas exige suas formas de manutenção de essências e do nosso compromisso com ele. Contudo, é nesse desafio que perfaço meu caminho brincante, curiosa de realizar um momento feliz de construções que vão além das salas e instituições, considerando-me, por vezes, uma crente em milagres. É que:

Quando se fala de lentidão, é preciso falar também de leveza, de fragilidade. Esses conceitos subversivos, para nossa sociedade triunfante no seu materialismo pesado e devastador, são a medida de uma real mudança antropológica da qual a humanidade precisa com urgência (ZAVALLANI, 2014, p.10).

Será mesmo leve falar da criação de si mesma, donde partimos criança nascida nos anos 70, com ou sem interferências de adultos cuidadores, criamos e escolhemos continuar elaborações de conhecimentos articuladores (os de dentro e os de fora), possuindo consciência, ou não, em meio aos processos de estar vivo, voltados ao fim, gerando recomeços? Acredito que sim. Nas crianças e nos nossos desenvolvimentos internos, buscamos integralmente a possibilidade do estar, pois é real e acontece com o corpo inteiro, bem assim:

[...] sustentam a possibilidade da contradição do princípio da identidade; o “então eu era herói” da criança – cantado por Chico Buarque de Holanda – exprime bem esta ideia de um ser que se outra no que vê e projecta e, por isso, articula na ordem do discurso o real e o imaginário, o ser e o não ser, o estar e o devir, homologizados na sua dupla face (Sarmiento, 2004, p. 13).

E também nas múltiplas formas de saber, ser, viver, articular tudo (os restos recompostos) com milhares de novidades do dia, local, produtos do meio industrializados e suas matérias-primas, suas formas de estar e ser cultural e socialmente, sempre provocadoras de conhecimento, antevendo escolhas sem fim.

Figura 13 – Materiais não estruturados: sucatas ? Nos restos de tudo, crio e ofereço criação como adulto que guarda a criança curiosa



Fonte: acervo pessoal.

Justifico o trabalho com as narrativas, referenciando a realização das coisas grávidas de outras, por meio de Pineau (2006), que destacou que a experiência vivida só se torna história (uma significação ordenada e datada) se for capaz de se exprimir e de se reapresentar. Essa reapresentação, essa conquista de um novo presente, é paradoxal porque constitui, ao mesmo tempo, o produto de um trabalho de rememoração e o surgimento do novo, como sincronismo de vários tempos, como dádiva presente. Presente, grávido de presenças concentradas e

fortalecidas por elas, como essências da irrepresentatividade do tempo e de suas possibilidades (Pineau, 2006). Coloco-me em admiração, desejando ampliar alguns desses estudos poéticos. Escuto *Jardim do Silêncio*, essa poesia cantada por Paulinho Moska⁶, e vos convido a apreciá-la enquanto ledes mais de uma autobiografia de ser.

Nas muitas idas e vindas desse fazer pedagógico, dessa dissertação, reconhecendo-o como um fazer criador ligado às memórias, escolhas e articulações de novos conhecimentos, também estéticos e, ligados aos elementos da cultura popular tradicional, tornamos em si um corpo-mente buscante, em pausas conflitantes, pois, na medida em que podemos pausar por elas, e refletir, elucidamos as pontes, sinapses de relações potentes dos elementos, e propiciamos saberes, sabores, sons, letramentos. Reafirmo, então, a importância de os(as) professores(as), adultos(as) cuidadores(as), serem buscadores(as) mais conscientes desse fazer, das necessidades das multiexperiências.

Com Pineau (2006), podemos dizer que quanto mais a experiência é forte e sensacional, quanto mais ela impressiona o sujeito a ponto de o abalar, menos rapidamente ela pode ser compreendida. É preciso que ela se (re)exprima, que ela torne a executar seu movimento *a posteriori* e em câmera lenta para que possa ser apreendida e organizada (Pineau, 2006). Entre pensamentos e sentimentos de desejo a invadir veredas, vejo que há outro modelo de ser e fazer ciência e arte, que eu vou fundindo entre os dedos.

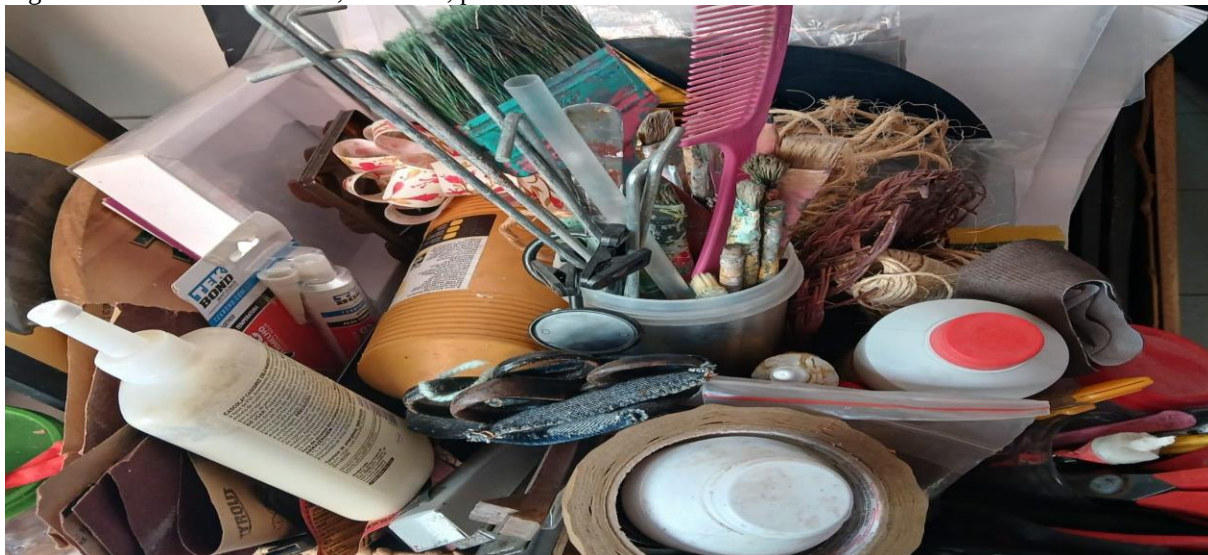
Converso sobre a vida nessa delimitação do objeto de pesquisa como se estivesse com crianças. Talvez seja essa a diferença inquietante em mim, sinto a aspereza de buscar realizar, no fazer pedagógico, um lugar de possibilidades mais tranquilas, ligadas ao brincar e à criação da arte, que diz o corpo infantil, na mente ávida de se lançar ao novo aprendizado sempre desejante do novo, velho, novo. Aberto ao estar criança entre as bonecas, panelinhas, fantasias, entre as incertezas e voracidades de um fazer pertencente a um real pouquíssimo interessante. Mas, contraditoriamente, existem sinergias de realidades sendo construídas, e as pesquisas, grupos e gentes que me levam a refletir mais vão por esses destacamentos.

Considerando que a criação reconstrói quem cria (Linhares, 2003), aproximo-me dessa perspectiva de entrelaçamento das questões nas narrativas de memórias na pesquisa, propondo-me a considerar pensável essa potência desveladora. Insisto em encontrar possíveis iguais, quando passo por questionamentos e práticas, como pelo feliz realizar, tão necessário, de ser mencionado, difundido como fundante de existência. Dizia Barros (2010, p. 340), sobre suas tensões: “e sei de Baudelaire que passou muitos meses tenso porque não encontrava um título

⁶ MOSKA, P. Jardim do silêncio. Intérprete: Paulinho Moska. In: Paulinho Moska. **Tudo novo de novo**. São Paulo: Casulo. 2003. Disponível em: <https://youtu.be/jdhu9sN3t30?feature=shared>.

para os seus poemas. Um título que harmonizasse os seus conflitos. Até que apareceu *Flores do mal*. A beleza e a dor. Essa antítese o acalmou. As antíteses congridam”. E me percebo mais e mais.

Figura 14 – Por entre materiais, cortantes, pintantes e colantes



Fonte: acervo pessoal.

O período da pandemia de Covid-19 foi um divisor de águas que intensificou os estudos e as conexões internas; as questões eram avassaladoras; as incertezas eram explícitas; positivamente, adentrava-se em terrenos difíceis. E, buscando situar o que em mim foi e é possibilitado, avanço nesta compreensão dos fazeres brincantes, criadores de quintais que permanecem em minhas criações sobreviventes como gente e professora.

Com afinco, busquei os autores adequados para esses estudos de saberes dos processos de si, ou melhor, sobre (auto)biografia. Creio que seja interessante falar sobre essa etapa, quando ainda inicial em 2019, pois passei um tempo de vácuo sem conhecê-los, sem certezas da realização desta pesquisa após ser acolhida no PPGArtes do IFCE em parceria com o Observatório da Educação da SME (SME). Com um salto, as metodologias surgiram, com apoios gigantescos⁷ e estudos repletos de interfaces complementares.

Descobri associações e revistas acadêmicas internacionais, escolhi a (auto)biografia, presente nos grandes centros de estudos no Brasil e no mundo. Desvendamentos revelados nas disciplinas *Metodologia de Pesquisa* e, especialmente, *História do ensino da arte no Brasil: (auto)biografia e experiências formativas em arte*, do curso de mestrado, ministrada, essa

⁷ Escrevi um e-mail à professora Lúcia Gouveia Pimentel, uma pessoa amorosa e uma promotora de saber, que me enviou, em resposta, um drive com os principais textos disponíveis, desejando-me realizadores estudos.

última, pelas professoras Luciane Goldberg e Larissa Bezerra. Conteí também com o apoio do Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), ampliando e difundindo pesquisas, histórias de saberes e viveres de gentes do mundo sinergicamente interligadas, configurando-se uma metodologia extremamente transformadora das vidas pessoais às coletivas, com relação histórica por meio de encontros afins.

Na delimitação desse tema, percorro a aproximação aos processos de criação-reflexão-ação que dão vida à minha experiência de professora polivalente, mas essencialmente professora de/para/com crianças e, por meio desta, retiro os véus dos saberes existentes interligados aos multiconhecimentos de uma multidão de iguais/diferentes seres.

Tais reflexões/estudos/autores alargam questões da educação como caminho e, tensionadas, abarcam significações singelamente pessoais nas criações da menina-mulher-artista-mãe-professora-pesquisadora que me desafio a ser; assim, volto-me para as criações nas brincadeiras dos quintais, múltiplos espaços de viver/brincar, que geram inúmeras cirandas de saberes/fazeres, como as brincadeiras de casinha. Cada uma a seu modo, todas elas são teias de sutilezas, significações também plurais (Delory-Momberger, 2012). Poder compor essas etapas, entre existências singulares e plurais, foi-me caro e deveras fortalecedor.

Figura 15 – MariaMãe e eu: grande inspiração



Fonte: acervo pessoal.

No caminho de narrar/questionar/refletir em conjunto com os autores, identifico as narrativas de vida por entre memórias de quintais semelhantes, (auto)biográficas, nas rodas de conversa do CRB (Olinda, 2018), dentro da espiral cromática planejada para professoras convidadas para ajudar a olhar e a aproximar análises do ser/sentir/fazer igual e diferente, de um pequeno grupo de meninas-mulheres-professoras-buscadoras de sentido, colaboradoras tão

amorosas, as quais nomeio como árvores, de acordo com seus relatos.

Devo dizer que, mesmo sem saber da existência da pesquisa (auto)biográfica como tão bem consolidada e consolidando-se, sempre busquei realizá-la em minhas práticas, como verão em minha narrativa autobiográfica, ao relatar a metodologia criada para o atendimento de centenas de crianças e de professoras na realização das aulas, formações, oficinas e atendimentos. Aprofundei o método através da realização da minha narrativa autobiográfica como participante do meu próprio CRB (na verdade, realizei três deles), refinando o caminhar. Coisas de corpo-mente que busca e encontra.

Nesse campo, as referências são pertinentes ao tratar as histórias de vida em processos reflexivos, próximos, apesar de outras distâncias, abertos aos sujeitos comuns/singulares e, ao mesmo tempo, derivados/plurais, a elaborarem o existir como são. Considerando que alguns processos reflexivos acerca dos processos (auto)formativos podem ser entranhados na (auto)biografia, é, portanto, necessário contar-se (Olinda, 2018), pois só se existe, se se conta, conhece, escreve. E lembro dos Irmãos Grimm, que intuíram e realizaram muito bem o caminho de inspirações freirianas em forma de círculos reflexivos (Olinda, 2018), feito um ninho construído de afetos curiosos, de registros de histórias valorosas.

Figura 16 – CRB/CRA no Círculo Cromático da Tenda Brincante com professoras convidadas



Fonte: acervo de Luciane Goldberg.

Reforçar um método de facilitar a imersão em si e no coletivo e produzir e reproduzir sentidos.... é nos círculos reflexivos, adentrando em minha própria história, que percebo similitudes entre a metodologia criada por Olinda (2018) com o CRB e a minha própria experiência de criações semelhantes, pois sonhei e criei (apresentando-a na Bienal Internacional do Livro e da Leitura de 1997) a Tenda Brincante em seus círculos cromáticos, seus banhos de retalhos, suas histórias de episódios de vida aplicadas na lona superior cromática, um convite ao deitar e relaxar criativo, entre canções e contações, alongamentos e aromas, nas construções com as mãos, em retalhos de tudo e os tecidos crus como base.

Em 2020, com o primeiro projeto de pesquisa pronto para participar das seleções de mestrado daquele ano, intitulado *Trajetórias criadoras por entre a autoformação e a autobiografia: das reinações de menina à professora de si*, iniciaria um lapidar de palavras, sentimentos, necessidades, uma travessia de sutilezas, em que a ampliação de análises teóricas tencionava mais buscas desbravadoras. Aperfeiçoei o pensar das coisas vividas, encontrado nos escritos já refletidos dos estudos teóricos, sistematizei a metodologia e, então, os encontros para aprimorar as perguntas do fazer pesquisador mais sensível.

Integrante deste fazer, a Arte é mote de amparos, de elaborações múltiplas e profundas. Duarte Jr. (1983) nos leva a visualizar a multidisciplinaridade que provém das manifestações artísticas, para além dos aspectos cognitivos, tanto pessoais como profissionais, na construção da educação para sentir e saber, saber e sentir, valorosos aprendizados, e jamais esquecidos:

[...] numa educação do sensível significa não somente [...] criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros do conhecimento, sejam eles chamados de transdisciplinares ou holísticos. E ainda a educação do sensível deverá, de maneira reflexa, implicar numa educação mais sensível em si própria (Duarte Jr., 1983, p. 34).

Ainda assim, indagava-me: seria essa vontade de avaliação própria um autojulgamento de ações para produzir algo ou sentir as construções de estar plenamente no mundo entre conhecer e ser conhecido como se é? (Respeitado como se é!). E passava por etapas reveladoras na busca por entender o que realmente procurava (e o que ainda procuro) entre afastamentos, silêncios, autossabotagens, reconexões a registros arquivados e outros devaneios (que insisto em dizer que são criações), que vão desde reorganizar as fotos das atividades com as crianças nas instituições (com quem aprendia junto) à tentativa de rever os tecidos crus e os bordados dessas imagens em minha memória. Como é dolorido se rever em erros, fazê-los continuamente! E nem são. Muitas vezes, nem é sobre si.

Para pessoas que desconhecem o campo do biográfico, falar de si em uma pesquisa acadêmica parece ser uma composição de fatos, aparentemente egóicos e, de certo modo,

Sigo, desse modo, filiando-me a uma tradição que mostra a biografia e suas abordagens diferenciadas como guiadas por uma razão narrativa onde o próprio sujeito reflete seu pensar e agir humanos (Delory-Momberger, 2012). Imersas em uma lógica que valoriza a experiência, dentro de quadros sociais e culturais definidos, as operações que lidam com a experiência estão em jogo, onde tempo e história se fazem lidos pela existência singular (Delory-Momberger, 2012).

Voltando à entrevista de seleção ao mestrado, mestres-professores me olhavam, e um deles perguntou: “sim, mas qual o sentido dessa história, mesmo?”. Senti que, pelo menos naquele momento, havia o lugar das (auto)biografias ou mesmo da A/R/tografia na educação. Hoje, membro da parceria entre o IFCE e do Observatório da Educação da SME, acredito que esse dom de perceber e transformar os dias com o que se tem em seu entorno pode ser uma realização ancestral, um presente que ganhamos e, por vezes, não utilizamos por vários motivos.

Parto, então, da importância dada à dimensão biográfica para a formação/(auto)biográfica e a pesquisa, e pergunto qual a contribuição que este tema pode trazer, pois as criações artísticas são vitais para mim, desde a minha barraca armada na praça em frente à escola onde ensinava, levando as crianças para lá. Continuidade da vida do ser que cria, educa-se e educa outros, sim, mas também produto artístico que percorre determinado trajeto de vida e se realiza no mundo social. É bem certo, observava Bachelard (2008, p. 183): “a imagem poética é essencialmente variacional”. E continua: “para percebê-la, é preciso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética. Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões” (Bachelard, 2008, p. 183).

Feito criança, eu me escondia dos dragões nos jardins dos parquinhos, acreditava simplesmente até no respirar bem fundo no escurinho das mesas da sala, quietinha, sozinha, buscando, percebendo, lembrando do que vivia, do que via, do silêncio. Para mim, havia forças internas permanentes, ingênuas, genuínas, ao mesmo tempo ávidas de vitalidades e continuidades. Tantas vezes, vivenciei essas transfigurações observando as crianças através dos quintais (os dos pátios, os das salas transformadas em um porvir criado, muitas vezes, pela só imaginação delas), crianças que me perguntavam se, para conseguir ver, seria preciso deixar casar com uma magia viva no estar com crianças e trabalhar com elas. “Criem propiciando um autoamor ao ser quem se é, deixando-se ser, construindo milhares de possibilidades de ser e fazer, sem medo”, eu dizia aos garis de uma cidade do interior, onde trabalhava a partir de material para reciclagem.

De tantas inquietações, passeio pelos caminhos acadêmicos que me são favoráveis, onde

percebo o fazer criador, artístico construtor de sentidos para a existência. Onde nós, docentes, nos perdemos desse caminhar criativo, potente de autoria e não de reprodução de fazeres educativos tradicionais e reprodutores sociais? Será que éramos vitalmente conscientes? E como pensar uma pesquisa sobre a prática docente, sem deter-se rendido no processo de insulamento, por vezes (de)formativo, onde cada docente pode estar desistindo de si e de sua potência criadora?

Ser docente é uma composição complexa de múltiplos eventos formativos, capazes de transformarmos as instituições junto às quais cotidianamente trabalhamos e convivemos com parceiros diversos. Não nos restringimos às entreparedes da instituição, ou mesmo à comunidade na qual a instituição está inserida, não somos formados apenas pelos momentos formadores destinados aos professores, mas trazemos todos esses percursos de seres e saberes em nós.

É nesse tear de construções, possibilitadoras de reflexões e questionamentos, também provisórios, que surgem novas questões e acontecem ressignificações que nos encontram procurando sentidos. Mas desejo muito frequentemente rever perguntas: será, então, a subjetividade, ou mesmo a transubjetividade, uma elaboração não científica? Quais saberes são realmente necessários para construir conhecimento por meio do sentir, experimentar, conversar, desenhar, poetizar? São quarenta minutos de aula por sala, não apenas para as apresentações comemorativas, não apenas nas capas de tarefinhas (em cores pré-estabelecidas), não apenas quando não temos cartolinas, não apenas nos discursos...?

No recorte desta pesquisa há, portanto, anúncios feitos e narrativas, explicitamente, como lugares onde há falas e atividades conjuntas; onde há o desvendamento das coisas vividas em suas miudezas e criações feitas por dentro de si, mesmo no âmbito de fazeres institucionais. Interseções de criações e criadores são o centro desta pesquisa, e por procedimentos narrativos autobiográficos, mas também atividades em conjunto, busco um entendimento compacto deste quase nada, que aparentemente apenas me atormenta. Procuro narrar sobre fatos, pessoas e lugares que se respeitam, diferentes fazeres cotidianos, artísticos, mais pertinentes ao ser que cria e se recria.

Parecemos não saber que somos fruto do meio, que, se não se está em plena consciência, desdenha de seus milhares de oportunidades cotidianas. Ficamos, porém, desejosos de saber como atingirmos as formas realmente reflexivas em um cotidiano no qual estamos longe de nos reconhecermos como autores de si e de obras. As questões que constroem uma reflexão sobre os modelos ideológicos vêm tomando um caminho mais explícito, e as práticas docentes, no entanto, precisam resistir, criando e auxiliando o ser a se recriar no que faz.

3 A MENINA-CRIADORA-PROFESSORA DE SI: O QUE REVERBERA

Banho de quintal...

Não gostava das panelas, nem do dedal.
 Preferia o quintal.
 Com sua luz, cor, magia essencial.
 Terras, folhas, flores e águas..
 Eram porções encantadas
 De valor substancial.
 Vidrinhos esquecidos,
 De múltiplos tamanhos, se preenchiam do néctar
 Do arco-íris primordial.
 E nos raios do sol junino,
 Transformações criadoras me banhavam:
 Tomatear... “tomateal”...
 Arvorecer... “arvoreal”...
 Escavar... Um portal...
 Era uma menina de força vital.
 Ou uma bruxinha ancestral?
 (Zaranza, 2021).

Ao inventar conversas e palavras, ao questionar minha razão de ser como sou, em portais dos saberes vividos, trago a importância desse quintal-brinquedo como reverberante em minhas criações, nas narrativas vividas e estruturantes na busca de novos saberes, nas criações da menina-professora-artista-pesquisadora que, em uma só, se faz-refaz. E convido as sutilezas de um ser que só é pelo que construiu em um quintal.

3.1 Quintal-brinquedo

Poderia aqui ir apresentando e informando sobre esse capítulo, mas me estranho me dizendo como um capítulo (e lembro da professora Ângela Linhares, nas aulas de arte-educação, na FAGED da UFC, nos anos 90, em que cirandávamos saberes acadêmicos, resenhávamos feitos com as mãos) e me mostro, assim, em primeira pessoa, entremeando as trajetórias de menina em um quintal, de professora para quintais de diversas formas, com os materiais de que se dispõe, evitando mais detritos por aí, possibilitando fins mais éticos e estéticos; diria até justos. Uma trajetória que passeia por criações que me constituem (e não poderia deixar de contá-las por aqui e evidenciar que, sem o quintal brinquedo, não poderia ter sido como é, foi e será).

Podemos dizer que, a partir dos estudos de Vygotsky (1998), foi possibilitado um olhar mais profundo dedicado às brincadeiras e as infâncias. Ele influencia nosso entendimento do lúdico como desenvolvimento grandioso da criança, através dos jogos estimulantes da curiosidade e do avançar da autonomia criativa, quando se depararem com episódios brincantes

e, ao mesmo tempo, desafiadores, em que sua linguagem e seus pensamentos são amplamente desenvolvidos. Imerso totalmente na natureza de existir, aprende-se, relaciona-se o tudo externo ao tudo interno, e o inverso cria-se inesgotavelmente.

Sim, insisto em dizer novamente no processo de auto-estudo-pesquisa e seguindo os caminhos refletidos na pesquisa, mergulhando internamente, descubro o quintal como o grande motivador de tudo, o grande aliado, o laboratório e aconchego, o berçário de multiplicidades, renováveis, recicláveis, amorosas, equânime, como forma de memória significativa no estado de conhecer-me como aprofundamento. Trago as narrativas dessas criações (como e quando se conceberam e para quê) e me deparo com o fazer artístico em mim. Tomo o ar da arte para continuar os dias e sobreviver às situações caóticas geradas por tamanhas contradições, na educação e a teimosia interna por vieses esperançosos e a realidade (daí a necessidade de ar, não só no respirar). Tentarei apresentar os recortes temporais e o que me serviu de instrumento de acesso às memórias: fotografias, obras, objetos, diários/apontamentos/rascunho, por meio de Ostrower (2001), que reelabora todos os elementos do processo, criando-o novamente, ou Pimentel (2006), que destaca a subjetividade dos espaços do porvir.

Separei três episódios específicos de minha vida/criação: o primeiro é referente à criadora/professora menina: *Num banho de quintal*; o segundo está ligado à necessidade da consciência da arte na vida cotidiana enquanto gente que vive/trabalha/cria: a realização de um atelier caseiro, o *Empório do Reino*, para continuar as demandas de toda a vida; e o terceiro é *Tenda Brincante e suas histórias de viagens e gentes da serra, sertão e litoral do Ceará*. Três obras/criações completamente imbricadas na minha vida pessoal e profissional, prioritariamente visuais e com algumas interfaces em outras linguagens artísticas corporais, musicais, poéticas.

Recordo-me da minha infância, das reinações/brincadeiras/criações no quintal como aprendizado daquela menina e da professora de hoje. Somos todos criadores do novo, em suas belezas e materialidades, desafios, crenças e valores. Como tudo está integrado: as memórias, os sentidos/sentimentos/símbolos, os materiais; naquela menina que *curiava* as coisas, as cores, escavacava a terra, arvorecia os dias, banhava-se das luzes imaginativas dos quintais e, como o menino/poeta Manoel de Barros, encontrava-se criando muito por entre restos de tudo, em miudezas, hoje gigantes no trabalho com crianças, no trabalho entre quintais.

Um quintal que transita pelo tempo de toda uma vida, nos momentos mais marcantes, nas superações, em situações nada explícitas, mas ele está ali. Foi no quintal que me reconheci, foi no quintal que me refiz, foi no quintal que percebi a força dos elementos vitais, naturais, ancestrais, nessa existência.

Dos vidros dos remédios, tão lindos por si sós, às cores em nuances das águas coloridas das roupas da lavanderia; da geladeira-laboratório à sua organização interna junina e fonte para nossos conhecimentos, como é o caso da fotossíntese das plantas, das possibilidades das misturas de elementos e de cores. Uma pesquisa profunda e infantil das cores, das possíveis cores dentro das cores, das cores de mim.

Na cerquinha de pauzinhos para a plantação das sementes *estourantes*, meio gota de água, meio gota de lágrima, com suas flores amarelinhas, delicadas e que se transfiguravam em frutos vermelhos, tomates tão *estourantes* quanto suas sementes, e comia tomates feito maçãs. Da gruta/limoeiro, na coleta das pequenas flores em branco e amarelo caídas ao chão. Da goiabeira do vizinho e suas galhas de permissão para os frutos de miolo branco. Quanta saudade dos muros, palmeiras, lagartas gorduchas em seu preto, amarelo, vermelho e branco. Lindezas! Aquelas que as crianças realizam quando nenhum adulto está olhando.

O quintal está no cair das chuvas. Na luz da lua. Na vontade de chorar. No raiar dos dias. Na luz do sol, nos raios por entre as telhas de vidro. Na árvore/ nave espacial. Nas caixas de papelão, nas caixas de madeira, no olhar de um *zaranziado* para os restos, para o lixo. Está no nascimento do menino Ariel... no divisor das águas, terras, fogos e ares... está no empório do rei/reino, na forma de *resiliar*, enfrentar, seguir criando para continuar, para vestir, dançar, trabalhar, brincar... nas cores arco-íris das paredes da casa 36. Em um concurso... em um descuido... em um perdão... em um outro laboratório de quintal. Coisas de gente.

Está na geladeira vazia, no dia das solidões, nos encharcamentos, nas decepções. Está nas cores da Tenda Brincante, nos restos, nos retalhos, nas aplicações das imagens e inspirações de mãe, nos restos de linhas, no braço quebrado/remendado, no pedido de casamento no quintal com Francisco e Clara testemunhando.

E onde está a mulher, a mãe, a amante, a filha, a irmã, a amiga, a esposa, a ex-esposa, a criatura que cria?

Em mais de trinta anos de um fazer pedagógico artesanal, margeado, incompreendido, ilógico, de brincantes portais. E você me pergunta “onde estão as crianças, as professoras”?

E ainda não acreditam que um trabalho acadêmico possa vir em primeira pessoa a contar, refletir, relacionar outros contos e cantos, outras gentes com os mesmos fazeres ou não, mas ligados.

Nesse quintal-portal-brinquedo-ciência de ser e estar, mais uma vez me diz o senhor Manoel de Barros: *crus?* (Barros, 2010). Para ele, a potência do vivenciado, nesses quintais, reverberam nele a vida inteira. E ainda reverbera. Vibrante inspiração. E me vejo dizendo, redizendo situações parecidas e penso, daí a necessidade de dizê-las tantas vezes, feito a obra

desse grande inspirador de gentes grandes e pequenas (por simplesmente viver). E redigo, deixemos os quintais serem onde podem ser, deixemos os materiais à disposição, aproveitemos os espaços abertos para criar, aprofundar conteúdos, encontremos formas de organizá-los com estes pequenos, médios (ensino fundamental I e II) e grandes (ensino médio, educação de jovens e adultos, graduação, cursos). O planeta inteiro pede outra forma de viver, de educar! Não estamos conseguindo ser quem somos, e aceitar o outro fica complicado, é assim?, diria Moska⁸.

Desejo de quintal grita, arranca de dentro das entranhas do quase nada, e mostra muito, nas vastas possibilidades de um precisar do outro para construir o novo, o que dentro está. E me banhava nas aventuras de um quintal brinquedo, inspirado pelos criativos e, naquele tempo, verdadeiros para minha existência, fantásticos personagens inspiradores de criações, por entre o limoeiro, o arbusto de pimenta longa, a goiabeira da casa vizinha, os muros, o terreno baldio, meus/nossos monturos de descobertas quase científicas (antes de ser construída a editora FTD), meus irmãos e uma única prima que era convidada ao deleite daquele quintal, parceiros, a lavanderia, as casinhas, cabanas e banhos de cuia.

Posso considerar tudo como ateliês e relatar alguns dos aprendizados ecoantes nos dias atuais, trocas de saberes na relação entre gentes e, essencialmente, entre o ambiente e o que ali se encontrava. Como o quintal da minha infância, na minha vida hoje, fazem-se presentes criações, da forma de vestir, cozinhar, servir, confeccionar um objeto, desenhar, pintar, bordar, oferecer uma vivência às crianças de todas as idades.

Por meio da lembrança/experiência das cores das coisas, da clorofila na 4ª série, da lavanderia e as águas das roupas em cores ensaboadas. Nas pequenas flores do limoeiro/cabana, da goiabeira de miolo branco, da flor amarela que tomate se transforma, das consideradas flores do mato, com suas cores fortes e porções mágicas poderosas. Areias em vários tons, desde que se dispusesse a cavar e encontrar esquecidos jogados ou esquecidos de antes nas profundezas paleontológicas dos quintais.

Sim, as crianças de alguma maneira encontradas em cada uma, vivem experiências de vida e ações de evolução/desenvolvimento anteriores.

Muitas cores nas tintas das folhas, flores, terras... Muitas possibilidades nas composições efêmeras juntando paus, cascas, as queridas flores, folhas, terras, não tão efêmeras das colagens, inclusive com grude feito de goma ou com clara de ovo.

Casinha de restos de tudo, espaços mágicos, fantásticos de transformar fatos, em sonhos e esperanças mil...

⁸ MOSKA, P. Nunca foi tarde. Intérprete: Paulinho Moska. In: Paulinho Moska. **Falso**. São Paulo: EMI, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g3JXcsmI9ac>.

Filmes, seriados, histórias lidas com a imaginação, se são experimentadas com a ajuda encantada dos quintais.

Sim... sou quintalzeira, sou criança de mais de cinquenta anos, vivi e vivo buscando a luz das coisas simples, belas e transformadoras de realidades internas e externas.

Sim... desejo que esses espaços sejam oportunizados a todos os estudantes, em todas as idades.

Sim... e que as casas tenham plantas que possam ajudar na digestão, na dor de cabeça e na beleza dos dias.

Sim.

3.1.1 A cabana limoeiro

Escrever sobre si marca narrativas de ontens que se misturam com as de hojes, ricamente, provocando estranhezas; mas de onde surgem as minhas necessidades de criação tão intrínsecas? Narrar os conhecimentos em mim/si é disponibilizar dos desenhos, bordados, brinquedos e brincadeiras construídos nos quintais de viver-criar ações e reações, entre perguntas e respostas desse viver criança misturado ao quintal em uma casa antiga. Entremeio as trajetórias de menina-professora, as criações artísticas para si e para o trabalho com crianças. É um experienciar em diversas formas, com os materiais de que se dispõe, evitando mais detritos pelo mundo, pois, no quintal, tudo pode ser início e fim, fim e reinício, possibilitando fins mais éticos e estéticos. Quem sabe?

Uma trajetória que passeia por criações que me constituem (e não poderia deixar de dizê-las e evidenciar que, sem o quintal-brinquedo, eu não poderia ter sido eu: menina-artista-professora-pesquisadora, pois, “na brincadeira, aparecem tanto a ação na esfera imaginativa numa situação de faz-de-conta, como a criação das intenções voluntárias e as formações dos planos da vida real, constituindo-se assim, no mais alto nível do desenvolvimento pré-escolar” (Vygotsky, 1998, p.117).

Insisto em mencionar novamente o que percebi no processo de auto estudo/pesquisa, seguindo os caminhos refletidos na pesquisa (auto)biográfica, mergulhando internamente, descubro o quintal como o grande motivador de tudo, o grande aliado, o laboratório e aconchego, o berçário de multiplicidades, renováveis, recicláveis, amorosas, equânime. Sim, como forma de memória significativa deste rico estado de conhecer-se.

É nesse biografar-se, através dos processos reflexivos engendrados, que acontece o processo autoformativo significativo, que se destaca o indivíduo como ser social singular, ao

mesmo tempo plural e universal, como processo de gênese e possibilidades de inovações dos processos criativos vitais/sociais, como diz Delory-Momberger (2012). É êxtase que compõe aprendizados reverberantes (no meu caso), do quintal como plural e singular das infâncias de muitos(as).

Assim, encontramos algumas das narrativas das criações que me atravessam como saber interno e coletivo (como, quando e para que se conceberam?), que trazem significado único, nesse exercício de apresentar os recortes temporais; aqueles que me serviram de instrumento de acesso às memórias têm a forma das obras-brinquedos realizadas, das árvores-cabanas e seus apetrechos, a lavanderia-laboratório de cores, os vidrinhos de remédio em *ton sur ton* das águas da dita lavanderia, o objeto desconfigurado-geladeira como expositor.

Uma pesquisa profunda e infantil das cores, das possíveis cores dentro das cores, das cores de mim, com o apoio de Ostrower (2001), que reelabora todos os elementos do processo, criando-o novamente, ou o que destaca a subjetividade dos espaços do porvir e, na dependência da articulação com a percepção, a emoção, a sensibilidade, a investigação, a reflexão e a imaginação, que, segundo a autora supracitada, é o elemento que assume papel fundante na construção cognitiva do fazer artístico. Aqui, correlacionado com o fazer pedagógico, desenvolvem sentidos metafóricos, tensionalidades entre imaginação e imagem, que considero, com base em Pimentel (2006), merecerem destaque nesse trajeto de entendimentos. E penso como continuar possibilitando trajetos de elaboração de conhecimentos interligados ao experienciar com o corpo inteiro.

Bons dias aqueles em que pude criar, naquele quintal, quase sem atrativos para quem o vô sem olhar os seus detalhes. Eis que para uma menina, dos 5 aos 13 anos, era cheio de possibilidades de construções e (o melhor!) de experiências que serão lembradas a vida inteira, como o que se transforma a cada ciclo etário na imaginação de menina e que não para de se transfigurar. Um limoeiro, uma goiabeira, um mamoeiro, um pé de pimenta longa, uma lavanderia, as madeiras que trazíamos do lixo da loja de congeladores da esquina. Bonecas, colheres, vidrinhos, geladeira velha, paninhos, toalhinhas de crochê, casinhas, laboratórios de estudos ou uma exposição?

Pelas galhas, quase rasteiras da copa baixa daquele limoeiro, visualizava uma cabana, gruta para estadias curtas, uma fogueirinha de gravetos, um espinho ou outro entrando na pele, e a sensação de que dava para retirá-lo e continuar a brincadeira, sem choro e nem perpétua dor. As panelinhas somavam, contabilizando os limões pequeninos, juntamente com as pétalas branquinhas de miolo amarelo-ouro das flores do limoeiro pelo chão da areia marrom clarinha. Nos galhos de dentro, pingentes, redinhas, o restante da louça pendurada, como se fossem

armários categorizados pelo lugar que se apresentava.

Um pouco além, quase na entrada, a sala (e a disposição dos objetos destinados àquele espaço) com um tapete e almofadas improvisadas; um tantinho mais adiante, o quarto, uma redinha (pedaço de pano amarrado de um lado ao outro) pronta para ninar uma boneca, loira-morena-negra, noutros galhinhos por cima e lados da rede, vestidinhos, laços de fita de cetim e mais paninhos; e, próximo ao fim da coberta-galhada, a cozinha, um tijolo-fogão, com as panelinhas e pratos carregando suas surpresas coletadas ali mesmo. Não fossem as falhas da folhagem cheirosa de limão, e os espinhos dos galhinhos que, quase sempre, perfuravam um pé ou uma mão, a brincadeira seguia, encontrando soluções para os acontecimentos do lar-cabana em galhas do limoeiro.

Metia-se, acertadamente, entre o chão e a nossa cabeça encostando nos galhos. Lembro das diferenças das florezinhas de cada fruta, da goiabeira, que era do vizinho, porém nos pegávamos a coletá-las, subindo no muro. Sem falar da peculiaridade de seu miolo branco, saboroso, saudoso e encantador. E narro. Narro porque é belo! Narro porque me fez.

Trago como resultado desse quintal em mim (professora-menina) o episódio de criação: *um banho de quintal*, que veio literalmente em sonho e construiu, por costuras, aplicações de retalhos coloridos-imagens, a Tenda Brincante e as histórias de viagens e gentes, saberes de alguns cantinhos da serra, sertão e litoral do Ceará, a qual possui cinco metros quadrados, com armação em ferro octogonal; um círculo cromático, em cores de tons sobre tons, semelhante aos vidros daquela geladeira. Um fazer artístico visual, com interfaces de outras linguagens artísticas corporais musicais poéticas, segurando, na força da cultura popular, em suas variadas nuances, as das pessoas simples.

Ela foi criada a convite da VII Bienal Internacional do Livro, com o tema *Mil e uma Histórias*, do ano de 2007, e recebia, diariamente, mais de 400 crianças em seu ritual mágico de contação, que acontecia assim:

- a) uma chuva de retalhos: repouso, ao som de canções cearenses;
- b) contação das histórias aplicadas em retalhos coloridos;
- c) construção das suas histórias ou seus personagens em livrinhos ou bonequinhos de rolinhos, tudo em pano,
- d) e a seguir: portal!

Em mais de trinta anos de um fazer pedagógico artesanal, margeado, incompreendido, ilógico, de brincantes portais, vibrante inspiração é o quintal. O planeta inteiro pede outra forma de viver, educar-se.

3.1.2 O laboratório de cores

Logo no começo do quintal, do lado da janela do último quarto, um pequeno alpendre, uma antiga pia com tanque, espaço para esfregar a roupa e apoio para os acontecimentos do quintal, tudo em cimento, um pouco alto para uma menina de sete ou oito anos que precisava de banco para poder trabalhar em suas criações. Ao lavarem as roupas, visualizava as tintas dos pigmentos das peças no molho das águas; primeira água um tom; segunda água outro mais claro, e assim seguia. Observações de criança. Essas cores das roupas tingidas, em suas águas de enxágue em sequência, eram, para mim, águas arco-íris, mil tons de amarelos, azuis, roxos, laranjas, ampliadas pelos rosa-beterraba (observando e manuseando as cascas no preparo de algo na cozinha com minha mãe), ou dos verde-clorofila (na experiência escolar, com folhas e álcool). Essas descobertas aconteciam sem maiores explicações ou intencionalidades, pois minha mãe, mesmo sem perceber, na medida em que realizava seus afazeres/trabalho, produzia e propiciava uma explosão de magníficas aulas por entre sabores, saberes e afetos, sem valor para uma possível remuneração.

Naqueles vidros de múltiplos tamanhos não à toa guardados e, em especial, nos vidrinhos do medicamento fortíssimo para doença da minha mãe (eram vidrinhos pequeninos, arredondados com tampinha plástica) via o ritual dos dias, como minha mãe os fazia leves, ao meu olhar, por entre as horas e o jeito de suas falas entremeadas de muitas histórias e episódios dos quintais dela vividos apareciam e traziam cor ao invés de dor. Era um cotidiano simples, em uma casa antiga da década de 30. A Maria, mãe de três filhos, com intervalos entre um e outro de três anos (coisa de que se arrependeu; porém, pensando aqui, as coisas não acontecem só por acaso) e eu a filha do meio (importante mencionar que, para os médicos, não poderíamos nascer gozando saúde plena, o que aterrorizava o imaginário daquela família, fé).

Imaginem: aos 13 anos, uma bela moça foi impedida de cursar normalmente seus estudos, pois as crises reumáticas, devido à inflamação nas articulações, provocavam febres constantes, gerando infrequência escolar. Naquele tempo, assim como hoje, não era permitida a infrequência, havendo a necessidade de trocar suas ausências no Colégio Imaculada Conceição, localizado em frente ao Colégio Justiniano de Serpa. Os dois colégios compõem o conjunto arquitetônico da Praça Figueiras de Melo, cujas construções tiveram início em 1922, e são famosos pelo primor em educação, resultados e também em paqueras entre as moças da escola de freiras em suas saias rodadas azuis marinho e listras brancas nas barras, que deveriam estar abaixo dos joelhos, e os jovens da escola pública, regular e conceituada em suas fardas de calças vinho e suas camisas de botão cor cáqui.

Figura 18 – Colégio Imaculada Conceição: compõe o conjunto arquitetônico da Praça Figueira de Melo, no Centro de Fortaleza



Fonte: acervo pessoal.

A situação evidenciou aos pais da mocinha, os senhores Salomão e Sulamita, outras possibilidades de estudos para aquela inquieta criatura. Foi então matriculada na Escola de Artes para jovens aprendizes artísticos ou prendas do lar, próximo à casa onde morava, situada à rua General Sampaio, também no centro de Fortaleza. Tinha como professora uma senhora recatada, prendada, meio fada, meio bruxa, misteriosa e sábia, de apelido Mundica. Fazia, então, as dores de uma doença crônica e a escassez dos dias se transformarem em criações inusitadas.

E os vidrinhos? Vi neles, não sei como, um grande potencial para armazenar o néctar das cores. Aqueles experimentos em *ton sur ton* precisavam de estantes para serem armazenados e encantar, por meio das nuances, uma do lado da outra, o tesouro colorido de encher meus olhos e os olhos das poucas pessoas que se interessavam em conhecer minha geladeira-laboratório em cor.

3.1.3 Professora-menina: MARIA

Gosto de lembrar-escrever os momentos que vivi, os que lembro, como lembro, e venho percebendo o tempo como forma de existir, determinante e determinado, exercendo sua vontade

e permitindo reelaborações. Tempo tem janelas de vida vivida, recantos e magias implícitas. Episódios de construção de muitos sentimentos-conhecimentos, feitos das andanças de gente falante e que se apresentam ao longo dos viveres diversos.

Assim, chego a essa história de viver de uma professora-menina e, talvez, devido a esse episódio, tornei-me o que sou ou pelo fato de crer que tudo poderia ser mais simples, vívido e retroalimentado gradativamente. Eram sempre noites de continuidades de invenções, reações de quem ainda tem energia para descarregar. Saudade! Preciso apresentar as personagens dessa história vivida: a menina-professora ou a professora-menina e sua disposição para criar/brincar/aproveitar e Maria (mesmo nome de minha mãe), uma jovem senhora que trabalhava na casa do Senhor Juiz J. T., nosso vizinho do lado direito, já bem idoso e doente, sua esposa também idosa, de alma leve e elegante, e sua irmã, mesma idade, de apelido carinhoso, mas extremamente séria.

Maria realizava atividades como ajudante nas ações domésticas, especialmente, no feitiço das deliciosas comidas para velhinhos tradicionais. Em meu imaginário de menina telespectadora do seriado diário das 17h e pouquinho da tarde, o tempo certinho de chegar do colégio, percebia o quão mágico eram as fadas Tia Anastácia, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, e Maria. E até se pareciam muito, baixinha, cheinha, em cor de chocolate meio amargo. Seus vestidos possuíam cores, flores, figuras; não a via com panos na cabeça, como Tia Anastácia, pois seus cabelos eram bem curtos.

Seu avental se restringia aos ambientes da cozinha daquela casa majestosa, com varandas em corredores no comprimento da primeira parte da casa (sala, quartos, até chegar à sala da televisão e do telefone, artigos luxuosos para o início dos anos 80), depois vinham sala de jantar, com uma geladeira enorme, banheiro, cozinha, dispensa, o quarto da Maria e o quintal onde a mesma varanda-corredor existia e era ligada à casa-corredor por duas portas, uma na frente do quarto do casal e outra da sala da televisão, com dois conjuntos de cadeiras de balanço e apresentando os mesmos mosaicos do chão do corredor do lado externo, vermelhos e retângulos brancos (os mesmos do corredor, bem menor, da casa em que morava no centro da cidade de Fortaleza, ao lado da Igreja de São Benedito e em frente ao prédio da Editora Vozes), entre outras árvores de um pomar diverso, arbustos de flores amarelas *estourantes* e palmeiras com lagartas coloridas, uma frondosa goiabeira de miolo branco, que, felizmente, nascera próximo ao muro do quintal da casa em que cresci.

Quando soube que Maria não sabia escrever seu nome e não lia, algo me fez sentir/lembrar do quão desafiador é estar em convívio com outros em uma cidade sem esse saber. Então, conversamos e combinamos os encontros noturnos em formato de aulas com

muitas conversas e histórias embaixo da luz do arco do início do corredor externo, onde eu pulava o muro, em formato de batentes, levando comigo, dentro de uma bolsinha de palha, um livro da 1ª série (do ano anterior, do colégio onde estudei desde a alfabetização até o cursinho pré-vestibular), lápis, borracha, cadernos, lápis de cores, vontades, desejos, conversas, desenhos, letras e muitas histórias de vida.

Foi assim que iniciamos as aventuras embaixo das estrelas de luz amarela e sentadas ao chão, ouvindo os grilos e os ônibus que passavam em umas das avenidas centrais, com nome de mártires da história cearense. Não consigo lembrar muito bem da ordem crescente desse ritual brincante, ensinando e aprendendo de depois do jantar, mas lembro que era até o momento em que minha mãe, também Maria, dava um gritinho me chamando, avisando o horário de ir dormir e continuar vivendo, sonhando.

Maria sempre contava algo que havia feito durante o dia, pouco falava sobre sua família e/ou sobre sua vida antes de chegar naqueles dias de câmbios de saberes. Percebia o tamanho das diferenças em quem nunca manuseara um lápis de grafite ou brincara com as cores ou mesmo de esconde-esconde. Não sei explicar, mas eu sentia semelhanças em algumas das dificuldades da Maria, surgidas, possivelmente, na forma em que fui alfabetizada e nas lacunas existentes desse processo e suas exigências sociais, refletidas/sentidas, de alguma forma, na menina-professora/professora-menina que ali se ofertava, na simplicidade de brincar de ensinar-aprender com Maria/menina/mulher/negra/fada, embaixo do arco iluminado pela luz amarela do jardim de flores vermelhas e laranja, em seus cabos compridos verde-amarelado, na casa de arquitetura detalhista do vizinho. E como é importante dizê-las!

4 PORTAL DA MENINA-MULHER-ARTISTA-PROFESSORA

“Portão

Caminhantes sempre prestam atenção... no chão!
 Pois os caminhos são repletos de tesouros... Anciãos!
 Não se engane!!! Os buracos
 Não são apenas buracos... São irmãos!
 Verdadeiro portão
 Papeis coloridos.
 Labirinto,
 Brinquedos...
 Diversão!
 Floresta nas coxias das calçadas das ruas,
 Caminhos das formigas, túneis... Plantação!
 Galhos, jardins, portas, conversas,
 O pescador, os cestos...
 O camarão?!
 Lago, lama, sapato-barco molhado.
 Restos de tudo... Transformação!
 Vila de anões, magma escaldante,
 Grutas de pedras preciosas... Imensidão!
 Para o fundo...
 Para dentro...
 Nada em vão!”
 (Zaranza, 2021).

A partir deste momento escrito, assumo mais liberdade da escrita e compartilho com o leitor, assim como a poesia portão/portal, um olhar pelos olhos baixos de uma criança que anda pelas calçadas. Aponto conhecimentos pessoais singulares/plurais como únicos e, ao mesmo tempo, de sinergia completa, íntegra ou em facetas, partes de vida ou mesmo processos criativos, e aponto, ainda curiosa, onde um quintal encontra outro quintal (criação, ou fazer pedagógico que carrego e o processo criativo das professoras da educação infantil, destacando o fazer manual/mental e as criações da criança) para crianças, entremeando-se: quintal, parques, sala, salões, corredor, rotina e planejamentos...

A brincadeira cria zona de múltiplos desenvolvimentos na criança, para além do comportamento corriqueiro derivado de sua idade, modificando estruturas básicas, criando mudanças e novas necessidades e consciências, re-elaborando novas atitudes em relação ao real, possibilitando acervos imaginários. Assim, os quintais são fontes propícias para essas experiências e aprendizagens. “Na brincadeira, aparecem tanto a ação na esfera imaginativa, numa situação de faz-de-conta, como a criação das intenções voluntárias e as formações dos planos da vida real, constituindo-se assim, no mais alto nível do desenvolvimento pré-escolar” (Vygotsky, 1998, p.117).

Figura 19 – Nas brincadeiras de quintal, muito se realiza internamente e eternamente.



Fonte: acervo pessoal.

Inspirada na obra de Monteiro Lobato (1921), criei, criamos muito, descobrimos mundos de *se faz com o que se tem*, bem assim, sentindo os desencontros históricos (entre a formação do escritor que, ao mesmo tempo, é lúdico e discriminador, porque, sem reparos, somos também). Também por meio das viagens, tendo uma porta em livros (como imagem na televisão) ou por pós encantados, nos momentos de contação em volta da cadeira de balanço da vovó, fomos despertando para construções-conhecimentos humanas e históricas: *Os 7 mares*, *A Grécia Antiga*, *Anjos e astros*. Seguimos, como concebia o saber, pelos estudos do Mestre de Sabugo de Milho, maravilhosas delícias criadas pela Anastácia, peripécias de uma *chef* e artista potente ou, como nomeio amorosamente em minhas andanças atuais, como Fadas de Jasmim⁹.

Passamos por semelhanças e diferenças da boneca Emília, também criação da senhora negra-fada, assim como o Senhor Manoel, em barros crus (em suas linguagens próprias, enormemente guardiões de portais). Identificando-se com delicadas atitudes resistentes da querida Narizinho e suas reinações em fontes riachosas inspiradoras. Nos devires de liberdade, com ou sem sua boneca, manifestando autonomia em formato de pirlimpimpins.¹⁰

⁹ Chamo *Fadas de Jasmins* as mulheres resilientes que aproveitam tudo (restos e sobras) e que produzem qualidade de vida, belezuras, criações com o que se tem e se transforma. Conheci muitas mulheres/professoras assim, nas viagens que fiz nas oficinas dos projetos pelo Ceará.

¹⁰ Se, por vezes, mantenho formas de dizer e escrever um tanto diferenciados, peço permissão, qual se faz com as licenças poéticas, ou feito os reisados ao chegarem nos terreiros brincantes ou nos pátios das igrejas, e peço: permitam-me escrever como sinto e vejo as palavras.

Figura 20 – Na magia das criações: vestido amarelo da coleção *Mosaico de Nós*, lançamento no Café Lima Verde



Fonte: blog <http://emporiadoreino.blogspot.com/>

Singular-plural na estrutura das experiências com as crianças nos anos maravilhantes da/na educação das infâncias, onde a arte, sempre, era o veículo substancial, assim os dias seguiam: contos-contações de fada/literatura, desenhos inspirados pelos contos e livre, em gizes de cera e de gesso, pintura com tinta guache ou naturais e pincel, diante de várias superfícies, colagens, musicalizações, apresentações teatrais em acolhidas feitas para as crianças ou por elas; pomares, farmácias vivas, receitas de lambedores, biscoitos e bolos; exposições. Alicerce de práticas de quintais, das narrativas da menina-pesquisadora à professora-pesquisadora.

Eu e muitos de nós tivemos a feliz oportunidade de vivenciar os quintais, sítios de avós, parentes, amigos, e tê-los como companhia no brincar ou mesmo como brinquedo. Tudo isso nos fica dos aprendizados desses personagens, em nosso experienciar diurno e noturno de leituras e manipulações de materiais comuns e plurais de transfigurações, em múltiplos lugares-brinquedos e brincantes e, não menos ou mais, porém vitais, intrínsecos na maioria de nós e, nesses arcabouços de cada ser, visa passagem de releituras, que fazem o quintal de vários cômodos existir até os dias atuais e ecoar. Sim, é necessário redizer mil e duas vezes.

4.1 Prainha do Canto Verde: arte de viver

Figura 21 – Cartão-postal (1999)



Fonte: acervo pessoal.

Conheci mais profundamente os brinquedos populares enquanto ainda amamentava o meu filho, em seu primeiro ano fora da barriga. Recebi o convite da amiga-estrela Cléia, minha parceira na graduação da FAGED e até hoje, de certa maneira, pois ela havia conseguido uma vaga no concorrido curso *Brinquedos Populares Tradicionais*, ofertado pelo Instituto Dragão do Mar, com o Mestre Zezito, de Juazeiro do Norte, o qual, naquela época, morava em Brasília, e era proprietário de um circo popular nas redondezas da cidade satélite.

Não por acaso, sua história está aplicada na Tenda Brincante/Círculo Cromático, no gomo azul claro, dos nossos céus, intitulada *As bolas do mundo com mestre Zezito* (dos carrinhos de lata de sardinha às primeiras ferramentas desse rebelde menino que, talvez por isso, tornou-se um mestre para os cursistas daqueles dias, e para a curadoria do Instituto de Arte e Cultura do Dragão do Mar). A fome daquele menino, como diz a canção, era maior, a vontade de conhecer não se restringia a ler e escrever. Sua cultura estava imbricada em todo o seu corpo e em sua mente, sua/nossa arte popular e as cores pelo mundo.

Nessas andanças conheci pessoas queridas, que me melhoram e me acrescentam: Carlos

Brito e seus maracatus, na periferia de Fortaleza, na valorização dos artistas pouco conhecidos; Sandra Rocha, a engenheira das mirabolâncias de professora(s), com a qual pude dar forma a muitas ideias, especialmente, à Tenda Brincante; Gandhi Piorsky e sua infinita curiosidade encarnada e seus rituais para encarnação.

Como na verdade da busca de um lugar sereno, quieto e, por que não escurinho?, quando, mesmo sem sono, precisamos acomodar informações vividas, ouvidas, sentidas, trago os muitos momentos das crianças por baixo das mesas, nas cabaninhas de lençóis, colchões, por dentro de galhadas de palhas e outras plantas, arrastadas pela areia ou no canto das paredes das salas escolares, quartos de dormir ou no cantinho do parquinho.

E foi por entre as trajetórias do Instituto Terramar, em 1999, e suas ações em defesa da pesca artesanal e da vida dos pescadores, que comecei a contribuir com o Projeto Escola e Vida no Litoral, um projeto que visava relacionar os conteúdos curriculares às necessidades de conhecimento e luta dos povos do mar. Feira de ciências, arrecifes artificiais de pneus ou sucatas (refúgio de peixes e lagostas) regatas de jangadeiros e jangadinhas e suas velas feito telas, turismo pedagógico, a reserva extrativista, entre outras, mobilizavam todas as comunidades, os distritos e municípios vizinhos. Havia muita ambição, o poder do capital que ergue e destrói coisas belas, muitas denúncias, mas também muita história para contar.

Na vontade de realizar, por meio da arte-educação, em fusão com as matérias curriculares, uma escola edificada pelas artes, vidas, tecnologias, ciências dos povos do mar, deveria ser em cada pedaço de chão, sem essas grades de conteúdos tão vis que afastam jovens de fazeres e saberes-sabores de viver e compor suas comunidades, por entre os saberes essenciais de antes, de agora e do porvir. Uma eterna busca, construção, aprendentes e ensinantes de uma vida viva, possivelmente mais feliz, realizada e autoral.

4.2 Empório do Reino: vestir-se de brincar

Atelier criado para dar vazão à criatividade e à necessidade de vestir-se sem o risco de alergias, sem tecidos *pinicantes*, com o jeito e cores que traduzem a essência nordestina, amorosa e expansiva de ser. A ideia também agrupa diversos artistas-artesãos que realizam suas obras com materiais reaproveitados, como possibilidades criativas. Assim surgiram belas coleções que bordaram histórias que, por meio de seus temas, permitiram exposições, encontros para desafogar tristezas, potencializar sonhos e diversões. As primeiras aplicações em camisetas eram inspiradas no maracatu do Ceará, rostos tismados de preto, roupas de reis e rainhas, balaieiros de frutas, mucamas, indígenas e orixás.

Figura 22 – Saias de fita e cipós. Companhia de dança *Vidança*. Figurinos espetáculos: Mangue Memórias da Pele



Fonte: acervo pessoal.

Um pouco mais sobre a casa e os porquês de um atelier caseiro. Fui morar na casa 36, quando o Ariel estava para completar quatro anos. Assim que chegamos lá, passamos por vários processos de ritos de uma história de vida que principiava um movimento de separação, sentia-me doente, muito infeliz, mas a casa pedia cor e cuidado. Ela foi um presente do pai do meu filho para vivermos nossa simplicidade e esperar dias melhores. Além de linda, antiga, da década de 40, era um lugar central, prático, próximo de tudo e, especialmente, da escola onde Ariel estudaria. Uma escola muito especial, escolhida para que aquele pequeno pudesse viver a infância com arte e incentivo à imaginação.

Na casa 36, da vila 600, cada cômodo tinha sua cor, mas ela pedia mais, pedia um atelier caseiro. Ela e os meus sentimentos pediam. E foi assim que aconteceu o atelier caseiro, que veio junto a vários processos de transformação pessoal, emocional. Assim, surgiram roupas e adereços brincantes, que podem compor *looks* para trabalhar confortavelmente, bailar em festas dançantes, brincar/viver em qualquer espaço desejado, provocando o ser que se é, mas que podem também fazer refletir para além da moda ditada pela indústria midiática e comercial. Sim, a arte. Restos. Criações em fusão.

Em 2001, passei no concurso da SME como professora polivalente. Costumo dizer que o empório surgiu para que eu continuasse criando e sobrevivendo aos dias de muito trabalho e de grandes contradições, entre a formação acadêmica e a realidade do anexo escolar da periferia de Fortaleza. Então, criar seria condição para existir e resistir aos dias. Criava junto às crianças, em espaços insalubres, criava com jornal, juntando os brinquedos como brinquedoteca, levava meu filho para tocar flauta, contar histórias, encenávamos os autos populares, personagens folclóricos e lendários, maracatus com alas de sacis, salas com nome dos elementos da natureza.

Ao longo dos anos em que morei na vila 600, casa 36, criei e fui recriada por muitas experiências, de pesquisa, com materiais, viagens, músicas, espetáculos, gentes e as cores que descobri/vivi no quintal de menina brincante-artista-pesquisadora. A primeira coleção referendava as famílias todas como sagradas, fazendo referência à ladainha *Jesus, Maria e José, nossa família vossa é*. Os trabalhos de Maria, os de José, os caminhos do desterro, na fuga da morte, e o local do parto que reuniu céu e terra e ricos e pobres e animais.

Criei imagens de retalhos multicoloridos e aplicadas em fios dourados. Mães solo, famílias com muitos filhos; famílias com dois pais, com duas mães; avós-pais-mães-guardiãs. Tipos diversos de estruturas familiares; porém, ainda iria desvendar muito mais destas, como possibilidade de desvendar sutilezas das formas de criar estratégias para desvendar vontades de aprender a ler e ser ainda mais do que seus cuidadores foram/são.

Ilustrei brinquedos populares em camisetas, calças, cortinas. Ouvi histórias de superação e criei vestidos, macacões (vestes de viver mais um dia) com imagens de anjos azuis ou a dança em cima de uma mesa. Construimos-costuramos-estudamos cinco coleções, com temática alinhada de criação, em que uma coleção encontrava outra. Esse processo criador passou pela avaliação do Labirinto da Arte e da Vida e transformou-se em parte da exposição da tese de doutorado do trio Andrea Haft Bindá, Eduardo Loureiro Júnior e Fabiano dos Santos Piúba; estandartes, folders, de dez a vinte peças, exposição em espaços elaborados.

Aqui, como mencionado acima, as coleções encontram-se, um harmonioso caos como processo criador. Uma curiosidade: a maquete para apresentação e aprovação da proposta da exposição foi feita em uma caixa de sapato, com linhas e retalhos. A segunda coleção, *Príncipes e Princesas*, faz referência aos maracatus, em detrimento das histórias de Walt Disney. Os personagens majestosos do maracatu cearense se destacam em dias carnavalescos; é o momento em que brilham, são reis e rainhas dos sonhos, em brilho, cor e vontades.

Na terceira coleção, *Uma flor para eu, uma flor para tu* (como na canção de Luiz Gonzaga: *um pra eu, um pra tu, um pra eu*), aplicamos flores diversas, em alusão às primeiras chuvas dos sertões e ao aparecimento das minúsculas flores das areias fofas. Por meio das canções de um Moska, nas lembranças das necessidades de um Kafka, em metamorfoses, chegamos à coleção *Inseta eu, inseta tu*, com a possibilidade onírica de seres humanos se metamorfosearem em insetos e estes em seres humanos, em pura sintonia com as imagens do seriado do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, como os senhores besouros da Emília, guardados em caixinhas de fósforo.

A quinta coleção é uma reunião de retalhos de inúmeros anos de retalhos das coleções passadas, de tecidos especiais guardados e seus formatos aleatórios, texturas, *tons sur tons*,

reconfigurados, o que permitiu novos tecidos que apontavam já o que se poderia costurar em peças. Arte. Restos. Mosaicos de nós. Com direito à exposição para o *Café Lima Verde*, em 2009. Botões e histórias e multimatérias.

Em *Altar do Amor*, as cores do quadro pintado por minha mãe e dado de presente a meu pai, no início dos anos 60, compuseram a paleta em cor de céu-terra-praia-personagens (a pintura, em óleo sobre papel, lembrando a primeira profissão que o quase-noivo precisou realizar: vendedor de jornais nas ruas do bairro). Ela replicou a imagem dos dois jovens negros adolescentes, em que ele entregava um saquinho de pipoca para ela, aproveitando o encontro com carinho e sorrisos em um cantinho dos litorais cearenses.

Lembro o tanto que me emocionei, quando os dois, meu pai e minha mãe chegaram com o devido quadro para compor o quarto do menino que, naqueles dias, ainda habitava meu ventre.

Mais um altar de amar... amor.

Figura 23 – Negro João de Deus. Rio Janeiro, Teatro Municipal. Cenários, amigo do meu pai. Pintura óleo sobre tela (1966).



Fonte: João de Deus, acrílico sobre tela (1966).

4.3 Em uma espiral de cores herança do quintal-criança: uma Tenda Brincante

A cultura popular presente em mim vivida, lida, dançada, criada em suas variadas nuances, como as feiras, os circos e as histórias de vida das pessoas simples, é a base inspiradora

da Tenda Brincante e seu Círculo Cromático, que possui cinco metros quadrados, com armação em ferro octogonal, e que veio como criação autoral por meio de um sonho. O círculo cromático, em cores de tons sobre tons, é um harmonizador das emoções e das vivências entre o laboratório de cores da menina-pesquisadora quintalzeira e suas reinações. Apresenta quatro histórias aplicadas em retalhos de vários cantinhos do nosso Ceará, histórias de famílias, de mulheres, de professoras, de artesãs de si. Na medida em que se possibilita a escuta de outras(os), doa-se um estado de rever, redizer, reouvir e recriar, pois somos conduzidos ao encantamento reflexivo e criador, pelas mãos ou pela imaginação. Por isso, consideramos a Tenda Brincante um espaço de vivências potentemente lúdica.

A Tenda-Círculo foi criada em 2007 a convite da *VII Bienal Internacional do Livro*, cujo tema era *Mil e uma Histórias*. Nesse evento, recebia diariamente mais de 400 crianças de escolas públicas e particulares, equipes de professoras (es), mães, pais, cuidadores em seu ritual mágico de contação de histórias.

Figura 23 – Dentro da Tenda Brincante: o grupo Edisca participa de uma contação de histórias (VII Bienal Internacional do Livro do Livro, 2007)



Fonte: acervo pessoal.

Os momentos do encontro são os seguintes:

- a) primeiro momento: uma chuva de retalhos. As crianças são convidadas a manusear os retalhos espalhados pelo espaço da tenda e criar brincadeiras usando-os;
- b) segundo momento: convite ao repouso ao som de canções cearenses e observação das ilustrações aplicadas na parte interna da Tenda. Entre os detalhes da confecção, as cores de fundo, a representação dos lugares do Ceará, seus materiais, personagens e demais sensações;

- c) terceiro momento: contação de história a partir da escolha de uma das histórias aplicadas nos tecidos;
- d) quarto momento: convite à construção de histórias, pessoais e/ou adaptadas, por meio de construções lúdicas, livros-de-pano, personagens-bonecos de tecidos;
- e) quinto-momento: exposição dos trabalhos manuais ou outras expressões artísticas (texto, poesias, dança/performance), especialmente para ativar a troca de saberes.

Como produto de vários quintais, a Tenda Brincante/Círculo Cromático traz trechos das narrativas criadoras construídas-refletidas ao longo de uma vida, conduzidas pelas artesanias intelectuais-sentimentais, uma reunião de bonecos de pano, de fantasias, de insetos gigantes à geladeira-laboratório de cores, de materiais não estruturados e naturais como potentes criadores de criações. É um espaço para fruição, condução de descobertas e alegrias.

Figura 24 – Árvores-Artefatos aplicadas à saía-brincante, compondo o gomo verde do Círculo Cromático na Tenda Brincante



Fonte: acervo pessoal.

Na Tenda, as histórias são costuradas, aplicadas ponto a ponto, retalho por retalho. São narrativas coletadas quando estava professora da disciplina de *Práticas Lúdicas*, do *Curso Especial da Universidade do Vale do Acaraú (UVA)*, época em que ouvi muitas histórias de resistência para avançar nos estudos, ser professoras(es): atravessar o rio cheio para não perder aula, caminhar quilômetros e quilômetros, salas de aula no meu do terreiro, em cima da serra, escolas sem banheiro ou dividir o dia com a roça é o jeito da única professora do distrito dos lugarejos. A potência das situações-exemplares e, ao mesmo tempo, pertencentes à minha narrativa e a de inúmeras pessoas-professoras (es).

Seus 14 gomos coloridos conduzem o que chamo também de banho de cor, de cura. Hoje, a Tenda Brincante/Círculo Cromático de Cor é um projeto de extensão da UFC, em parceria com a Casa de José de Alencar. Esse projeto vislumbra atender quinzenalmente as mães das crianças e adolescentes atendidas pelas salas multifuncionais e pelas atividades educacionais especializadas, a fim de prospectar um pouco do aconchego de ser percebida, ouvida, cuidada. Desejamos, ainda, construir o livro das histórias de sua criação, metodologias edificadas nas experiências dela surgidas, das aplicações costuradas, os brinquedos e as brincadeiras cantadas, populares/tradicionais, como complemento indispensável.

4. 3. 1 A Tenda Brincante e seu Círculo Cromático como produto da pesquisa de mestrado – Encontros e então: Relicários de artefatos/ histórias de ser.

Seguindo os passos das produções de partilha, afetos, conhecimento dos diversos quintais trazidos por nós, professoras da educação infantil, nós, meninas-professoras-pesquisadoras e arteiras, possibilitamos os encontros do CRB/CRA na FAGED, na querida Sala de Artes, para aprofundar os saberes que os diversos quintais vividos nos possibilitam até os dias atuais.

Naqueles dias especiais de julho de 2023, propomos, por meio da metodologia, ritos entre as cores do círculo cromático da Tenda Brincante para a elaboração do ritual destinado ao Círculo Reflexivo AutoBiográfico (Olinda, 2018). Assim, para reunimos as a/r/tobiografias de uma vida, em um encontro de contribuições reflexivas das professoras convidadas, com o desafio de ajudar a olhar os quintais como elemento basilar das criações nossas, por entre infâncias de todas as idades, marcamos a reunião dos três círculos metodológicos: CRB (Olinda, 2018), A/R/Tobiográficos (Bezerra, 2022) e o Círculo Cromático/Tenda Brincante.

Uma espiral que nos conduziu a destacar, no trabalho de pesquisa, os pontos intercessores de múltiplos momentos de vida de criação da criança-professora-pesquisadora-

brincante, fazendo reverberar, especialmente em mim, a escuta e as memórias dos quintais diversos, suas criações. Por meio delas, introduzimos a dinâmica de criação na Tenda Brincante, com a escolha da cor, a construção dos bonecos de pano, rever objetos que guardam afetos, bolsinhas guardadoras de materiais possíveis e todas as possibilidades para criar-costurar-colar lembranças feitas à mão, sentadas em um círculo colorido, conversando-escrevendo, desenhando, pintando, brincando de bonecas com as coleguinhas e tantas outras oportunidades criadoras. Então, propusemos que o CRB seria realizado em quatro encontros de 4h, envolvendo os seguintes os momentos:

- a) acolhida – momento inicial para demonstrar que cada participante é importante. Momento de harmonização ou despertar afetivo, pois é importante estreitar os laços de amizade e de afeto para que haja confiança mútua. Cada membro dá sustentação ao outro, apoiando-o nas dificuldades, e isso exige a alegria da partilha, propiciada pelo respeito mútuo e pela gentileza que deve circular no grupo;
- b) presentificação – envolve o ser na ação presente, atento ao seu despertar espiritual, cognitivo, corporal e afetivo. É um momento de preparação para um mergulho interior e para a abertura ao outro. Trata-se de estar atento a si mesma e ao outro em um exercício de escuta de si e da alteridade. Esse caminhar implica no aprendizado do respeito à diversidade e na sensibilização para a colaboração.
- c) biografização – conjunto de atividades que utilizam diferentes linguagens: oral, escrita, gestual e imagética. Iniciamos pela produção do Artefato Artístico Biográfico seguido pela narrativa oral – cada narrador(a) teria até 30 minutos para sua tessitura biográfica a partir da seguinte questão provocadora: como venho me tornando o(a) educador(a) que sou hoje? Em seguida: transcrição/textualização; interação em pequenos grupos para a colaboração narrativa; escrita final da biografia educativa;
- d) integração experiencial – ao final realizamos uma dinâmica grupal para uma síntese integradora das experiências, além de avaliarmos os pontos altos e baixos de cada atividade, incluindo o desempenho dos mediadores. No encontro final, fazemos uma síntese e avaliação geral de todo o processo, utilizando a metáfora da árvore, que permite a cada participante identificar, em um esforço de síntese, as principais experiências na sua trajetória, avaliando o que foi fundante, significativo e transformador. O CRB é encerrado com uma partilha sobre o significado, para cada pessoa, da experiência vivida (ver figuras 16 e 25).

Nos meses subsequentes, edifiquei essas contribuições e a Saia Brincante Contadora de

História, que faz parte das brincadeiras criadas para a Tenda Brincante/Círculo Cromático, ganhou as árvores (parte da metodologia do CRB/CRA): as raízes são as experiências fundantes, sem as quais não seríamos quem somos; os troncos são as experiências significativas e importantes no processo formativo; as folhas, as flores e os frutos são os aprendizados e as conquistas do percurso; o céu e as nuvens são os sonhos, os projetos e as dúvidas (ver figuras 1, 2 e 12).

Sem ter a pretensão de criar moldes, apenas relatar nossos caminhos e passos de fazer que circunda experiências e múltiplos significados, nem ter a intenção de ser óbvia e exemplar esvaziada e/ou objetiva, propusemos um significativo trabalho voltado às famílias dos estudantes atendidos na sala multifuncional com as Atividades Educacionais Especializadas na Escola Municipal José Carvalho, por meio do projeto de extensão *Trancelim*, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da UFC.

4.3.2 Meninas-professoras-brincantes de quintais: arvorecendo

Seguindo a proposta dos encontros do CRB e tendo as árvores como metáfora das etapas da vida, buscamos compor o coletivo de sujeitos participantes da pesquisa. Convidamos, portanto, quatro professoras ligadas à educação infantil, buscando proporcionar um espaço onde pudessem experienciar a metodologia (auto)biográfica de Olinda (2018), em diálogo com a A/R/Tografia de Irwin (2004). Realizamos momentos de troca, referendadas pelo Círculo Reflexivo AutoBiográfico e pelo Círculo Cromático da Tenda Brincante e alguns brinquedos do seu acervo, o que nos proporcionou a concretude de mais encontros criadores e questionadores do fazer, pelas mãos ou pela imaginação das professoras meninas-brincantes que somos.

Nos desenhos, no brincar ao escolher brinquedos disponíveis, no rememorar as brincadeiras e histórias (lidas, assistidas ou imaginadas), das meninas-criadoras de espaços-quintais por entre lençóis, por cima de árvores, observando o sol e os bichos do sertão, na memória de uma mãe professora, tudo aos meus-nossos olhos, quintal; assim como das professoras-artistas e arteiras nas conexões estabelecidas pelo ato de narrar, vida e conhecimento.

A partir dos dispositivos metodológicos do CRB e do CRA, já mencionados anteriormente, foram produzidas diferentes narrativas (auto)biográficas de professoras da educação infantil: a minha e a de um grupo de quatro professoras convidadas. Resultado da vontade de juntar as pessoas, de promover trocas desde muito pequena, nas brincadeiras

drásticas com as(os) primas(os) e vizinhas(os), apresentando o *Balão Mágico* ou imitando o Michael Jackson. Existem memórias que me falam em demasia, possivelmente compõem meu jeito de estar nos lugares, preenchendo-os dessas maneiras.

E foi assim que cheguei nos nomes das queridas professoras, companheiras de trajetórias. Na figura das *Donas Árvores* que participaram de suas infâncias, todas elas fazem parte da minha vida, mesmo antes de participarem desta pesquisa: Dona Árvore e/ou Pé de Mangueira; Dona Árvore e/ou Pé de Cajá Umbu; Dona Árvore e/ou Pé de Lençol e Dona Árvore e/ou Pé de Coité/Palmas.

Figura 25 – Um convite para partilhar



Fonte: arquivo pessoal.

A senhora Dona Árvore e/ou Pé de Mangueira menina: a conheci em 2015, quando me mudei para o bairro da Messejana, com o intuito de construir uma casa em um terreno que possuía já desde 2001. Ela chamava (e ainda chama) a minha atenção pela sua verdade interior, busca de superação e honestidade em trabalhar para/com crianças.

A senhora Dona Árvore e/ou Pé de Cajá Umbu: a conheci em 2017, formando professoras, ressignificando-se, sempre estudiosa, silenciosa e desejosa do respeito à escuta das crianças, uma militância. Serena professora.

A senhora Dona Árvore e/ou Pé de Lençol: a conhecia meio de longe, pois ela é bastante reservada. Recebi um convite seu para apresentar às crianças e às professoras como ilustro os livros, os materiais que eu utilizo e, nessa ocasião, passei o dia com as crianças e professoras. Foi quando vi uma piscina na sala de bebês, para amainar o calor de setembro. Incrível!

A senhora Dona Árvore e/ou Pé de Coité/Palmas: a conheci em 2022, no mestrado ligado ao PPGArtes e ao Observatório de Educação da SME. Artista por entre telas e poesias dos povos dos sertões, desejosa de rever seus trajetos de dentro e ser a beleza que se é, deixar as crianças serem.

Poderíamos apontar mais nomes e maravilhosas experiências; porém, os próprios movimentos dos encontros para o CRA foram acomodando o que pode ficar e contribuir com narrativas diferentes e iguais, partícipes tão quintalzeiras¹¹ quanto eu.

A minha narrativa autobiográfica pessoal derivou de narrativas produzidas pelo CRA na disciplina *História do ensino da arte no Brasil: (auto)biografia e experiências formativas em arte*, conduzida pelas professoras Luciane Goldberg e Larissa Bezerra, já mencionadas, e pelo CRB, promovido pelo grupo de pesquisa DIAFHNA. Um CRB desenvolvido pelos docentes Luciane Goldberg e Sahmaroni de Olinda para pesquisadores(as), mestrandos(as) e doutorandos(as) que pretendem desenvolver pesquisas (auto)biográficas, de que tive a oportunidade de participar. Segundo a carta de princípios da ASIHVIF (2016), para que possam mediar grupos autobiográficos, os pesquisadores devem ter passado obrigatoriamente por uma experiência de elaboração de sua narrativa autobiográfica.

Do CRA e do CRB, procedo às vivências de um Círculo Reflexivo A/R/Tobiográfico, onde passo a produzir, junto às professoras da educação infantil, o material narrativo e o registro das produções que analisarei. No arvorecer dos trajetos com as meninas-criadoras-professoras e brincantes dos quintais, construímos etapas através dos encontros voltados ao CRB e à A/R/Tobiografia, em julho de 2023 e, de certa maneira, até os dias de hoje, em um contato pontual e significativo pelo grupo do aplicativo, pelas partilhas coletivas ou individuais e a participação no *X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (XCIPA)*, ambiente propício para desempenhar misturas de tantas cores de gentes diferentes-iguais.

Após tantas idas e vindas, escolhemos as árvores e/ou pés de singularidades das queridas professoras convidadas e seus infinitos quintais para compor a Saia Brincante e contadora de histórias e as imagens das árvores da metodologia do CRB em transição para A/R/Tobiografia,

¹¹ *Quintalzeira* é aquela pessoa que denomina como construtora as criações livres, com multimateriais. Embaixo de mesas das salas de estar ou em cima das árvores, sempre há coisas a serem criadas, transformadas e reaproveitadas.

dada a obra reunida e na forma de saia errante, agora parte das aplicações da Tenda Brincante: uma espiral de cores.

No grupo, realizamos a leitura e escrita do Acordo Biográfico (APÊNDICE A) e a carta da ASIHVIF (2016), a fim de edificar respostas às tantas perguntas, reexercitar espaços de memórias e criatividade(s), eticamente, dentro e fora do chão institucional e em reencontro com as infâncias. Nele, criamos artefatos artísticos com o grupo convidado e estamos produzindo os relicários de todo o processo. Convém destacar que todas as participantes consentiram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B).

O *corpus* da pesquisa, portanto, foi composto pelas narrativas autobiográficas e pelos artefatos artísticos produzidos através do CRB, com os registros, objetos, obras realizadas, fotos, histórias orais ou em tecido, em multiformas de recontá-las. Partimos da escolhida metodologia, que deve ser dita e refletida, suas interfaces históricas implícitas, econômicas, sociais, culturais, as percepções de sua autoformação, e as não percepções, o que liga uma narrativa a outra, o que persevera como quintal nos fazeres artísticos-pedagógicos dos dias atuais, marcados pela exposição-quintal e as possíveis novas reverberações.

Destacamos, assim, as referências que nortearam estes olhares: Goldberg (2016), Larrosa Bondía (2002). No âmbito da arte em educação, apoio-me em Barbosa (2009; 2010), Pimentel (2006), Ostrower (2001) e Linhares (2003).

Utilizei, desse modo, tanto o CRB como a A/R/Tobiografia em um encontrar de circularidade das convidadas e seus quintais múltiplos. Por meio das narrativas, convivências nas participações na X CIPA, em Salvador, no estado da Bahia, ampliamos os entrelaçados e, assim, a A/R/Tobiografia pôde ser articulada às composições realizadas nos encontros e pudemos compor/aplicar a Saia Brincante (parte da criação da Tenda Brincante) e contadora dessas histórias biográficas, refletindo as cores de gentes que somos, as cores que disponibilizamos aos processos dos quais participamos e que são ecos das narrativas vivenciadas em quintais também. A Saia Brincante e contadora dessas biografias quintalzeiras será futura aplicação itinerante da Tenda Brincante em sua espiral de cor, pois poderá ir mais facilmente aos lugares, partilhar suas espirais de delicadezas e conflitos em qualquer lugar.

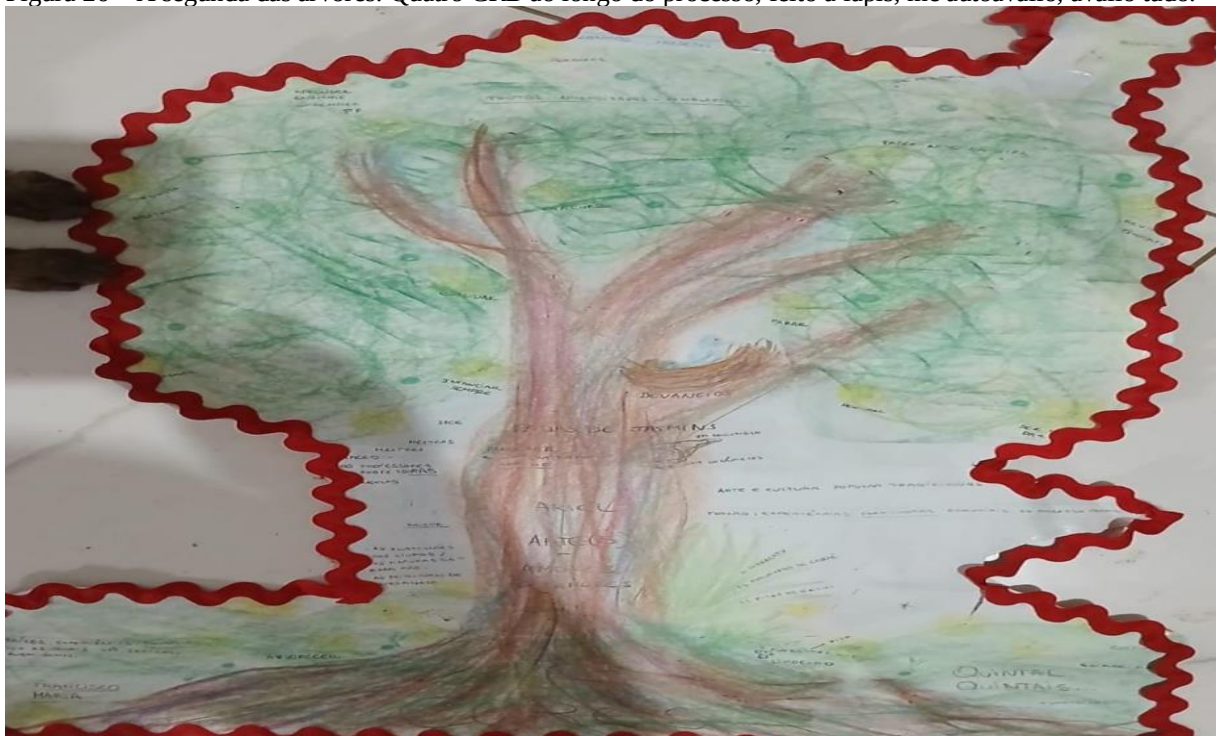
Convém mencionar os desenhos das árvores e/ou *pés de*. Pés das singularidades narradas pelas queridas meninas-criadoras-brincantes-professoras e seus quintais criadores, em interligação de aprendizados dentro e fora de si, como elemento partícipe de construções criadoras e contínuas enquanto ser meninas-criadoras-professoras-brincantes convidadas.

São árvores, *pés de* sentimentos/ações apresentadas como caminho biográfico e, aqui,

A/R/Tobiográfico, realizadas enquanto meninas-criadoras-brincantes-professoras, as convidadas quintalantes desta pesquisa e suas sutilezas, sentimentalidades em reverberações de quintais. Das árvores de circularidades reflexivas a A/R/Tobiografia em uma saia brincante e contadora de reverberações de quintais nas cores das meninas-professoras, são:

- a) Pé de Goiabeira de miolo branco: Geórgia – vermelho;
- b) Pé de Cajá Umbu: Janice – lilás;
- c) Pé de Monturo/ Coité/ Palmas: Neide – Laranja;
- d) Pé de Lençol: Paloma – verde;
- e) Pé de Mangueira Menina: Ray – azul.

Figura 26 – A segunda das árvores. Quatro CRB ao longo do processo, feito a lápis, me autoavaliao, avalio tudo.



Fonte: acervo pessoal.

A proposta é transformar essa saia em errante, caminhante, com contribuições que reencontrem as criações realizadas ao longo do estar brincante através dos inúmeros quintais existentes nas infâncias e as culturas propiciadas por eles, para que tenhamos acesso por meio dos exemplos narrados em cores, trocas e histórias (que ainda podem virar livros de pano ou bonecas ou algo mais), que questionem os espaços e/ou materiais disponíveis e reverberem mais e mais, trazendo mais esperança e possíveis dias ainda melhores.

5 RELICÁRIOS DE QUINTAL: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 27 – Laboratório de cores: exposição de um quintal



Fonte: acervo pessoal.

O que seria um relicário de quintal, neste lugar de nome para produto da dissertação em um mestrado profissional? Um parágrafo guardado, ao longo dos anos, e a dissertação foi trazendo à tona os arquivos também guardados de uma vida inteira, ou até aqui. No caso, religar as coisas todas que produzi na vida, da minha trajetória artística e de ser ao mesmo tempo pesquisadora, professora, mãe, mulher.

Acreditamos que todos os arquivos e desenhos ou pedaços de obra passam a ser parte da obra em si. Aqui, compuseram o conjunto de peças, um *Relicário de quintal*. A obra não é apenas o texto, mas o contexto e todos os elementos. A partir da pesquisa, percebi a presença do quintal como a fonte que jorra memórias, criações. Ele é um espiral que tem começo, meio e recomeço. O quintal é o espaço que perpassa todas essas experiências e o que une, reúne, toda a história da menina-criadora-mulher-pesquisadora-artista desejante de continuacões.

Pergunto-me, pois me perguntaram, em tom de dúvida e desafio, na ocasião da apresentação de uma das versões do projeto de pesquisa aos colegas mestrands e ao mestre, preparando-nos aos desafios futuros: a escrita de mim/das trajetórias criadoras/dos quintais permanentes em minha forma de ser professora/artista/gente pode dizer ao coração/ação, trazer esperança, concretizar sonhos aos demais professores(as), aos responsáveis por trabalhos com crianças, com adolescentes e famílias? Serão os espaços de fazeres pedagógicos um lugar onde se pode emocionar/refletir afetos e expressões em formas/linguagens variadas e parcerias/interdisciplinares?

Figura 28 – Oficina de criação e construção de personagens, bonecos de rolinhos de retalho



Fonte: acervo pessoal.

Buscando a composição do produto artístico para o mestrado profissional do PPGArte do IFCE, em parceria com a SME e o Observatório de Educação, e a metodologia utilizada na pesquisa ora apresentada, por meio do CRA, chego/chegamos às construções individuais e coletivas das convidadas, essencialmente professoras da educação infantil. A saia brincante arvorecida, trazendo as imagens realizadas no CRB / Círculo Cromático de julho de 2023, em sentimentos, partilhas, escolhas artísticas e devires, pois na árvore do refletimos de onde viemos, por onde passamos, o que nos fortalece, o que buscamos e como alcança-los, em desenhos-vontades, e mais uma aplicação à Tenda Brincante e suas histórias. Expressar o enlace da teoria e da prática diante das narrativas refletidas é verdadeiramente o que alguns mais antigos poderiam chamar de magia. Ritos sequenciados ou não, que compõem, tecem, articulam, aprofundam, se dão. Por todo o esforço em utilizar das metáforas como forma de dizer. Aceitem... agradeço.

Como mencionei ao longo das descrições dos encontros do CRB e A/R/Tobiográfico, realizamos artefatos (arte em fatos ou por meio deles) como: (auto)bonecas, em sua cor de pele nas ancestralidades presentes do fazer com as mãos; bolsas de trabalhos manuais/sacolas ou sacolões, guardadoras também de pertences; caderninhos de apontamentos; objetos de sentir, lembranças, mimos, memórias; mapas quintalzantes dos trajetos criadores das meninas às professoras e as aproximações e distanciamentos desses encontros e as reflexões surgidas; em relicários, objetos reunidos do que fica para o depois do último encontro do CRB/CRA. Hipóteses do Produto Artístico a ser oferecido.

Um fazer-se breve. Uma exposição itinerante...talvez provocadora. Ou um projeto de extensão.

As reflexões e estudos sobre e com as infâncias e as formas amorosas e igualmente artísticas de apresentá-las, por meio das narrativas de vida como professora de crianças em seus encontros, levaram-me a perceber, emergir e imergir, compondo uma série de tessituras entre formação e a autoformação de professores(as), o eu; nas necessidades de reconstruções do educar e cuidar de crianças, nas relações entre gestores e equipes de trabalho, na natureza dos lugares/bairros/comunidades, nos espaços de viver-educar-cuidar de crianças. Tudo isso é, indispensavelmente, um processo de estar/criar e ser criado para e com crianças, diariamente.

Das hipóteses, uma realidade, desde outubro de 2024 nos encontramos, construindo o projeto de extensão e partilhando saberes. A coordenação do Projeto Trancelim e da professora Carolina Vieira, do curso de Teatro, ver anexo, 02 estudantes da pedagogia – FAGED - UFC e 02 estudantes do curso de teatro Instituto de Arte e Cultura da UFC, somos parceiros do Projeto da Pró-Reitoria de Extensão e atuaremos na Casa José de Alencar, ofertando ludicidade e

reencontros de histórias de vida e resistências às famílias atendidas na sala multifuncional da Escola Municipal Jose Carvalho, e visitantes, aos sábados, quinzenalmente, por cerca de dois anos.

Figura 29 – Encontros e preparação da sala-quintal na Casa José de Alencar.



Fonte: acervo pessoal.

Será uma oportunidade singular de nos aproximarmos mais, de propiciar momentos de autocuidado às mães dos estudantes, que muitas vezes sem rede de apoio podem adoecer, de oportunizar a arte, o fazer manual, a valorização da história local, dos espaços verdes, da cultura popular, assim como reconhecer que, no simples cotidiano, há coisas belas que podem ser escolhidas para viver e/ou desvendar, construindo opções de qualidade de vida na própria vizinhança, segura e saudável.

Estranhamente, ainda escuto falas das colegas dentro da minha cabeça: “você fala para arte, artistas, não para professores(as)”, “tu és pouco objetiva”, “desconhece a história da educação”. Creio que as sementes jogadas são muitas e podem demorar, mas germinarão.

O CRB é uma metodologia criada por Olinda (2018) e propõe dar voz a histórias/personagens vividos que necessitam ser narrados/escritos/recontados em seus aspectos singulares e plurais. Singulares no sentido de intrínsecas situações que potencializam, de alguma maneira, o que vivemos e faz com que estudemos, criemos, construamos, algo extremamente valioso e significativo para nosso bem viver ou bem-estar. No sentido plural, compõe-se e amplia o que é nosso e pessoal para um coletivo de iguais, registrados, categorizados, analisados, podendo, inclusive, ser ponto de reflexões acadêmico e/ou histórico, como é o caso do estudo da arte por meio da história de vida escolares e/ou da valorização dos desenhos ao longo dos estudos do ensino fundamental I e II.

Sempre priorizei o fazer artístico no proceder da construção do conhecimento. Ele convive em mim, por dentro das células, e com elas se manifesta nas criações diárias, na vida dentro e fora das salas de aula, no sentido social, na gênese.

O CRA, ampliação do CRB, é, segundo Bezerra (2022), a reflexão das artes realizadas, entremeadas às histórias de vida, articulando pontos específicos e particularidades apresentadas nas obras e nas histórias de vida, que aprofundam pontos comuns e de relevância acadêmica e/ou histórica. O CCTB, AutoBiografia e A/R/Tograbiografia – Círculo Cromático, é a Tenda Brincante, como lugar de autocuidado e apresentação de técnicas de trabalho de corpo, trabalhos manuais, contação de histórias de personagens vividos, em diversos lugares e com possíveis semelhanças. E os encontros e metodologias não são por acaso.

Lugar de expressar o enlace da teoria e da prática diante das narrativas refletidas é verdadeiramente o que alguns mais antigos poderiam chamar de magia. Ritos sequenciados ou não, que compõem, tecem, articulam, aprofundam, se dão por todo o esforço em utilizar das metáforas como forma de dizer.

Feito a mágica de quem começa a andar, a desenhar, a falar, a ler, nas cores de um amanhecer. Foi/é o que este momento está acontecendo e já desejante do deixar ir. Sim. Ir para que o novo de novo se transfigure novamente, no movimento de compor e recompor. Por separar a hora dos cliques infinitos em um instantinho minúsculo.

Dizer de forma única o que se vive e deixá-lo mais vivo que nunca, não pelo fato da magnitude acadêmica, o que considero laboral, tecido de palavras, atos e coragens. Por respeitar o saber acadêmico, mas por respeitar as minhas entranhas de quase saber que sou.

Na felicidade de relembrar, escrever e retirar trechos de vida, compreendidas, lidas e bordadas de outras cores e/ou plantadas em um jardim mais próximo, pois devemos visitar constantemente a lua, o luar, os sonhos e trazê-los para todas essas realidades tão duras, no encantamento desse revisitar poético e artístico, possibilitado por uma metodologia encantadora, vigorosa, necessária e potente. Por encontrar pessoas-gentes em meus trajetos e narrar, com as artes presentes, os presentes de ancestrais e as coragens de arriscar.

Na maravilhosa oportunidade de conhecer, aprofundar, reconhecer-me parte de mim e da minha história como menina-professora-artista-pesquisadora, mesmo quando não imaginava ser existente/potente e academicamente construída/reconhecida uma metodologia do processo de autoformar-se, autoelaborar-se, reflexionar e promover reverberações positivas (ou nem tanto), configurar singularidades e pluralidades de sentidos, pensamentos, realizações imersos em momentos igualmente únicos e amplamente sinérgicos. Por conhecer o universo de estudiosos, militantes amorosos do mundo inteiro capazes de reconhecer os seres humanos

como potentes criadores (de bons e maus bocados); porém, feito mágica dos antigos, como já dito, transfiguram fatos em reinações-criações, com as influências existentes (interna ou externamente; positivas ou negativas, dependendo dos múltiplos pontos de vista), em vigor para seguir, procriar coisas belas.

Figura 30 – Visita dos(as) estudantes AEE ao Meu Quintal (setembro de 2024)



Fonte: acervo pessoal.

Feliz por perceber que as reinações-criações enormemente sutis dos quintais infantis reverberam gigantescamente ao longo de nossas vidas, da minha vida, da sequência de ser mulher/mãe/artista/professora/pesquisadora eternizando o deleitar de menina em relação aos meus(minhas) quase iguais-diferentes em qualquer lugar, ambiente favorável às aparentes inutilidades. Presentes nas perspectivas comuns das meninas/professoras/árvores colaboradoras de reflexões, através de teorias e práticas. Viver os elementos que existem nas construções das narrativas de vida passada e presente, dando a coragem de seguir partilhando histórias e experiências de corpo inteiro, também presentes em seu eterno ser menina(s) atual e, com certeza, futuro. Por permanecer menina e respeitar a cada dia mais os saberes/sabores/manifestações espontâneas essenciais/vitais do ser que sou/fui e serei.

Alegre, que no grande quintal da Casa José de Alencar poderemos trazer para mais perto o modo brincante e as estruturas dos brinquedos de pedras, paus, folhas, areias, retalhos, restos de monturos e as importâncias tão marcantes, nestes tempos pós-pandêmicos, e as correntes invisíveis das redes sociais, entre outros afetos. Por continuar militante das infâncias, como sempre, mesmo sem essa nítida percepção, por vezes, e trazer em cada ato/ação/verbo e fazeres/saberes as infâncias como o estado necessário de revisitação sempre, em qualquer idade e/ou grau de saber.

Menciono esses tempos e ambientes por considerá-los empórios de possibilidade de brincar, viver e construir o novo por meio do já existente. Criei e brinquei em muitas casinhas de madeiras feitas de restos de quintal, por baixo das árvores, do limoeiro do quintal da casa dos meus pais... fogões para fazer comidinhas, os chamados guisados, às vezes, com flores e sementes; noutras, com punhados de arroz e feijão em panelinhas de barro... ou quando vestia meias velhas e as transformava em patins de pano pelo corredor da casa onde morava... tudo se transformava em quintal de mente/alma de criar e ser transformado por isso e seguir assim.

Em síntese, compreendo que qualquer espaço criador é uma possibilidade de quintal. Ao mesmo tempo, o quintal não está necessariamente circunscrito em um lugar. O quintal se manifesta como força vital do criar. Na perspectiva quintalzante, o quintal pode ser uma caixa de papelão, um corredor, um par de meias, um tijolo etc., desde que o ser dê vazão à criação.

Concluo contente por reunir fazeres manuais, em inúmeros anos, apresentando suas cicatrizes, do ir e vir das aulas interdisciplinares da graduação na FACED, promovidas por nós mesmos(as) e até mesmo com a ausência de estudos sobre os bebês e crianças bem pequenas; pelas andanças em escolas dos bairros Edson Queiroz, Parque Manibura, Itamarati, Trilho, Vicente Pinzón, José de Alencar. Contente pelas aventuras de desconstruir saberes cristalizados e rígidos nas fitas, fitilhos, linhas, aviamentos e sacos transparentes. Na cola ou na costura, no bordar. No desenhar. No cozinhar das sementes. Na vontade de unir os transpassados, expressar um novo no velho (nos velhos objetos), um novo objeto artístico, nova obra com cor de gentes.

Contente por trazer os A/R/Tobiográficos, os artefatos guardados, a relíquias de memórias misturadas à vida vivida e aos fatos interpostos políticos, culturais, fraternais, sexuais, maternais, feito obra de arte (o que é? O que são? Tanto separadamente como juntos) por serem eles já existentes e/ou por serem recompostos em novos atuais momentos e/ou obras novas.

Rica de manifestação amorosa, cercada do verde que ainda pulsa, nos caminhos de rio que lateja, o suor cheiroso da mata florada... e cidade verde... por entre algumas dores, aperreios e vácuos... e deixar ser o que precisa ser... como pode ser, de um jeito transgressor? Por poder

apresentar meu *produto artístico quintalzante*, nele mesmo.... e por parte da minha querida orientação, banca e coordenação do programa de mestrado, ser quem eu realmente sou, arriscante de outras formas de dissertar.

Figura 31 – Defesa da dissertação, um quintal e artes reunidas-religadas



Fonte: acervo pessoal.

Agradevida das pessoas amigas, bolinadoras de quem se dói, das tantas contribuições por entre dentes ou não, dos agrupamentos do ver, fazer de cada ser. Das honras de perceber-se realmente diferente, nem melhor, nem pior, sem precedentes. Por tantas contribuições, por me fazerem melhor; porém, inicialmente, vivendo os acontecimentos, não havia percebido suas valorizações.

Responsável por ecoar os aprendizados aos que querem escutar e aos que não querem, talvez. Feito sementes que chegam pelos bicos dos passarinhos. Invasões, progresso, falta de espaço, racionalização. Tudo junto, pois estamos (nós, gentes) ocupando os espaços tradicionalmente das floras /faunas e éteres.

Na ligeireza dos *Velhinhos Anicetos*, em risco de faca saltador. Uma lembrança viva, Ariel pequenino, dançante, maravilhado com a agilidade dos velhinhos militantes da cultura popular, tão lindamente artistas, em uma das danças da briga de agricultores/guerreiros com seus facões.

Na potência dos tambores dos nossos corações, por serem orações. Na teimosia das rãs e sapos invasores e, ao mesmo tempo tão amigos. As contradições cotidianas, na revolucionária necessidade de ocuparmos espaços contraditórios idênticos.

Na vibração em prisma de um círculo cromático doado pelos anjos. A imagem dela veio em sonho para a nossa participação na *VII Bienal Internacional do Livro e Leitura do Ceará*.

Então, digo que os objetivos vistos e revistos, lunares ou solares (Bachelard, 2008), foram alcançados e podem continuar reverberar. E manejo as palavras com a gratidão da palavra/verbo *reverberançar*, tenho certeza da permissão freiriana.

REFERÊNCIAS

- ASIHVIF, A. Carta da ASIHVIF. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 177–179, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2530>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBOSA, A. M. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BEZERRA, L. R. **Experiências a/r/tobiográficas: diálogos narrativos sobre a formação de arte/educadoras**. 2022. 326 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- CHRISTINEDELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. Revisão técnica de Fernando Scheibe Nias. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação**. Campinas: Papirus, 1983.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia – Problemas e Práticas**, n. 9, pp.171-177, 1991.
- FICHER, E. **A necessidade da arte**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1966
- GOLDBERG, L. **Autobiografismo: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional**. 2016. 343 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.
- IRWIN, R. L. **Pesquisa Educacional Baseado na A/ R/ Tografia**. Santa Maria: Editora UFSM. 2004.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo. Cortez, 2001.
- LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, cidade, v. n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413 Acesso em: março de 2017
- LINHARES, A. M. B. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre arte e**

educação. 2 ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2003.

LINHARES, A. M. B. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade**. Ijuí: Editora da Unijuí, 1999.

LOBATO, M. **Sítio do Pica-Pau Amarelo**: reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOSKA, P. Jardim do silêncio. Intérprete: Paulinho Moska. In: Paulinho Moska. **Tudo novo de novo**. São Paulo: Casulo. 2003. Disponível em: <https://youtu.be/jdhu9sN3t30?feature=shared>.

MOSKA, P. Nunca foi tarde. Intérprete: Paulinho Moska. In: Paulinho Moska. **Falso**. São Paulo: EMI, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g3JXcsmI9ac>.

NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

OLINDA, E. M. B. **Uma santa na penumbra**: razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na História e nas práticas pedagógicas do ensino fundamental. 2018. Tese (Promoção para professora titular) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos criativos**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIMENTEL, L. G. Formação de professores de arte: novos caminhos, muitas possibilidades, imensa responsabilidade. In: BARBOSA, J. M. (Org.). **Trajetória e Política para o ensino das artes no Brasil: anais da XV CONFAEB**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154564por.pdf>. Acesso em: 03 mar 2017. p. 164-173.

PINEAU, L. G. s histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Tradução de Maria Teresa Van Acker e Helena Coharik Chamlian. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n.2, v. 32, p. 329-343, maio/ago. 2006

SARMENTO, S. M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, S. M.; CERISARA, A. B. (Orgs.). **Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004, p. 9-34.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZARANZA, G. Banho de quintal. In: MORES, R. (Org.). **Poesiarte com as infâncias**: poesia para bebês e crianças pequenas. Fortaleza: Gráfica Yares, 2021.

ZARANZA, G. Portão. In: MORES, R. (Org.). **Poesiarte com as infâncias**: poesia para bebês e crianças pequenas. Fortaleza: Gráfica Yares, 2021.

ZAVALLANI, G. **Pedagogia do caracol**: por uma escola lenta e não violenta. Tradução de Nome e Sobrenome. São Paulo: Adonis; 2014.

APÊNDICE A – ACORDO BIOGRÁFICO

CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO (CRB) – 2023 “Quintais brincantes”

RESPONSÁVEIS: Mestranda Geórgia Zaranza e Profa Dra Luciane Goldberg (orientadora)

ACORDO BIOGRÁFICO

PRINCÍPIOS, NORMAS E COMPROMISSOS PARA O FUNCIONAMENTO DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO¹² NA MODALIDADE DAS NARRATIVAS DE FORMAÇÃO

O presente documento expressa um acordo entre as professoras de Educação infantil convidadas para realização de um **Círculo Reflexivo Biográfico (CRB)** desenvolvido pela mestranda Geórgia Sampaio Zaranza para sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal do Ceará (PPGARTES - IFCE), intitulada **NARRATIVAS DE VIDA POR ENTRE MEMÓRIAS DE QUINTAIS: DAS REINAÇÕES-CRIAÇÕES DE MENINA À PROFESSORA DE SI**, sob orientação da Profa Dra Luciane Germano Goldberg.

ACORDO BIOGRÁFICO

Nossas atividades serão regidas pelos seguintes princípios: respeito mútuo, colaboração, comportamento ético, integração e organização. Após discussão de todos os pontos deste acordo decidimos orientar o processo de biografização em que estamos implicados(as), conforme segue:

1. Somos iguais em nossa humanidade e na busca pelo “ser mais”. Somos diferentes por nossas trajetórias, percursos e identidades. Na igualdade e na diferença, respeitaremos uns aos outros, aceitando-nos incondicionalmente;
2. O respeito começa por nós mesmos(as). Respeitaremos nossas limitações, resistências e modo de ser, porém por investir no processo de formação, desde já

¹²Trata-se de um dispositivo (procedimento, mecanismo) de pesquisa e de formação desenvolvido pela profa Dra Ercília Maria Braga de Olinda, de forma coletiva e cooperativa no Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), visando garantir um processo de biografização e produção de narrativas (histórias de vida; biografia educativa).

decretamos: “o desejo que temos de autoconhecimento e de (trans)formação é maior que nossa resistência”.

3. Sabemos que estamos no lugar correto e com as pessoas certas para a realização do trabalho biográfico que desejamos, por isso estamos abertos(as) à partilha e ao agir solidário;
4. Tudo que dissermos e fizermos no CRB ficará em sigilo e jamais será usado para julgar qualquer pessoa;
5. Somos livres para fazermos a narrativa de nossas vidas e para dizermos o que conseguirmos, sem, contudo, comprometer outras pessoas que compartilharam/compartilham experiências conosco;
6. Procuraremos falar, buscando equilíbrio entre o nosso tempo e o tempo do outro;
7. Somos livres para tecer nossas histórias, mas estamos cientes de que “os outros” nos revelam. Nós somos, porque estamos em situação! Nossa subjetividade e nossas identidades se constituem e se transformam com os outros, em situação, portanto, estaremos abertos(as) aos momentos de “cooperação narrativa” em que seremos interpelados dialogicamente pelo outro;
8. Seremos pontuais e assíduos, pois o trabalho de biografização implica numa dinâmica grupal que é quebrada com entradas bruscas e com ausências. Nossas atividades serão agendadas por nós e seguidas disciplinadamente;
9. Desenvolveremos dinâmicas visando a harmonização do grupo. Em cada encontro aprofundaremos nossos laços e nossas descobertas e elaborações pessoais. Também sabemos da necessidade de valorização das contribuições de cada membro do grupo;
10. Estamos cientes de que a tessitura biográfica a ser realizada neste CRB é uma exigência ética para que possamos coordenar futuros grupos, conforme indicação da carta de princípios da Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação;
11. Nosso CRB será realizado em quatro encontros de 4h, envolvendo os seguintes momentos:
 - a) **Acolhida** – momento inicial para demonstrar que cada participante é importante. É um momento de harmonização ou despertar afetivo, pois é importante estreitar os laços de amizade e de afeto para que haja confiança mútua. Cada membro dá sustentação ao outro, apoiando-o nas dificuldades, e isso exige a alegria da partilha, propiciada pelo respeito mútuo e pela gentileza

que deve circular no grupo.

- b) **Presentificação** – envolve o ser na ação presente, atento ao seu despertar espiritual, cognitivo, corporal e afetivo. É um momento de preparação para um mergulho interior e para a abertura ao outro. Trata-se de estar atento a si mesma e ao outro em um exercício de escuta de si e da alteridade. Esse caminhar implica no aprendizado do respeito à diversidade e na sensibilização para a colaboração.
- c) **Biografização** – conjunto de atividades que utilizam diferentes linguagens: oral, escrita, gestual e imagética. Iniciamos pela produção do Artefato Artístico Biográfico seguido pela narrativa oral – cada narrador(a) terá até 30 minutos para sua tessitura biográfica a partir da seguinte questão provocadora: como venho me tornando o(a) educador(a) que sou hoje? Em seguida virão: transcrição/textualização; interação em pequenos grupos para a colaboração narrativa; escrita final da biografia educativa.
- d) **Integração experiencial** – ao final realizamos uma dinâmica grupal para uma síntese integradora das experiências, além de avaliarmos os pontos altos e baixos de cada atividade, incluindo o desempenho dos mediadores. No encontro final, fazemos uma síntese e avaliação geral de todo o processo, utilizando a metáfora da árvore, que permite a cada participante identificar, em um esforço de síntese, as principais experiências na sua trajetória, avaliando o que foi fundante, significativo e transformador. O CRB é encerrado com uma partilha sobre o significado, para cada pessoa, da experiência vivida.

A pergunta provocadora para a produção da narrativa oral será: **como as memórias de quintais inspiram processos criativos na menina/educadora infantil que és/estás te tornando?**

Fortaleza, 01 de julho de 2024

Assinatura dos membros do grupo:

PROGRAMAÇÃO

DATA	ATIVIDADES
05/07 8h às 12h FACED SALA 1	8h às 8h15 – Acolhida (brinquedos populares convidarão as professoras convidadas para brincar em um tapete com um círculo cromático). Escolheremos um brinquedo e brincarmos com mesmo dizendo nosso nome. 8h15 às 8h50 – Seremos convidadas para um alongamento – Saudação ao Sol (duas sessões de asanas). 8h50 às 9h15: ao final, cantaremos uma canção e faremos uma viagem mental com as perguntas chaves sugeridas: quando éramos crianças, onde brincávamos? Com o quê brincávamos? Qual era a cor do seu cabelo? E a cor da sua pele? Qual tipo de roupa você gostava de usar? 9h15 às 10h: será servido um chá de ervas, e continuaremos em um pacto de silêncio; receberemos tecidos com cores de peles; faremos as bonequinhas/meninas/professoras de si. 10h às 10h40: as professoras poderão compartilhar as bonequinhas confeccionadas e um pouco de suas histórias (3 min para cada participante). 10h às 11h: com a palavra, a professora Luciane: um pouco da história do CBB/CRB 11h às 11h15: explicação do roteiro dos dias e a necessidade de criarmos com as mãos, a cada encontro. Necessidade da bolsa de trabalhos manuais e saquinho de recordações (dos encontros ou mais). 11h15 às 11h30: roda de conversa. 11h30 às 12h: merenda/almoço.
06/07 8h às 12h CEI	8h às 8h50: acolhida: um tapete com um círculo cromático; convidar todas as educadoras presentes a escolher uma cor que mais gosta presente no c.c. para colocar seu objeto nesse gomo de cor; brincaremos de apresentação com os gestos de algo de que gostamos muito e falaremos nosso nomes; alongamento básico com o asana elefantinho e respiração de fortalecimento. 8h50 às 9h30: cantaremos uma canção e nos sentaremos para a apresentação dos nossos objetos; solicitaremos uma canção que esteja ecoando até os dias atuais e apresentaremos o objeto TCDSP. 9h30 às 10h: será servido um café ou chá e partilharemos nossas merendas. 10h40 às 11h: faremos um saquinho para guardar nossos trabalhos manuais; bolsa de trabalhos manuais e saquinho de recordações (dos encontros ou não). 11h00 às 11h30: proposta dos relicários das memórias: O que é? Como podemos construir esse objeto para exposição? Vestidos Painéis Estandartes? 11h30 às 12h: roda de conversa fechamento e

	combinados do para o dia 07/07.
07/07 8h às 12h FACED	Apresentação do CRB como dispositivo de pesquisa, intervenção e formação (bases, princípios, procedimentos); apresentação da organização do CRB: questão geradora, cronograma; CARTA ASIHVIF; Acordo Biográfico.
08/07 8h às 12h FACED	NARRATIVAS ORAIS Pergunta geradora: como venho me tornando o/a educador/a/ que sou?
I Sem. 2024	Transcrição das narrativas por meio da AR/Tografia do trabalho manual
14/08/2024	Aplicação da arte-biografia de quintais das professoras, apresentação e exposição.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa de mestrado. Sua participação é importante; porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. A pesquisa terá como título ***Narrativas de vida por entre memórias de quintais: das reinações de menina(s) a professora(s) de si***. O objetivo geral será refletir sobre processos criativos e formativos que se tecem por meio dos aprendizados dos “quintais” vividos e pelos que permanecem nos dias atuais no ser/estar professora da educação infantil através de narrativas (auto)biográficas entrelaçadas com a arte. Se o(a) senhor(a) consentir, será utilizado gravador para melhor compreensão dos dados produzidos. Informamos que, caso seja do seu interesse, garantimos o anonimato quanto às informações prestadas; não divulgaremos qualquer informação relacionada à sua intimidade. Caso aceite participar, não haverá prejuízo para você em face das informações fornecidas.

Riscos: os procedimentos de construção de dados desta pesquisa não são invasivos. Porém, um possível risco é que se sensibilize pelo fato de ser uma pesquisa de cunho autobiográfico que promove o acesso às memórias da infância. Caso ocorra qualquer desconforto emocional em virtude do acesso às suas memórias da infância durante a realização da pesquisa, nos comunique que esta será interrompida e orientamos encaminhamento para serviço de saúde adequado.

Benefícios: esta pesquisa, em campo mais amplo, irá colaborar com o conhecimento científico na área da Arte/Educação, em especial, com os conhecimentos do campo da Arte, Infância e Educação infantil, levantando possibilidades de se refletir acerca das práticas e da formação docente integrando as esferas pessoal e profissional. Espera-se que essa reflexão aconteça também no âmbito pessoal, ou seja, que o professor se aproprie e pense sobre sua formação pessoal e profissional, bem como reflita criticamente sobre sua prática de ensino.

Durante o andamento da pesquisa, se por qualquer motivo resolver desistir, tem toda liberdade para retirar seu consentimento. Em caso de dúvidas, favor contatar a pesquisadora:

Responsável pela pesquisa

Nome: Geórgia Sampaio Zaranza

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Endereço: Rua Paisagística, 500

Bairro: São Bento

CEP: 60.875-627

Fortaleza - Ceará

Telefone da pesquisadora: (85)987151001

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que minha participação implicam concordo em dele participar e para isso DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza, 01 de agosto de 2024.

_____ Assinatura do(a) voluntário(a) ou digital _____ Assinatura do(a) voluntário(a) ou digital _____ Assinatura do(a) voluntário(a) ou digital _____ Assinatura do(a) voluntário(a) ou digital	_____ Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo _____ Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo
Complemento: E-mail.:	

ANEXO 1 - PROJETO DE EXTENSÃO

**REDES DE EXTENSÃO PARA O DESENVOLVIMENTO AÇÕES
INTERSETORIAIS EM TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS**

ANEXO I PROJETO DE EXTENSÃO

Eixo 8: Primeira infância e sistema garantia de direitos;

I. DADOS DO PROJETO

TÍTULO DO PROJETO: Talita: liberdade de ser, apego e educação criadora.

IPES PARTICIPANTES: UFC

REGIÃO E MUNICÍPIOS BENEFICIÁRIOS (VER ANEXO II): Grande Fortaleza

Nº DE POTENCIAIS BENEFICIÁRIOS: 3.610 crianças

Local		Responsáveis	Ação	Público Alvo bebês/ crianças de 0 a 6 anos
Defensoria Pública do estado do Ceará - NADIJ	Casa de Jeremias	Álvaro Madeiro	Pediatria do Desenvolvimento e do Comportamento (PDC)	10
	São Miguel Arcanjo (São Tiago e Santo Antônio)	Jeannette Ramos	Ciranda Paulo Freire	10
		Cinthia Mendonça Cavalcante	Cirandas	
		Anamaria Fernandes	Libélulas	
Casa da Criança e do adolescente		Márcia Machado	Cirandas do Cuidado	3.000
		Jeannette Ramo	Ciranda Paulo	

			Freire	
		Anamaria Fernandes	Libélulas	
		Cinthia Mendonça Cavalcante	Cirandas	
		Vlândia Jamile dos Santos Jucá	Cirandas	
		Rosa Primo	Zumzum	100
		Anamaria Fernandes	Zumzum	
SME	Distrito 06 a definir	Carolina Vieira	Tenda Brincante TEA	80
	Escola Municipal Frei Tito de Alencar Lima	Jeannette Ramos	Ciranda Paulo Freire	147
	Escola Municipal profa. Josefina Parente de Araújo		Ciranda Paulo Freire	119
	Escola Municipal de Ensino Fundamental Manuel Eduardo Pinheiro			84
	Biblioteca comunitária da Sabiaguaba			60
Todos os espaços atendidos neste projeto		Luciane Germano Goldberg	Itinerâncias	ok
Total				3.610 crianças

COORDENADOR(A):

LINK CV LATTES:

Nº DE EXTENSIONISTAS: 74 IEXT e 05 colaboradores de Pós-Graduação

Professor	Graduação	Colaboradores de Pós-graduação e/ou residentes
Álvaro Álvaro Jorge Madeiro Leite	02 Medicina	02 residentes de pediatria
Rosa Cristina Primo Gadelha	07 Dança	01 PPGArtes
Anamaria Fernandes	05 Dança 05 Teatro 05 Psicologia	
Luciane Germano Goldberg	06 Pedagogia 02 Cinema e Audiovisual 01 Psicologia	
Jeannette Filomeno Pouchain Ramos	02 Pedagogia 01 Letras 01 História 01 Geografia 05 Oceanografia/Ciências Ambientais/Ecologia Criativa/ Dança/ Cinema e audiovisual 02 Biologia 02 Agronomia/terra	
Carolina Vieira Silva	10 Pedagogia ou Teatro	
Márcia Maria Tavares Machado	01 Iniciação Científica	01 Pós-graduação em Saúde Coletiva
Cinthia Mendonça Cavalcante		

Vlândia Jamile dos Santos Jucá	04 bolsistas de psicologia	01 voluntário de mestrado
Total de extensionistas	74 IEXT	05 Colaboradores - estudantes de pós-graduação

EQUIPE:

Nome	Unidade	Categoria Profissional	Função no projeto
Jeannette Filomeno Pouchain Ramos	FACED/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Cirandas Paulo Freire: EMEF Frei Tito, EMEF profa. Josefina Parente, EMEF Manuel Eduardo Pinheiro, São Miguel Arcanjo (São Tiago), Casa da Criança e do adolescente e Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba.
Luciane Germano Goldberg	FACED/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Itinerâncias Todos os locais atendidos neste projeto

Álvaro Jorge Madeiro Leite	FAMED/UFC	Servidor docente	Colaborador - coordenador de ação PDC Casa de Jeremias Iprede/Vincular
Márcia Maria Tavares Machado	FAMED/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Cirandas do cuidado Casa da Criança e do Adolescente
Cynthia Mendonça Cavalcante	PSI/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Cirandas Casa da Criança e do Adolescente, São Miguel Arcanjo.
Rosa Cristina Primo Gadelha	ICA/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Zumzum Iprede/Vincular
Anamaria Fernandes Viana	ICA/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Libélulas Casa da Criança e do Adolescente ZumZum

			Iprede/Vincular
Carolina Vieira Silva	ICA/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Tenda Brincante SME - Distrito 06 TEA
Vlândia Jamile dos Santos Jucá	PSI/UFC	Servidor docente	Colaboradora - coordenadora de ação Cirandas do cuidado Casa da Criança e do Adolescente
Ricardo Sidou	FAMED/UFC	Servidor docente	Colaborador - assessor
Georgia Zaranza	SME/ EMTI José Carvalho	Professora da rede municipal de educação / AEE	Agente Intersetorial no Território (AIT) Tenda Brincante SME - Distrito 06 TEA
Ariany Lima Vieira Guerra	IPREDE/Vincular	Pedagoga do IPREDE/Vincular	Agente Intersetorial no Território (AIT)
Francisco Manoel da Silva Junior	EMEF Frei Tito - Prefeitura de Fortaleza	Professor da rede municipal de educação	Agente Intersetorial no Território (AIT)
Francisca Gleiciane Queiroz Freitas	Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba	Educadora Social	Agente Intersetorial no Território (AIT)

Alexandra Rodrigues	Casa São Miguel Arcanjo: São Tiago (5 a 12 anos)	Assistente Social	Agente Intersetorial no Território (AIT)
Alan Tavares	Escola Municipal de Ensino Fundamental Manuel Eduardo Pinheiro	Professor da Rede Municipal Eduardo Pinheiro	Agente Intersetorial no Território (AIT)
A definir	Escola Municipal profa. Josefina Parente de Araújo	a definir	Agente Intersetorial no Território (AIT)
A definir	Casa São Miguel Arcanjo: Santo António (Bebês)	a definir	Agente Intersetorial no Território (AIT)
A definir	Casa da Crianças e do Adolescente	a definir	Agente Intersetorial no Território (AIT)
A definir	Casa de Jeremias	a definir	Agente Intersetorial no Território (AIT)

II. EIXO ESTRATÉGICO

Indique o(s) eixo(s) estratégico(s) que serão trabalhados no seu projeto:

- ☐ 1 - Educação para a Emancipação
- ☐ 2 - Patrimônio Cultural, histórico e natural
- ☐ 3 - Saúde Coletiva;
- ☐ 4 - Popularização da Ciência;
- ☐ 5 - Desenvolvimento agrário;
- ☐ 6 - Meio Ambiente e mudança climática
- ☐ 7 – Busca Ativa;
- ☒ 8 - Primeira infância e sistema de garantia de direitos;
- ☐ 9 - Recomposição das Aprendizagens;
- ☐ 10 - Saúde na Escola
- ☐ 11 - Equipamentos intersetoriais de convivência comunitária
- ☐ 12 - Segurança e proteção no ambiente escolar
- ☐ 13 - Educação de Jovens e Adultos (EJA), de idosos e erradicação do analfabetismo
- ☐ 14 - Políticas de educação integral em tempo integral

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

As infâncias devem ser compreendidas em seu espectro plural. Para tanto, em atendimento às suas necessidades integrais, buscamos promover ações, sejam elas escolarizadas ou não. É fato que as crianças estão inseridas em cenários contraditórios que as têm exposto a situações de abandono, stress, ansiedade, pressão, entre outros; tendo, portanto, violado seus direitos de vida familiar e comunitária, cuidado, liberdade, brincar livre, cultura, educação etc.. Para ilustrar Guttenhöfer cita que

A pressão sobre as crianças está aumentando em todos os cantos do mundo: elas devem aprender a ler aos três/quatro anos e estão expostas a um currículo engessado, inadequado e rígido estabelecido pelo governo. São, ainda, induzidas a apresentar desempenhos constantemente melhores, num ambiente onde o ensino é intelectualizado e repleto de testes. Quase sem chances de se movimentarem e de vivenciarem a arte e o brincar... Além disso, em seus lares, essas crianças enfrentam famílias desestruturadas, stress dos pais, desemprego, pobreza e a solidão em frente à TV e ao computador. Mesmo os filhos de pais ricos são igualmente pobres! (2013, p.1).

Em outras palavras, elas não têm tido seu direito garantido de viver as infâncias plurais, pois os sistemas escolares em sua maioria reproduzem modelos e padrões culturais de fragmentação humana.

A criança, por natureza, quer ser ativa e hoje a escola não permite isso. Elas não aceitam mais o professor que parece um "depositário de conhecimentos teóricos" e não aceitam mais um currículo e salas de aula que as isolam da vida real, engessam, a privam da liberdade de ser e inventar, criar, transformar. Então, muitas se resignam, adoecem, outras são medicalizadas para conter seus movimentos naturais.

Neste contexto, há ainda outra privação da qual sofrem as crianças, o direito à terra. Não obstante, a criança está separada da terra porque esta foi esquecida por nossa sociedade. A consequência de tais escolhas têm sido anunciadas nas catástrofes climáticas em consequência da destruição de sistemas ecológicos. O desenvolvimento da agroindústria, a baixa qualidade dos alimentos, o sofrimento dos animais e o desaparecimento das florestas são perigos que estão despertando em nós a necessidade de novas estratégias. É urgente devolver às crianças seus direitos fundamentais e construir com elas um novo olhar sobre o mundo e as sociedades.

Concordamos, então, com Novalis que escreveu: "Existe a necessidade urgente de um novo currículo com uma nova valorização do que é essencial e onde a língua nativa, literatura e matemática são tão importantes quanto o trabalhar com a terra e com as mãos". (*apud* GUTTENHÖFER, 2013, p. 83).

Ainda é válido ressaltar as experiências artísticas e culturais, das quais as crianças também parecem estar bem distantes. Sabe-se o quanto é fundamental na formação dos sujeitos o direito de se expressar, conhecer e fruir eventos de arte.

Diante de tais questões, propomos ações que visam amenizar as suas possíveis consequências na saúde integral das crianças. Neste campo, podemos citar o exemplo do *Closlieu* de Arno Stern. O *Closlieu* inspira a prática do Ateliê Pintante que já é experimentada no Instituto da Primeira Infância (IPREDE) e na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Tal como é pensado e executado, o objetivo do *Closlieu* não é formar artistas, ensinar e repassar técnicas da pintura para seus participantes, mas "criar uma disposição e condições nas quais a criança se torna capaz de aperfeiçoar faculdades criadoras de que está provida naturalmente, e desenvolvê-las a um ponto extremo que lhe permitam exprimir-se totalmente" (STERN, 1978, p. 34).

Há muitas particularidades dentro deste ateliê que serve como base para o Ateliê

Pintante, ação que pertence a célula de itinerâncias neste projeto, o qual aparenta simplicidade, no entanto abriga uma série de procedimentos e práticas específicas, o que faz com que seja tão singular e diferente da escola ou outros ateliês de arte. O Pintante também é um espaço 100% inclusivo, que recebe desde crianças (acima de 4 anos), jovens e adultos, incluindo também aqueles que possuem algum tipo de deficiência.

Arno Stern batiza a prática do seu ateliê como “Jogo de Pintar”, em que em primeiro lugar, a expressão livre é a regra principal, não se desenha para depois pintar, você não encontra lápis de desenho, apenas pincéis. Os pincéis, finos e grossos, por terem a ponta fina, podem grafar os mais variados tipos de traços, dos mais finos aos mais grossos e são muito macios. A qualidade do material é extremamente importante para proporcionar uma experiência significativa. Importante frisar que o objetivo do Ateliê Pintante não é terapêutico, mas educativo e formador.

Sobre o uso do termo “expressão livre” é preciso esclarecer que, diante de tanta repressão, ignorância e controle do mundo adulto sobre a expressão infantil, Arno Stern e demais autores, são radicais na defesa da singularidade e autenticidade da arte infantil. Portanto, o “livre” não significa que é qualquer coisa, um simples fazer sem sentido, significa que valoriza a verdadeira expressão, sem a intervenção castradora e controladora dos adultos, pois que “sem liberdade não há expressão, o produto nascido da criação limitada assemelha-se a um ovo não fecundado” (STERN, 1974, p. 19).

A arte pode oportunizar um outro espaço, onde julgamentos dão lugar à descoberta. A dança por exemplo não é somente uma arte do gesto, mas uma arte que produz gestos. Assim, o projeto em questão buscará instigar o profissional a uma reflexão em torno dos saberes, onde eles se situam e como construímos espaços de conhecimento e aprendizagem nas relações não hierárquicas.

Experimentar a imagem no corpo em estado de dança é se dar conta de que ela é sempre menos que aquilo que ela torna visível – ou ainda um perceber que aquilo que vemos em uma imagem é sempre mais que seu objeto físico. Daí este estranho paradoxo na atitude de olhar a imagem – sobre o qual falou Emmanuel Alloa – “reconhecendo que ela tem o poder de tocar o que está ausente, tornando presente aquele que está distante” (ALLOA, 2015: 10). O processo artístico em dança envolve sensibilidade e atenção, deixando-se afetar pelo movimento dançado e acolhendo seus efeitos sobre si. É enquanto força da dança, produzindo estados de atenção, que “desejo de existir” torna-se suspensão do tempo – indicando a invenção recíproca e indissociável de si e do mundo. A construção e entendimento de uma certa corporeidade dançante é, assim, encontro consigo mesmo, com as

forças de alteridade que nos habitam.

Por fim, podemos destacar que tanto para a Pediatria do Comportamento e Desenvolvimento, quanto para a ação do Cirandas - atenção psicossocial às crianças - a Teoria do Apego, que explica como as crianças se relacionam com os seus cuidadores, desenvolvida pelo psiquiatra John Bowlby na década de 1950, é basilar.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma das categorias importantes em saúde mental é o estabelecimento de relações interpessoais harmoniosas (OMS, 2001). Tomando essa perspectiva, John Bowlby apresenta em sua discussão acerca da teoria do apego postulados fundamentais para se compreender o desenvolvimento de tais relações interpessoais na infância e como este desenvolvimento afetará os relacionamentos na vida adulta.

Com base em estudos empíricos, Bowlby afirma que a busca por contato é inata ao ser humano e a partir desse entendimento explica como o bebê realiza essa busca desde o nascimento, ou seja, como a criança se comporta (comportamento de apego) em vista de estabelecer suas primeiras relações, as quais se darão com seus primeiros cuidadores.

É importante ressaltar que a teoria do apego trata de um sistema que se estabelece internamente, mas que pode ser observado a partir de comportamentos que irão demandar proximidade a seus cuidadores. São exemplos de comportamento de apego: sorrir, fazer contato visual, chamar, tocar, agarrar-se, chorar, seguir, dentre outros. Esses comportamentos podem ser eliciados diante de muitos adultos, mas a criança tende a realizá-los de modo especial diante daquela pessoa considerada como figura de apego, ou seja, do cuidador permanente identificado como apto para lidar com o mundo.

Ao explicar a diferença entre apego e comportamento de apego, Bowlby diz que se o “comportamento de apego pode, em circunstâncias diferentes, ser mostrado a uma variedade de indivíduos, um apego duradouro ou laço de apego é restrito a muito poucos” (1989, p.40). Portanto, há uma elegibilidade que se dá a partir de uma competência percebida pela criança e, depois de eleita, a figura de apego será procurada pela criança nos momentos de dificuldades devendo proporcionar experiências de segurança e conforto. São essas experiências que irão gerar uma base segura a partir da qual a criança poderá explorar o mundo com autonomia saudável.

Desse modo, o apego vivido nas primeiras relações é essencial não somente para promover saúde mental na infância, mas segundo Bowlby, seu mecanismo é internalizado e afeta a forma como a pessoa irá se relacionar no futuro. Desse modo, é de suma importância a atenção aos relacionamentos da criança com seus primeiros cuidadores.

No entanto, promover bom apego é algo que depende mais dos cuidadores do que das crianças. Nessa dimensão, a literatura indica que a sensibilidade materna é o melhor preditor de vinculação na primeira infância (Bigelow et al., 2010; Tarabulsky et al., 2005); ademais, a OECD (2004) percebe essa categoria não simplesmente como um conceito, mas como um “constructo relacional”.

Logo, em relação à promoção de apego na criança, o cuidador sensível será mais atento às necessidades da criança, tornando-se apto e elegível a se tornar uma boa figura de apego. Daí a importância de uma atenção especial à relação inicial do bebê com seu cuidador permanente, aquela pessoa que estará de modo regular e constante desempenhando o papel de mãe. Pois, cuidar dessa relação é cuidar da promoção de saúde mental do indivíduo.

Talita, menina ou jovem mulher, ressuscitada por Jesus, para a tradição cristã retrata a força da fé e da ação de quem se importa com o outro. Os pais de Talita não desistiram dela e, mesmo já dada como morta, recorrem ao extraordinário divino para que ela viva novamente. Talita *cumi!*, palavras de ordem ditas por Jesus para que ela vivesse novamente, que querem dizer: Menina, levante-se!

Sim, Talita *cumi*. Nossas “Talitas” precisam ser encontradas pelos milagres e, também, pelas mãos operantes de homens e mulheres que reconhecem a importância de seu serviço na vida de cada criança, bem como a capacidade de transformação que seus saberes e fazeres podem realizar em cada história.

Ao mesmo tempo, a literatura infantil brasileira também nos presenteou com uma Talita. Este era o nome de uma menina que tinha a mania de dar nomes de gente aos objetos da casa, e tinham de ser nomes que rimassem. E todos riam. Talita é a protagonista de “A operação do Tio Onofre: uma história policial”, da obra de Tatiana Belinky.

A mesa era a Dona Teresa, a poltrona era a Vó Gordona. E todos riam! Riam porque davam ouvidos à Talita, brincavam com ela. Talita era livre para ser criança, ela dava vida às coisas, era criativa e irreverente. Com toda sua liberdade de criar e se expressar, Talita consegue ajudar a família a se livrar de uma grande encrenca. Portanto, afirmamos que toda ação deste eixo - Infâncias - exige fé, conhecimento, ação, coragem e escuta.

IV. JUSTIFICATIVA:

O Sistema de Garantia de Direitos é articulado através de três formas, são elas: a promoção, o controle e a defesa, que envolvem vários órgãos e instituições do poder público na esfera federal, estadual e municipal, tais como: o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública, as delegacias, hospitais, abrigos, fundações e vários outros que devem estar articulados em rede, como um só sistema de integração.

Em 2016, o Marco Legal da Primeira Infância instituiu a Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado a Crianças de Zero a Três Anos (Atenção Precoce) e para determinar prioridade de atendimento em programas de visitas domiciliares a crianças da educação infantil apoiadas pela educação especial e a crianças da educação infantil com sinais de alerta para o desenvolvimento.

Apontamos também a Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado a Crianças de 0 a 3 Anos (Atenção Precoce), sancionada em 4 de junho de 2024, representa uma ampliação significativa do Marco Legal da Primeira Infância. Ao modificar a Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, essa nova legislação introduz medidas essenciais para estimular o desenvolvimento integral das crianças nessa faixa etária, sublinhando a importância do apoio que deve ser dado à família e a cooperação intersetorial, especialmente com os serviços de saúde e assistência social.

Tais ações enfatizam a necessidade de atenção especial para a primeira infância, particularmente aqueles nascidos ou que vivem em condições de risco, como prematuros ou crianças diagnosticadas com transtornos do desenvolvimento. Sabemos que durante os três primeiros anos de vida, aproximadamente 80% das principais conexões cerebrais são formadas, tornando esse período crítico para o desenvolvimento integral da criança. Nessa fase, o cérebro está em rápida expansão e é altamente plástico, o que significa que é extremamente receptivo a experiências e estímulos.

Para se desenvolver de forma adequada durante o período de zero a três anos, a criança precisa de atenção e suporte apropriados, especialmente aquelas com necessidades educacionais especiais. Quando devidamente estimulada nesse estágio, a criança obtém benefícios essenciais para o seu desenvolvimento físico-motor, socioafetivo e cognitivo.

Outra questão grave que afeta o público alvo atendido por este projeto é a privação parental, que assola as bases da saúde mental infantil. No Brasil, ela pode ocorrer por

diversos motivos, e infelizmente, a experiência de vários tipos de violência nos lares é uma delas. Assim, não bastasse o sofrimento da ausência de um cuidador permanente e dos cortes vinculares vividos, essas crianças ainda são afetadas pelas consequências das experiências das violências pelas quais passaram.

Ao mesmo tempo, crianças em situação de acolhimento, muitas vezes não têm a oportunidade de ter a sua individualidade exercitada, o que interfere no modo de reconhecimento de si e do outro. Ainda, as relações que desenvolve durante a institucionalização diferem bastante de um contexto familiar; o que traz a demanda da formação, reconhecimento e administração dos vínculos com as diversas pessoas com quem ela entra em contato durante o processo. Tudo isso interfere fortemente na promoção da saúde mental da criança em acolhimento institucional, podendo inclusive afetar o processo de possíveis adoções.

Frente a este quadro, infere-se que as crianças podem ser consideradas uma das parcelas mais vulneráveis da população, passando a vivenciar situações de não satisfação de suas necessidades básicas, como falta de moradia, alimentação, e, ainda, dificuldades de acesso a serviços públicos de qualidade nas áreas de educação, saúde, arte, esporte e lazer, o que na maioria das vezes resulta no esmagamento de vínculos familiares, uma vez que estas famílias também se encontram atingidas perversamente pela escassez de políticas públicas que respondam às suas demandas.

V. OBJETIVOS DO PROJETO:

1- Articular a atenção psicossocial continuada de crianças, em primeira infância, em situação de violência graves - em atendimento na Casa da Criança e do Adolescente e em determinadas Unidades de Acolhimentos, buscando assegurar a integralidade do cuidado, juntamente com os órgãos do Sistema de Garantia de Direitos, com ênfase na proteção e redução de danos da situação de violência; através de ações interdisciplinares no campo da saúde, da educação, das artes e do direito.

2- Desenvolver, sistematizar e divulgar estratégias de intervenção para crianças neurodivergentes, em primeira infância, junto ao Vincular/Iprede e à determinadas escolas do Distrito 06 da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza-SME.

3- Favorecer uma educação criadora que promova o direito à livre expressão através das linguagens artísticas para crianças, em primeira infância, que se encontram abrigadas em determinadas Unidades de Acolhimento, bem como àquelas que frequentam escolas ou espaços culturais em áreas periféricas circunvizinhas à determinadas escolas e pré-escolas da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME.

VI. ETAPAS E PROCEDIMENTOS

1. Diagnóstico Territorial:

A nona edição da publicação Cenário da Infância e Adolescência no Brasil da Fundação Abrinq (2024) aponta a estimativa de 54 milhões de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos no Brasil. Cabe ressaltar, que, dentre este quantitativo, 28,9% residem na Região Nordeste, tornando-se a segunda maior proporção de crianças e adolescentes do País.

Ainda nesse contexto, a mesma fundação publicou que 62,7 milhões de pessoas vivem em situação de pobreza no Brasil, sendo que, deste total, 23,4 milhões se encontram em situação de extrema pobreza, vivendo com até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo per capita. Destas, 20 milhões eram crianças e adolescentes em extrema pobreza, ou seja, vivendo com menos da metade do salário mínimo.

Durante os meses de janeiro a novembro de 2024, foram registradas mais de 246 mil denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes no Brasil; deste quantitativo, 3.289 eram referentes ao Estado do Ceará conforme dados disponibilizados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, por meio da Ouvidoria Nacional, por meio de denúncias efetivadas no canal Disque 100.

O Censo e Mapa de Riscos Pessoal e Social do Estado do Ceará - CEMARIS 2022 - revela que, dentre as notificações vinculadas a casos de violência e violação de direitos, a maioria foi identificada no ciclo etário de crianças, com 7.933(31,39%) notificações. Outro importante meio de apresentação de dados utilizado pelo Estado do Ceará é o Observatório de Indicadores Sociais (Oisol), instituído pelo Decreto Estadual nº 33.612, de 04 de junho de 2020, que tem como finalidade ser uma ferramenta de acompanhamento dos indicadores sociais e de violações de direitos humanos do Estado do Ceará. Segundo o Oisol, de 01 de

janeiro a 31 de julho de 2022, foram registrados 812 casos de violência contra crianças e adolescentes.

A Casa da Criança e do Adolescente, inaugurada em Fortaleza no dia 29 de junho de 2022, responde à Lei Nº 13.431, de 4 de abril de 2017 que « estabelece o sistema de garantias dos direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência » (BRASIL, 2017). Tal lei reafirma a doutrina da Proteção Integral presente no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e avança na construção da assistência para pessoas precocemente afetadas pelas diversas formas de violência.

A Lei de 2017 foi regulamentada pelo decreto Nº 9.603, de 10 de dezembro de 2018, onde o fluxo de atendimento para atendimento às vítimas de violência se encontra estabelecido (BRASIL, 2018). O fluxo de atendimento tenta prevenir a revitimização, bem como garantir a integralidade do cuidado através das redes intersetoriais de assistência.

Nos primeiros meses do ano de 2025 (janeiro e fevereiro), a Casa da Criança e do Adolescente, atendeu 308 crianças, das quais 81 estavam na faixa etária de 0 a 6 anos. Em 2024, totalizam 2276 atendimentos, dos quais 770 foram de crianças de 0 a 6 anos. Tais números nos revelam que haverá uma média de 1008 atendimentos de crianças na primeira infância para o ano corrente.

No caso da Casa da Criança e do Adolescente, um modo de facilitar a integralidade do cuidado é agregar, em um mesmo equipamento, diferentes serviços necessários ao trabalho em rede nos casos de violação dos direitos. Desta forma, no mesmo espaço, encontramos: o plantão do Conselho Tutelar, a Rede Acolhe, a Delegacia da Criança e do Adolescente, o Ministério Público, a Defensoria Pública e uma equipe psicossocial formada por profissionais de psicologia e serviço social para a realização do acolhimento, disponível 24 horas.

Ainda no âmbito do estado do Ceará, existem em torno de 420 crianças e adolescentes que vivem em Casas de Acolhimento. Dentre as casas de acolhimento que serão atendidas por este projeto, neste momento já temos articuladas: Casa de Jeremias e a Casa São Miguel Arcanjo. Casa de Jeremias, instituição que abriga em média 10 bebês, localiza-se na rua Bento Albuquerque, 535, no bairro Cocó, na cidade de Fortaleza-CE. Já a Casa do Menor São Miguel Arcanjo é uma entidade filantrópica de utilidade pública federal com sede social no Ceará, na Av. Alberto Craveiro, 2222, no Condomínio Espiritual Uirapuru, Castelão, em Fortaleza – CE. Esta tem como Missão atuar junto com às crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Hoje abriga 07 bebês

de 0 a 5 meses de idade na unidade Santo Antônio e 8 meninos de 5 a 12 anos, podendo atender até 10 crianças na Unidade São Tiago.

Quanto ao diagnóstico referente à situação de crianças com Transtorno do Espectro Autista, podemos apontar que, conforme o Painel de Indicadores da Educação Especial, o Brasil mais que triplicou o número de matrículas de alunos na Educação Especial de 2014 a 2022. Em 2014 o percentual de matrículas na Educação Especial correspondia a 0,8% (5.022) do total de matrículas na Educação Básica, já em 2022 esse percentual corresponde a 3,2% (17.342). Creches, escolas e salas de atendimento educacional especializado (AEE), que corresponde a 609 unidades. A Secretaria Municipal de Educação possui 21000 na rede com laudo de Transtorno do Espectro Autista. O Distrito VI, recorte atendido por este projeto, possui 37 CEI (Centro de Educação Integral), 500 crianças atendidas pelo Projeto Vincular e 630 crianças com laudo de Transtorno do Espectro Autista.

Ainda desenhando o painel das escolas atendidas em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, temos: EMEF Frei Tito, EMEF Manuel Eduardo Pinheiro, e EMEF Josefina Parente. A Frei Tito é uma escola que atende diariamente cerca de 1000 crianças de 1 a 14 anos de idade, destes este projeto contemplará 147 crianças de 5 a 6 anos de idade, correspondendo as 03 (três) turmas de Infantil V e 04 (quatro) turmas de 1o. ano do ensino fundamental; a EMEF Manuel Eduardo Pinheiro possui 44 alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental e 40 alunos no Infantil V; e a EMEF Josefina Parente possui 55 crianças matriculadas no Infantil 5 e 64 no primeiro ano do Ensino Fundamental, turnos manhã e tarde.

Todas estas escolas possuem fortes vínculos sócio-históricos com as comunidades nas quais estão estabelecidas. A exemplo, situamos a EMEF Frei Tito, que foi fundada em 1995. Situada na periferia de Fortaleza, a Frei Tito atende crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Esta escola surgiu a partir do movimento social da associação dos moradores do bairro reivindicando a escolarização de seus filhos no território. O território está situado entre o mar e o mangue, portanto, na foz do Rio Cocó e atende filhos de pescadores, ambulantes, comerciantes locais, etc.. Em parceria com a escola neste projeto atuará também com o movimento social Coco Vivo, o projeto de extensão Afrodita, o projeto Ribeira do Coco e a Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba.

2. Definição do Problema:

Dentre os problemas encontrados, podemos destacar:

- 1- Necessidade de intervenção específica para crianças em situação de ameaça de morte, que não conseguem aderir às normas dos Programas de Proteção. Tais crianças estão recebendo negativa nos acolhimentos e geralmente apresentam os vínculos familiares fragilizados.
- 2- Urgência na ampliação das modalidades de serviço na Casa da Criança e Adolescente, que denominamos de Projeto Cirandas do Cuidado. A equipe desse Projeto seria o órgão conector entre os integrantes do Sistema de Garantia de Direitos, com a missão de construção e monitoramento do Projeto Terapêutico Singular e o acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de violência, reincidentes na Casa da Criança e do Adolescente em parceria com o Sistema de Garantia de Direitos, viabilizando a integralidade do cuidado, buscando reduzir os danos da violência, no desenvolvimento psicossocial e possíveis reincidências.
- 3- Efetivar a continuidade da proteção após a denúncia e o seguimento do cuidado, partindo da premissa da responsabilidade compartilhada, isso se dará através suporte para todos os órgãos que compõem a Casa da Criança e do Adolescente;
- 4- Prestar atenção psicossocial especializada e atuar na desmedicalização de crianças que vivem em Casas de Acolhimento;
- 5- Tornar mais efetiva as ações de formação da figura da Mãe Social;
- 6- Pesquisa em metodologias de intervenção para crianças com TEA que tenham potencial de ampliação de alcance e aplicação;
- 7- Qualidade de vida de crianças com Transtorno do Espectro Autista, e de sua famílias, tendo em vista o número muito elevado diagnósticos apresentados pela SME e a dificuldade de atender toda esta demanda de modo especializado;
- 8- Fragilidade nas ações de arte-educação que são oferecidas às crianças que vivem em comunidades periféricas, àquelas que estão vivendo em acolhimento temporário ou

permanente, bem como àquelas que frequentam a pré-escola em localidades mais vulneráveis.

3. Planejamento

a. Identificar os atores intersetoriais (sociais, políticos e econômicos) que participarão do projeto (público-alvo):

UFC/PREX/ACC Infâncias: as Ações Curriculares de Extensão (ACCS) são atividades extensionistas da Pró-Reitoria de Extensão (PREX) da Universidade Federal do Ceará (UFC). As ACCS são atividades que promovem o diálogo entre a comunidade acadêmica e outras comunidades, com foco na formação interdisciplinar e no impacto social. Neste contexto, a Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará inaugurou um projeto prioritário chamado Trancelim: @accs_infâncias. Um trabalho importante na proposição de Ações Curriculares em Comunidades de Saberes, para um atendimento às infâncias da Grande Fortaleza que reúne professores de diversas áreas do conhecimento. Neste sentido, Trancelim, pertence a esta rede que objetiva contribuir para o desenvolvimento integral de crianças, através de ações interdisciplinares e interprofissionais, em rede, que atuem na solução inovadora de problemas sociais concretos que afligem, especialmente, as infâncias das comunidades atendidas.

Casa de José de Alencar: a Casa de José de Alencar (CJA), situada no Sítio Alagadiço Novo, foi adquirida em 1965 pela Universidade Federal do Ceará (UFC), durante a gestão do Reitor Antônio Martins Filho. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), preserva, promove e difunde a obra do grande romancista cearense. Além das ruínas arqueológicas e da edificação histórica, o conjunto arquitetônico abriga a Pinacoteca Floriano Teixeira, a Biblioteca Braga Montenegro, o Museu Artur Ramos e a Coleção Luísa Ramos. A CJA articula diversas ações que articulam saberes e diálogos entre a Universidade Federal do Ceará e a comunidade circunvizinha.

Defensoria Pública do Estado do Ceará: através do NADIJ - Núcleo de Atendimento da Defensoria Pública à Infância e Juventude -, a Defensoria Pública do Estado

do Ceará tem se dedicado a um público bem especial: crianças e adolescentes. A partir de sua criação, tornou-se um órgão permanente da Defensoria Pública do Estado do Ceará e tem a missão primordial de realizar, em Fortaleza, o atendimento inicial e suporte de demandas que envolvam, diretamente ou indiretamente, os direitos específicos ou gerais de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Os defensores do núcleo trabalham diretamente com as questões previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA. Cabe ao núcleo o atendimento inicial à população no que diz respeito a questões como adoção, tutela, guarda, suprimimento de autorização para viagem, entre outros temas. O Núcleo também trabalha com Requerimento de Aplicação de Medida Protetiva.

Casa da Criança e do Adolescente: equipamento da Secretaria da Proteção Social, vinculado à Secretaria da Infância, Família e Combate à Fome. Foi inaugurado em julho de 2022 e disponibiliza um espaço que centraliza serviços especializados, que oferece atendimento integral às testemunhas, crianças e adolescentes vítimas de violência, buscando fortalecer a integração dos serviços, assegurando a qualidade do atendimento integral humanizado junto ao Sistema de Garantia de Direitos, evitando a revitimização das crianças e adolescentes em situação de violência. O atendimento inicia na Recepção e Setor de Acolhida e Atenção Psicossocial, onde a equipe composta por psicólogos e assistente sociais, realizam o atendimento à testemunha e vítima quando necessário, buscando identificar as demandas e realizar os encaminhamentos necessários ao Sistema de Garantia de Direitos: Saúde, Educação, Proteção Social, Segurança Pública e Justiça, para assegurar a Proteção integral da criança e adolescente. Dependendo da demanda ela poderá ser encaminhada imediatamente para: 1- Plantão do Conselho Tutelar e Núcleo de Apoio do Conselho Tutelar (FUNCI); 2- Delegacia de Combate e Exploração da Criança e Adolescente (Polícia Civil), a delegacia também conta com o apoio do projeto Rede Aquarela (FUNCI), que oferece acompanhamento psicossocial às crianças e adolescentes vítimas de crime sexual; 3- Grupo de Apoio à Vítima de Violência (Polícia Militar), que atua na perspectiva comunitária realizando visitas ou atendimentos por videochamada, de forma esporádica às vítimas e sua família, para evitar a revitimização, se o responsável do menor desejar; 4- Perícia Forense do Estado do Ceará, para realização da perícia quando necessário; 5- Promotoria de Justiça da Infância e Juventude; 6- Defensoria Pública; 7- Tribunal de Justiça - onde funciona o Núcleo de Depoimento Especial; 8- Acomodação Provisória - um ambiente adaptado para acolher provisoriamente a criança e seu adulto de referência por até 48 horas enquanto realiza procedimentos jurídicos cabíveis até o seu retorno familiar ou

programa de proteção quando necessário; 9- Brinquedoteca - serviço oferecido para o acolhimento das crianças que estão em atendimento com a supervisão de cuidadoras.

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza: a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza possui 621 unidades escolares. Estas unidades são compostas por: 327 escolas municipais, 186 Centros de Educação Infantil (CEIs) e 108 creches parceiras.

IPREDE - O IPREDE, fundado em 1986 como Instituto de Prevenção da Desnutrição e da Excepcionalidade, começou sua trajetória com a necessidade de prevenir e tratar a desnutrição infantil, bem como reduzir a vulnerabilidade social e a pobreza das mesmas. Com o passar do tempo, a instituição ampliou seu foco para o investimento na Primeira Infância, passando a se chamar Instituto da Primeira Infância. Para isso, o IPREDE acolhe mães e crianças do município de Fortaleza que chegam no instituto a partir do encaminhamento das unidades de saúde do município. Já a Trajetória da Criança está delineada na vigilância, triagem e intervenção no crescimento, desenvolvimento e comportamento infantil, por uma equipe multiprofissional, em atitude interdisciplinar, na prevenção e/ou tratamento de problemas nestas áreas.

Biblioteca comunitária da Sabiaguaba: Inaugurada em 2019, tem como objetivo o fomento à leitura, incentivo à cultura, cidadania, educação ambiental, o enraizamento comunitário e a inclusão social e digital das crianças, jovens e adultos da comunidade da Sabiaguaba. Atende também em torno de 220 crianças e adolescentes que frequentam oficinas de: esporte, teatro, dança, percussão, capoeira e sócio-pedagógicas. voluntários, que dividem se nas organização das atividades, do espaço, desde as mediações de leitura, catalogação dos livros, nossas redes sociais, captação de imagens, aos eventos externos, como o cine sabiá, passeios educativos. Esta ação contemplará cerca de 60 crianças de 4 a 6 anos de idade.

b. Definir estratégias de intersectorialidade a serem desenvolvidas:

Talita pretende alcançar a solidificação de uma rede intersectorial que compreende os seguintes atores: Universidade Federal do Ceará (UFC), Instituto da Primeira Infância -

IPREDE/Vincular, Secretaria Municipal de Educação (SME), Casa de José de Alencar, Defensoria Pública do Estado do Ceará, Casa da Criança e do Adolescente e Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba.

As estratégias relacionadas ao primeiro objetivo, serão executadas junto às Casas de Acolhimento e à Casa da Criança e do Adolescente, através das seguintes ações: Libélula, Cirandas, Cirandas do Cuidado, Itinerâncias e as abordagens da Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (PDC). Estas somarão saberes e esforços às equipes multidisciplinares parceiras que já atuam no trabalho com crianças em situação de institucionalização, permanente ou temporária.

Tais equipamentos, do estado do Ceará, dispõem de profissionais como: defensores públicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros; bem como espaços definidos para atendimento de tais casos. Serão traçados perfis de responsabilidades para cada agente envolvido, traçando metas e realizando reuniões periódicas de avaliação e planejamento para traçar estratégias eficazes para a tratativa dos problemas identificados.

Para alcance do segundo objetivo, por sua vez, pretende-se realizar as ações de extensão divididas em duas estratégias, quais sejam: ação e pesquisa junto às Vivências Inclusivas do Projeto Vincular; e abordagem junto às crianças com TEA e suas famílias, atendidas pelas escolas da rede municipal de educação: distrito VI, através da Tenda Brincante.

O Projeto Vincular já consiste em uma parceria entre a Secretaria da Educação de Fortaleza (SME) e o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), visando contribuir, com a qualidade e equidade, para o processo de desenvolvimento integral das crianças/estudantes com deficiência, transtorno do neurodesenvolvimento e altas habilidades/Superdotação, por meio do fortalecimento de ações inclusivas na escola, envolvendo todos os atores da comunidade escolar.

O Projeto Vincular trata, dentre outros modos de operação, de Vivências Inclusivas que possibilitam um ambiente pedagógico e vivencial como experiências sensoriais, estéticas, criativas, psicomotoras e socioemocionais que auxiliam no processo de aprendizagem das crianças. O público alvo desse eixo são as crianças com idade de 3 a 10 anos, matriculadas na Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental, das escolas de todos os Distritos Educacionais de Fortaleza.

Logo, a primeira estratégia ocorrerá no Iprede através da ação de extensão denominada Zumzum, em diálogo com a equipe do Vincular e com a equipe multiprofissional do Iprede. A metodologia de abordagem tem como pressuposto o

entendimento da diferença, atravessando o ensino e modos de aprendizagens. Para tanto, busca-se centrar em processos singulares e coletivos, segundo métodos de ensino-aprendizagem em aulas expositivas e estudos com foco na diversidade de corpos e aulas práticas, envolvendo encontros presenciais com atividades individuais, em duplas e em grupo, compreendendo a escuta, a disponibilidade, a percepção de si mesmo e do outro, bem como a capacidade de compor a partir dos elementos do outro e do instante. Creio que a atuação se dará conforme demanda do IPREDE / Vincular.

Já a Tenda Brincante, que é uma metodologia de ação de acolhimento que será realizada através de histórias de vida e trabalhos manuais, ocorrerá na Casa de José de Alencar. Esta ação pretende criar uma rede de apoio, formação e acolhimento às crianças com TEA que estão matriculadas nas pré-escolas da rede municipal de educação (Distrito VI).

A Casa de José de Alencar, por sua vez, é um centro cultural da UFC que irá abrigar a Tenda Brincante; acolherá as famílias das crianças atendidas e realizará a articulação com as comunidades atendidas. Diversos outros eventos ocorrem na CJA, tais como: encontro dos escoteiros, visitas ao equipamento, ações dos bombeiros com os idosos etc. Neste sentido, a Casa também irá articular estratégias para integrar estas ações em prol das comunidades circunvizinhas.

Já as estratégias relacionadas ao terceiro objetivo, terão duas células de atuação, são elas: as ações da Ciranda Paulo Freire e o Itinerante. A Ciranda Paulo Freire atuará, junto à SME, em territórios de vulnerabilidade socioeconômica e educacional, especificamente nas comunidades das seguintes escolas municipais: Frei Tito, Profa. Josefina Parente e Manuel Eduardo Pinheiro; bem como na Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba. Ademais, colaborará nas ações do Itinerâncias nas Casas de Acolhimento, através de vivências com arte e educação. Logo, a célula chamada de Itinerâncias será uma ação de educação criadora, que terá como carro chefe o Ateliê Pintante Itinerante, e fará sessões em cada um dos espaços atendidos por este projeto.

c. Descrever as ações de comunicação social junto à comunidade para a disseminação do projeto:

- Contato direto com as famílias das crianças a serem atendidas no Iprede;

- Contato direto com escolas, professores, familiares e comunitários;
- Contato direto com as famílias em potencial a serem atendidas na Tenda Brincante, através da mediação das pré-escolas selecionadas para participar do projeto;
- Gravação, edição e publicação de podcast, em parceria com o Imagina Podcast, projeto de comunicação e difusão já existente no âmbito da extensão da UFC;
- Publicação de livros de literatura infantil escrito por crianças a partir dos temas geradores Povos do mar e originários (visíveis e invisíveis)”, Agroecologia, Segurança Alimentar e do Meu Lixo Cuido Eu e As Artes do Fazer, Sentir e Pensar nas Linguagens Terramar;
- Publicação de catálogos temáticos do Coletivo Sabia / Sabiaguaba (plantas nativas, animais e povos ancestrais);
- Publicação de resultados em revistas científicas;
- Criação, junto com a ACCS Infâncias (Ação Curricular em Comunidade de Saberes - PREX/UFC) de um percurso formativo a ser ofertado a todos os atores envolvidos na rede do eixo 8 - Talita - e comunidades;

d. Descrever os PROTOCOLOS DE ATUAÇÃO INTERSETORIAL (PAI) a serem criados com as especificidades para a tratativa do problema, definindo fluxos e atribuições para as escolas e agentes intersetoriais:

- Universidade Federal do Ceará, junto à Pró Reitoria de Extensão e ao Trancelim: investir nos professores colaboradores, bolsistas e outros agentes de extensão; ativar escuta das demandas das comunidades, favorecendo e articulando diálogos para soluções inovadoras; fornecer equipamentos e espaços de trabalho; gerenciar institucionalmente este projeto;
- Casa de José de Alencar: criar espaços de diálogos com as comunidades vizinhas; estabelecer contato e promover encontros entre as ações que ocorrem na CJA; fornecer espaço para a execução das ações;
- Defensoria Pública do Estado do Ceará, através do NADII, e as Unidades de Acolhimento - São Miguel Arcanjo e Casa de Jeremias: gerar demanda; garantir e ordenar o acesso das equipes de professores e estudantes ao local, fornecer dados

quando necessário; disponibilizar outros profissionais para ação integrada; indicar e supervisionar as ações do AIT (Agente Intersetorial de Território);

- Casa da Criança e do Adolescente: gerar demanda, garantir e ordenar o acesso das equipes de professores e estudantes ao local, fornecer dados quando necessário; indicar e supervisionar as ações do AIT (Agente Intersetorial de Território); disponibilizar outros profissionais para ação integrada;
- SME: gerar demanda, garantir acesso a relatórios e outros documentos; facilitar o acesso às famílias das crianças com TEA; indicar e supervisionar as ações do AIT (Agente Intersetorial de Território);
- IPREDE: garantir acesso a relatórios e outros documentos; fornecer instalações, indicar e supervisionar as ações do AIT (Agente Intersetorial de Território);
- Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba: gerar demanda, fornecer instalações, facilitar o acesso às crianças deste território;

e. Descrever como será articulada a rede intersetorial a partir das atividades previstas:

A abordagem realizada pela Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (PDC) será efetivada junto à Casa de Jeremias para assegurar um melhor acompanhamento do desenvolvimento (motor, linguagem, cognitivo, emocional, sócio-relacional) dos bebês acolhidos. Para tanto, será realizada uma ação multidisciplinar integrando docentes e discentes da UFC, profissionais e parceiros da Casa de Jeremias em uma abordagem multidisciplinar e multiprofissional. Para tanto, serão utilizados instrumentos de aferição do desenvolvimento.

O Zumzum visa ofertar, ao Iprede/Vincular, consultoria, formação de profissionais e coordenação de oficinas artísticas. O objetivo é investigar possíveis protocolos de intenção com crianças autistas tendo a linguagem da dança como mediadora dos encontros entre as crianças e a equipe multiprofissional que os atende.

A Tenda Brincante acolherá, na Casa de José de Alencar, todas as crianças que estão diagnosticadas com Transtorno do Espectro Austista que estão matriculadas na rede municipal de educação, em pré-escola (4 e 5 anos). A demanda será enviada pela SME que irá articular a comunicação e sensibilização das famílias para que recebam esta ação de acolhimento uma vez por mês. A SME, juntamente com os professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE), e com a equipe da Tenda Brincante também poderá

realizar aplicação de instrumentos de avaliação para inferir sobre os resultados da participação da Tenda no desenvolvimento das crianças com TEA e seus relacionamentos familiares.

Cirandas do Cuidado, por sua vez, pretende, por meio de atendimentos individuais e em grupo com crianças residentes das instituições participantes - realizadas por alunos do curso de psicologia, educação, medicina, arte, enfermagem e odontologia -, identificar demandas em saúde e saúde mental e planejar o melhor tipo de intervenção a ser feita para auxiliar as crianças no desenvolvimento do reconhecimento da própria identidade, do outro e da formação de vínculos com os cuidadores, famílias biológicas e possíveis adotantes, bem como da seguridade de seus direitos.

Libélula é a célula em arte-educação que atuará, junto ao Cirandas do Cuidado, especificamente nas intervenções através das linguagens artísticas, na expressão livre e bem estar das crianças, através da oferta de oficinas artísticas interdisciplinares com foco nas narrativas pessoais e imaginárias.

Já a Ciranda Paulo Freire conta com ações intersetoriais que integrarão a unidade e a transversalidade entre a educação. O objetivo é vivenciar, junto com crianças de 4 a 6 anos de idade, matriculados nas EMEIEF parceiras e selecionadas pela SME, vivências dentre as quais destacamos: desenho livre, desenho de formas, trabalhos manuais (tricô de dedo e bordado), pintura em giz de cera, giz pastel e aquarela, trabalho com a terra (plantio e colheita de agrofloresta e gestão dos resíduos sólidos), percursos educativos em trilhas na comunidade, imersão com famílias no mangue e na mata do miriu e em organismos governamentais como o Museu da Imagem e do Som, da Fotografia e Caixa Cultural, mediação de leitura e contação de história de povos do mar, valorizando e promovendo a cultura africana, afro-brasileira, indígena, dentre outras minorias, invencionando, como nos ensina Manoel de Barros, a partir dos quintais, dos minerais, vegetais, animais e humanos, circularmente e apontando alguns caminhos possíveis de diálogos entre as culturas, da lida com a terra e construindo coletivamente ações intersetoriais comprometidas com o SER HUMANO, apoiada no desenvolvimento sustentável, nas múltiplas linguagens artísticas, na arte da educação e no diálogo intercultural.

O projeto Cirandas, por sua vez, propõe a atuar com crianças e adolescentes em situação de privação parental, vítimas de diversos tipos de violência, e em situação de acolhimento institucional e familiar. Nesse contexto, as ações de extensão acontecerão por meio do cuidado em saúde mental realizado por alunos de psicologia, integradas a atividades de letramento e cuidado em saúde bucal e letramento em direito e vulnerabilidade. Todo o

trabalho será realizado juntamente com a equipe que atua nas casas de acolhimento que serão atendidas, fortalecendo o trabalho multiprofissional e a abordagem interdisciplinar junto às crianças. Ademais, ao longo do período do projeto outras demandas serão observadas, havendo posteriormente e também periodicamente supervisão, planejamento e execução de possíveis intervenções em saúde.

Itinerâncias é a célula, inicialmente trabalhada através do Ateliê Pintando Itinerante, que irá visitar todos os espaços atendidos neste projeto, em periodicidade pré-estabelecidas, que atendem crianças de 4 a 06 anos de idade. Nestas ocasiões ocorrerão sessões semanais de até 40 minutos no jogo de pintar, em total liberdade de expressão como regra.

f. Descrever o SISTEMA DE MONITORAMENTO DAS AÇÕES INTERSETORIAIS NO TERRITÓRIO (Governança) a ser criado para o registro das ações realizadas no âmbito dos Protocolos de Atuação Intersetorial (PAI) e para a integração das ações do projeto em rede, com possíveis indicadores para acompanhamento e avaliação do projeto:

Para registros das ações realizadas no âmbito do PAI, propomos a participação de um dos professores envolvidos na ação do Talita: "Talita: liberdade de ser, apego e educação criadora" para compor o Comitê de Governança, acompanhando, monitorando e avaliando as ações de extensão desenvolvidas neste eixo; bem como organizando e fornecendo dados ao Coordenador do Projeto e ao Coordenador Institucional.

Contudo, para o acompanhamento dos problemas elencados neste eixo e mensuração de resultados, o Sistema de Monitoramento das Ações comportará reunião mensais, alternadamente com os colaboradores, professores coordenadores das ações, e/ou bolsistas de extensão (IEXT) e Agentes Intersetoriais de Território (AIT); preenchimento de formulário eletrônico; visitas *in loco* a cada ação integrante do eixo.

Ademais haverá a criação de um modelo de relatório de escuta especializada; bem como indicadores para avaliação de resultados a serem aplicados diretamente às crianças e suas famílias, para acompanhamento de cada acolhido e estudante atendido por este eixo.

VII. RESULTADOS ESPERADOS:

Espera-se que as crianças tenham:

- Maior facilidade de se relacionar, de um modo geral, com mais clareza do reconhecimento de si e do outro, bem como dos vínculos que formou e formará ao longo do período em que estiver institucionalizada e durante a vida;
- Melhoria quanto à reorganização neurossensorial e emocional;
- Melhoria da qualidade da alimentação;
- Diminuição no nível de medicalização;
- Potencialidade e liberdade criadora, com vistas na formação artística e estética dos sujeitos;
- Melhoria nos indicadores na Prova Brasil em 50%;
- Melhoria nos resultados educacionais em 30%

Ainda pretende-se como meta de resultado:

- Exposição de 08 Livros paradidáticos, temáticos, produzidos por crianças da EMEF Frei Tito, sendo dois de cada tema gerador;
- Exposição dos desenhos e produções das crianças utilizando diferentes técnicas e técnicas mistas na EMEF Frei Tito e na Biblioteca Comunitária;
- Horta Escolar e comunitária na EMEF Frei Tito e Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba;
- Produção de dois documentários audiovisual com tema eleito e dirigido por crianças da EMEF Frei Tito e da Biblioteca Comunitária;
- Criação e apresentação pública de espetáculo teatral para crianças com TEA e suas famílias;
- Produção e divulgação de um mini-documento sobre as ações realizadas no neste projeto;
- Elaboração de 06 produções científicas: resumos, artigos, relatos de experiência;
- Realização de um seminário de extensão em rede.

VIII. PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA (inserir linhas, conforme a proposta)

PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA	
Abril de 2025 à Março 2028 - 36 meses	
RUBRICA	VALOR (R\$)
CUSTEIO	
Material de Consumo	245.245,00
Bolsa - Auxílio Financeiro a estudantes (IEXT)	1.864.800,00
Bolsa - Auxílio Financeiro a Agente Intersetoriais no Território (AIT)	612.000,00
Bolsa - Auxílio Financeiro a Colaboradores	720.000,00
Outros Serviços de Terceiros – Pessoa Jurídica	318.100,00
Total	3.760.145,00

IX - CRONOGRAMA INDICATIVO DE EXECUÇÃO (inserir linhas e colunas na tabela, conforme as atividades e a duração do projeto)

[illegible]

[illegible][illegible]

[illegible]

Viveiro de Mudas - Cirandas Paulo Freire / SME				5x								
Percursos educativos - Cirandas Paulo Freire / SME		3x				3x				3x		
Produção e distribuição de oito livros paradidáticos, temáticos, produzidos pelas crianças - Cirandas Paulo Freire / SME												x
Produção de catálogos temáticos								x				
Exposições de fotografias produzidas pelas crianças						4x						

DISCRIMINAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO	TEMPO		
	Ano 2028		
	01	02	03
Cirandas do Cuidado - Casa da Criança e do Adolescente	x	x	x
Cirandas - São Miguel Arcanjo	x	x	x
PDC - Casa de Jeremias	x	x	x
Libélula - São Miguel Arcanjo e Casa da Criança e do Adolescente	x	x	x
Zumzum - Iprede / Vincular		x	x
Tenda Brincante - CJA / SME	x	x	x

Ciranda Paulo Freire - SME e Biblioteca Comunitária da Sabiaguaba		X	X
Ateliê Pintante Itinerante	X	X	X
Encontros intersetoriais de formação	X	X	X
Publicação de resumos e participação em Eventos Científicos			X
Publicação de artigo em revista científica			X
Publicação de relatório de resultados			X
Percursos educativos - Cirandas Paulo Freire / SME		X	
Produção de dois documentários audiovisual - Cirandas Paulo Freire / SME			X
Criação e apresentação de espetáculo teatral			X
Seminários Redes de Extensão			X
Confecção de cartões postais			X
Produção científica com base em vivências artísticas			X
Produção e difusão de um minidocumentário sobre o projeto Talita.			X

Prazos contados a partir do efetivo repasse dos recursos